



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

BONIFÁCIO LEMOS DA COSTA

Do dizer ao fazer...

Uma leitura exegético e teológico de Lc 10, 25-37

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor João Alberto Sousa Correia

Braga
2022

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo à Ordem Hospitaleira de S. João de Deus – Missão em Timor Leste

Aos meus pais e à minha avó.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, pela graça que tem me concedido para fazer este curso;

À Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, na pessoa do provincial e seu conselho e tantos outros irmãos que me deram incentivos;

À comunidade dos Irmão de S. João de Deus em Barcelos, por me proporcionar condições de estudos durante a minha estadia em Portugal;

À minha família que está nas terras Timorenses;

À tantos amigos que me deram os seus apoios;

Ao meu Orientador, Prof. Doutor João Alberto Correia, que me acompanhou este tempo com muito paciência, conhecimento e, acima de tudo, sabedoria.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	III
AGRADECIMENTO	IV
ÍNDICE.....	V
RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
ÍNDICE DE ABREVIATURAS	IX
INTRODUÇÃO.....	1
I. APROXIMAÇÕES AO TERCEIRO EVANGELHO	3
1. Autoria e Origem	4
1.1. <i>O autor do Terceiro Evangelho</i>	4
1.2. <i>Circunstâncias étnicas de Lucas</i>	7
2. Data e lugar de composição	8
2.1. <i>Data</i>	8
2.2. <i>Lugar de composição</i>	10
3. Destinatários e finalidades	11
3.1. <i>Destinatário(s)</i>	11
3.2. <i>Finalidades</i>	13
4. A estrutura e o conteúdo do evangelho	16
4.1. <i>Estrutura</i>	16
4.2. <i>Particularidades de Lucas</i>	19
4.3. <i>Temas teológicos e chaves de leitura</i>	21
4.3.1. <i>O mistério da Páscoa, em Jerusalém</i>	23
4.3.2. <i>O universalismo da salvação</i>	23
4.3.3. <i>A bondade e a misericórdia</i>	24
4.3.4. <i>A boa notícia para os pobres</i>	24
Síntese do capítulo.....	25
II. LUCAS 10, 25-37: UM TEXTO SITUADO	27
1. Texto e tradução.....	27
1.1. <i>O texto de Lc 10, 25-37</i>	28
1.2. <i>Tradução</i>	29

2. Análise lexical.....	30
2.1. <i>Formas verbais</i>	31
2.2. <i>Outras formas gramaticais</i>	32
3. Análise morfosintática.....	34
4. Delimitação e articulação textual.....	41
5. Estrutura interna do relato.....	42
6. Intertextualidades.....	45
6.1. <i>Lc 10, 25-28</i>	45
6.2. <i>Lc 10, 29-37</i>	48
7. Temas teológicos	49
Síntese do capítulo.....	51
III. RITUALIDADE RELIGIOSA OU HUMANISMO CRENTE?.....	53
1. O culto.....	53
1.1. <i>O culto na Sagrada Escritura</i>	54
1.2. <i>Culto ou humanismo, em Lc 10, 25-37?</i>	57
2. A compaixão como culto encarnado.....	64
2.1. <i>Misericórdia</i>	65
2.2. <i>Hospitalidade</i>	69
3. A provocação do próximo.....	72
3.1. <i>O conceito de próximo</i>	72
3.2. <i>O próximo como caminho para a vida eterna</i>	75
Síntese do capítulo.....	78
CONCLUSÃO.....	79
1. O caminho percorrido	79
2. Um caminho em aberto.....	83
BIBLIOGRAFIA.....	85
1. Fontes.....	85
2. Magistério	85
3. Livros, Dicionários e Teses	86
4. Artigos	90
5. Netgrafia.....	92

RESUMO

Damos início a este estudo com algumas aproximações ao Terceiro Evangelho, num itinerário onde abordamos a sua génese (autor, data e lugar de composição, destinatários e conteúdos do evangelho). De seguida, debruçamo-nos sobre o texto do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37), detendo-nos, de modo especial, na análise lexical e morfossintática de algumas palavras que achamos serem da maior relevância para o trabalho que estamos a realizar. Destacamos também alguns dos seus principais temas teológicos. Por fim, detemo-nos no estudo de Lc 10, 25-37, num prisma cultural, a partir das atitudes dos personagens que dão rosto à narrativa. No âmbito da ritualidade religiosa e humanista, explora-se alguns aspetos que achamos de grande importância: a questão do culto, a análise das atitudes que o reconfiguram e, por fim, o culto encarnado que abre portas à proximidade.

Palavras chave: samaritano; culto; humanismo; próximo

ABSTRACT

We begin this study with some approaches to the Third Gospel, in an itinerary where we approach its genesis (author, date and place of composition, recipients, and contents of the Gospel). Next, we turn to the text of the Good Samaritan (Luk 10, 25-37), focusing in a special way on the lexical and morphosyntactic analysis of some words that we think are of the greatest relevance to the work we are doing. We also highlight some of its main theological themes. Finally, we focus on the study of Luk 10, 25-37, from a cultural (adjective of worship) perspective, from the attitudes of the characters that appear in the narrative. Within the scope of religious and humanist ritual, we explore some aspects that we think are important: the issue of worship, the analysis of attitudes that reconfigure it and, finally, the incarnate worship that opens doors to proximity.

Keywords: Samaritan; cult; humanism; neighbor

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Ag	Profeta Ageu	1 Pe	1ª Carta de S. Pedro
At	Atos dos Apóstolos	Pr	Provérbios
Cl	Carta aos Colossenses	Rm	Carta aos Romanos
1 Cr	1º Livro das Crónicas	1 Rs	1º Livro dos Reis
Dt	Deuteronómio	2 Rs	2º Livro dos Reis
Esd	Esdras	Rt	Rute
Ex	Êxodo	Sir	Ben Sira
Ez	Profeta Ezequiel	1 Sm	1º Livro de Samuel
Flm	Carta a Filémon	2 Sm	2º Livro de Samuel
Gl	Carta aos Gálatas	Tb	Tobite
Gn	Génesis	1 Tm	1ª Carta a Timóteo
Heb	Carta aos Hebreus	2 Tm	2ª Carta a Timóteo
Is	Profeta Isaías		
Jb	Job	AAS	Acta Apostolicae Sedis
Jo	Evangelho de S. João	AT	Antigo Testamento
Jr	Profeta Jeremias	BJ	Bíblia de Jerusalém
Js	Josué	BS	Bíblia Sagrada
Jz	Juízes	BSPC	Bíblia Sagrada em Português Corrente
Lc	Evangelho de S. Lucas	CEP	Conferência Episcopal Portuguesa
Lv	Levítico	Cf.	Confrontar ou conferir
1Mac	1º Livro dos Macabeus	CPAD	Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Mc	Evangelho de S. Marcos	No	Número
Mq	Profeta Miqueias	NT	Novo Testamento
Mt	Evangelho de S. Mateus	SNEC	Secretariado Nacional da Educação Cristã
Ne	Neemias	TEB	Tradução Ecuménica da Bíblia
Nm	Números	v. (vv.)	versículo (versículos)
Os	Profeta Oseias	vol.	volume

INTRODUÇÃO

O Terceiro Evangelho é o mais longo dos quatro evangelhos. No entanto, é apenas metade da grande obra de Lucas. Originalmente, estava ligada ao livro dos Atos, ou seja, era a primeira parte de uma obra organizada em dois volumes: Evangelho e Atos dos Apóstolos. É uma obra magnífica que combina e une a história de Jesus com a da Igreja dos primeiros tempos¹. Quando fazemos uma análise destas duas obras, vemos que o estilo literário e o nível gramatical do autor são muito ricos: apresenta um grego superior ao dos outros evangelhos, que não está preso ao uso de palavras e construções de origem semítica.

O denso conteúdo do Terceiro Evangelho é desenvolvido em 24 capítulos. De todos eles, chamou-nos a atenção a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37), um dos seus textos exclusivos. Os exegetas debruçaram-se sobre ele, ao longo dos tempos, nas suas mais diversas dimensões: teológica, filosófica, ética, caritativa. Também nos propomos estudá-lo teologicamente, mas do ponto de vista cultural.

O nosso estudo está organizado em três partes: aproximação ao evangelho de Lucas; apresentação e estudo da parábola, a partir da materialidade do seu texto; e, por fim, uma leitura teológica, em chave cultural.

No primeiro capítulo, discorreremos acerca do autor e da sua origem, da data e lugar da composição, do destinatário e seu propósito e dos conteúdos do evangelho. Segundo a tradição, o autor do Terceiro Evangelho é Lucas, um pagano-cristão de Antioquia da Síria, médico de profissão, que se juntou a Paulo, na segunda viagem missionária (cf. At 16, 10-11). Ao longo do evangelho, não encontramos nada que justifique a data e o lugar da sua composição e isto contribui para que haja diversidade de opiniões, não havendo, por

¹ Cf. Raymond E. Brown, *Introducción al Nuevo Testamento, I* (Madrid: Trotta, 2002), 311.

isso, consenso entre os exegetas. Por outro lado, tanto o Evangelho como o livro dos Atos sugerem Teófilo como destinatário (cf. Lc 1, 3 e At 1, 1), com a intenção de lhe reavivar a fé (cf. Lc 1, 4), em retrocesso por causa do retardamento da parusia (cf. Lc 18, 8).

No segundo capítulo, debruçamo-nos sobre o texto do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37). Partimos de uma abordagem direta ao texto grego e sua tradução. Fazemos uma análise lexical do texto, com o intuito de ter noção da riqueza das formas gramaticais que apresenta e, em seguida, fazemos uma análise morfossintática de algumas palavras que achamos serem da maior relevância para o trabalho que estamos a realizar. Depois desta análise do texto, avançamos para a delimitação, no sentido de justificar que Lc 10, 25-37 é uma unidade textual, em relação aos textos envolventes. A partir daí, propomos uma estrutura interna do texto em estudo, com o intuito de ajudar a melhor o compreender. Para isso, contribuirão também os textos paralelos dos outros evangelhos e livros, tanto no NT como no AT. A concluir o capítulo, destacamos alguns dos seus principais temas teológicos.

No terceiro capítulo, fazemos um estudo mais detalhado acerca das atitudes dos personagens da parábola em relação ao homem caído semimorto: por um lado, o sacerdote e o levita, personagens do templo, totalmente fiéis ao cumprimento da lei de Deus, sem a transgredir, preocupados com a pureza cultual (cf. Nm 5, 2; 19, 2-13; Ez 44, 25-27; Lv 21, 1-3); e, por outro, um samaritano, pessoa excluída do mundo judaico, que remete para o verdadeiro culto (cf. Mq 6, 8; Ex 23, 4-5; Lv 19, 34; 2 Rs 6, 8-23). Assim, num primeiro momento, procuramos descrever o culto e a interpretação que dele encontramos na Sagrada Escritura, mais concretamente no texto do Bom Samaritano. Em seguida, olhamos para as personagens da parábola como exemplo das atitudes que reconfiguram o culto desfigurado e, por fim, o culto encarnado, abrindo portas à questão da proximidade.

I. APROXIMAÇÕES AO TERCEIRO EVANGELHO

Neste capítulo, faremos algumas aproximações ao Evangelho segundo Lucas, em quatro momentos. O primeiro contempla o seu autor e a sua origem. O evangelho é atribuído a Lucas, um pagano-cristão de Antioquia da Síria que foi «muito tempo, companheiro de Paulo; que esteve muito relacionado com outros apóstolos, aprendendo com eles a arte de curar as almas, como médico que era»².

No segundo momento, trataremos da data e lugar da composição do evangelho, assunto que já foi, noutros tempos, uma questão maior da exegese. Há sobre o assunto e entre os exegetas uma tal multiplicidade de opiniões que não é possível que se chegue a um consenso.

O terceiro momento versará o destinatário e o propósito do Terceiro Evangelho. O destinatário aparece identificado no prólogo com o nome de Teófilo (1, 3). Porém, levanta-se uma questão: quem é Teófilo? Duas hipóteses foram propostas: um ilustre cristão a quem Lucas dedica este escrito; todos os cristãos ou os membros da comunidade lucana (o nome grego Teófilo significa “amigo de Deus”), sendo assim um nome fictício, por um lado, e emblemático, por outro. O propósito do evangelho, a sua finalidade, é que o seu destinatário reconheça a “solidez” ou “firmeza” da doutrina em que fora instruído (1, 4)³.

Por último, tendo em conta a estrutura e o conteúdo do seu evangelho, destacaremos alguns dos temas teológicos e dos textos exclusivos de Lucas.

² Inácio de Veigas, *Colóquios Bíblicos* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1966), 85.

³ Cf. Miguel Ángel Fuentes, *Comentario al Evangelio de San Lucas* (San Rafael: Apostolado Bíblico, 2015), 14.

1. Autoria e Origem

Como adiante veremos, a tradição que atribui autoria lucana ao Terceiro Evangelho é muito antiga. Todavia, assim como outros escritos do Novo Testamento, o Evangelho de Lucas não traz grafado o nome de seu autor. Deduzimos que seja aquele de que fala Paulo: “Lucas, o caríssimo médico” (Cl 4, 14; 2 Tm 4, 11 e Flm 24)⁴.

1.1. O autor do Terceiro Evangelho

Sobre o autor do Terceiro Evangelho, não sabemos muito, pois o próprio não revela o seu nome, a sua origem ou a sua condição social e eclesial⁵. Podemos dizer que «é anónimo (os títulos atuais que atribuem cada evangelho a um autor só aparecem tardiamente nos manuscritos)»⁶. Como não temos dados diretos que nos forneçam essas informações, servimo-nos dos indícios internos (Evangelho e Atos dos Apóstolos) e externos (aquilo que a tradição nos forneceu).

1.1.1. Dados internos

Lucas é o único evangelista que utiliza o pronome na primeira pessoa do singular, um procedimento que se verifica tanto no prólogo do Evangelho (Lc 1, 3) como no dos Atos dos Apóstolos (At 1, 1).

Deduzimos que o autor do Terceiro Evangelho não faz parte do grupo dos Doze, pois a sua narração leva-nos a perceber que não foi testemunha ocular de Jesus (do que Ele disse e fez), mas depende dos que o foram, ou seja, o autor «escreve a partir das

⁴ Cf. José Gonçalves, *Lucas o Evangelho de Jesus, o Homem Perfeito* (Rio de Janeiro: CPAD, 2015), 14.

⁵ John MacArthur diz que «muito pouco se sabe sobre Lucas. Ele quase nunca fornece detalhes pessoais sobre si mesmo, e nada de exato se sabe sobre sua vida e sua conversão», (John MacArthur, *Lucas - Estudos bíblicos de John MacArthur* [Cambuci: Cultura Cristã, 2011] 5).

⁶ Augustin George, *Para ler o Evangelho de Lucas* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1979), 8.

testemunhas oculares que encontrou na sua vida (Lc 1, 2-4)»⁷. Portanto, tratar-se-á de um cristão de segunda ou terceira geração⁸. Por outro lado, adianta-se a possibilidade de o autor fazer parte dos setenta e dois discípulos enviados em missão (Lc 10, 1-20), mas convém ter em conta que, nessa perícopie, o autor não identifica nenhum nome.

O livro dos Atos dos Apóstolos «apresenta-nos um elemento de maior interesse nas assim chamadas “perícopes nós” ou para outros chamadas “secção nós” (At 16, 10-17; 20, 5-15; 21, 1-18; 27, 1 - 28, 16), passagens em que se fala das missões de Paulo e nas quais o narrador fala na primeira pessoa do plural»⁹. Sobre isto, alguns «intérpretes têm debatido se as seções em primeira pessoa do plural (“nós”) refletem o testemunho de uma testemunha ocular ou se constituem um recurso literário com o propósito de criar essa impressão»¹⁰. Parece que o autor do Terceiro Evangelho conhecia bem Paulo, de quem se apresenta como companheiro de viagem, como se depreende da secção “nós”. Mas há outros que rejeitam tal associação e tentam fazer uma comparação entre o que se diz de Paulo, em Atos, e o seu autorretrato, nas cartas paulinas. Argumentam que estes dois quadros não se harmonizam, tanto nos detalhes históricos como nas ênfases teológicas. Por outro lado, o autor do Terceiro Evangelho também não refere as cartas paulinas para descrever o trabalho e o ponto de vista de Paulo¹¹.

Estudiosos mais recentes, como Carlos Mesters e Francisco Orofino, defendem que o autor do Terceiro Evangelho foi companheiro de viagem de Paulo. Provavelmente, juntou-se ao grupo de Paulo durante a segunda viagem missionária e começou a acompanhá-lo (At 16, 10), pois, o relato dos Atos dos Apóstolos, de repente, passa da

⁷ Joaquim Carreira das Neves, *Evangelhos Sinópticos* (Lisboa: Universidade Católica, 2018), 314.

⁸ Cf. Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas, I: Introducción general* (Madrid: Cristiandad, 1986), 71.

⁹ Cf. Augustin George, *Para ler o Evangelho de Lucas*, 8.

¹⁰ Daniel G. Reid, *Dicionário Teológico do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2012), 860.

¹¹ Cf. Daniel G. Reid, *Dicionário Teológico do Novo Testamento*, 860.

terceira pessoa do plural (eles) para a primeira pessoa (nós), ou seja, parece ser um relato de alguém que estava na viagem¹².

Tal como a maioria dos autores (Joseph Augustine Fitzmyer¹³, François Bovon¹⁴ ou Miguel Ángel Fuentes¹⁵), também nós pendemos para a conclusão de que os elementos que aparecem na “secção nós” não teriam sido inventados, principalmente quando o autor utiliza os verbos na primeira pessoa do plural para marcar a sua presença, tanto nas viagens como nos acontecimentos.

1.1.2. Dados externos

As cartas paulinas citam alguns dos colaboradores de Paulo como Marcos, Aristarco, Demas e Lucas (Flm 24; Cl 4, 14) e a essa lista é possível acrescentar alguns nomes como Timóteo, Tito, Silas, Epafras e Barnabé. Apesar da ampla lista de personagens, a tradição da Igreja primitiva escolheu apenas um nome como autor dos dois volumes: Lucas. No ano 200 d. C., essa tradição já se havia estabelecido solidamente, sem nenhum indício de opinião em contrário¹⁶.

O título *Ευαγγέλιον κατά Λουκᾶν*¹⁷ (Evangelho segundo Lucas) encontra-se no final de um dos manuscritos mais antigos, o Papyrus Bodmer, datado do ano 175-225 d. C.¹⁸ e conhecido com a sigla P⁷⁵ (papiro 75). Para além disso, também o Cânon Muratoriano (datado entre 170 e 180 d. C.), nas linhas 2-8, refere que o Terceiro Evangelho é segundo Lucas.

¹² Carlos Mesters, Francisco Orofino, *Crescer em Amizade: Uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas* (São Paulo: Paulus, 2019), 7.

¹³ Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas I: Introducción general*, 73-74.

¹⁴ François Bovon, *El evangelio según san Lucas, I: Lc 1-9* (Salamanca: Sígueme, 1995), 40.

¹⁵ Miguel Ángel Fuentes, *Comentario al Evangelio de San Lucas*, 13.

¹⁶ Cf. Daniel G. Reid, *Diccionario teológico do Novo Testamento*, 860.

¹⁷ Este «nome não é um nome comum, e é provavelmente uma forma abreviada de Λύκιος e Λύκανος». (Archibald Thomas Robertson, *Comentário de Lucas à Luz do Novo Testamento Grego* [Rio de Janeiro: CPAD, 2013] 16).

¹⁸ Cf. Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas I: Introducción general*, 72.

Lucas seria médico de profissão, mas, após a ascensão de Cristo, Paulo levou-o consigo, por ser um bom escritor¹⁹.

Na obra *Adversus Marcionem*, Tertuliano diz que Lucas, médico e discípulo de Paulo, é o autor do Evangelho e do livro dos Atos dos Apóstolos²⁰. Ireneu de Lyon, em *Adversus Haereses*, III 1, 1, refere-se a Lucas como «companheiro e discípulo dos apóstolos». Eusébio de Cesareia «diz-nos que Lucas foi, muito tempo, companheiro de Paulo; que esteve muito relacionado com outros apóstolos, aprendendo com eles a arte de curar as almas, como médico que era»²¹.

1.2. Circunstâncias étnicas de Lucas²²

Muito se tem discutido acerca da origem do autor do Terceiro Evangelho: é pagão ou semita? Uma análise atenta do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos conclui que parece não ter nascido no seio do judaísmo, pois o seu estilo literário e nível gramatical é muito rico e apresenta um grego superior ao dos outros evangelhos: uso abundante do optativo (28 vezes), utilização do aoristo, em vez do presente histórico; vocabulário abundante (usa 2055 palavras diferentes, num total de 19.404 palavras, entre as quais 971 são *hápax legomena* e 640 não são usadas nem por Marcos nem por Mateus²³). Além disso, o autor parece fugir do uso de palavras de origem semítica.

Estes dados levam-nos a afirmar, com a maioria, que o autor do Terceiro Evangelho era um pagano-cristão, com origem provável em Antioquia, onde recebeu uma excelente

¹⁹ Cf. Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas I: Introducción general*, 74.

²⁰ Cf. Josef Schmid, *El Evangelio según San Lucas* (Barcelona: Herder, 1968), 11.

²¹ Inácio de Veigas, *Colóquios Bíblicos*, 85. Interessante olharmos também para Taylor Caldwell, que faz uma combinação de duas imagens, ao falar de Lucas como médico de homens e de almas. Tal reflete a constante preocupação de Lucas, no seu evangelho, para com o sofrimento de enfermos, oprimidos e pobres (cf. Taylor Caldwell, *Medico de Homens e de Almas* [Rio de Janeiro: Editora Record, s/a]).

²² Inácio de Veigas, *Colóquios Bíblicos*, 85.

²³ Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas I: Introducción general*, 81.

²³ Cf. Antonio Rodríguez Carmona, «La obra de Lucas (Lc-Hch)», em Rafael Aguirre Monasterio - Antonio Rodríguez Carmona, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, (Estella: Verbo Divino, 1992), 288-291.

educação na cultura e mentalidade helenísticas, mesmo se não era de descendência grega²⁴. Parece aludir a isso Cl 4, 10-14, onde Paulo menciona três dos seus colaboradores judeo-cristãos, enquanto o nome de Lucas aparece ao lado dos outros colaboradores do apóstolo, presumivelmente pagano-cristãos²⁵.

2. Data e lugar de composição

A data e o lugar de composição já não são, hoje, como foram noutros tempos, questões maiores da exegese. Mesmo assim, falamos delas porque, no processo da contextualização histórica e literária deste evangelho, impõe-se que o façamos.

2.1. Data

Não é possível encontrar uma data precisa, aceite por todos, para o Evangelho de Lucas. Porém, pode estabelecer-se datas aproximadas. Apresentamos duas opiniões diferentes²⁶: a primeira é a composição do evangelho antes da destruição do Templo de Jerusalém (ano 70 d. C.), a segunda aponta para a sua composição depois da destruição do Templo.

A primeira posição fundamenta-se na constatação de que, percorrendo o Evangelho e os Atos dos Apóstolos, não se encontra nenhuma referência às Cartas de Paulo. Parece que o autor desconhece a existência de um *Corpus Paulinum* e mesmo o facto de não haver qualquer relato sobre o martírio de Paulo «poderá significar que as duas obras foram

²⁴ Cf. Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas I: Introducción general*, 82-83.

²⁵ Cf. Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas I: Introducción general*, 81-82.

²⁶ Alguns autores, como Daniel G. Reid, apresentam três possibilidades. Além das duas que apresentámos, há mais uma terceira que aponta para o séc. II, ou seja, com a base em materiais provenientes de Marcião, Josefo, Justino Mártir e dos textos pseudoclementinos, tem se defendido uma data entre início e meados do século II (Cf. Daniel G. Reid, *Diccionario teológico do Novo Testamento*, 864).

escritas antes desta data»²⁷. Nesta linha se situa Josef Schmid, sugerindo que a data da composição do Terceiro Evangelho possa ser o começo dos anos 60, um argumento que encontra algum fundamento nos testemunhos e nos escritos da tradição antiga: Eusébio, Jerónimo e Ireneu. Não se encontra, portanto, outro argumento mais sólido que a tradição para afirmar que Lucas foi escrito antes do ano 70²⁸.

Para John MacArthur²⁹, o Terceiro Evangelho foi escrito nos anos 60 d. C. e fundamenta-se para tal nas características do autor: se ele costuma registar o cumprimento da profecia (cf. At 11, 28), então é extremamente improvável que tenha escrito esses livros (Lc-At) depois da destruição do Templo de Jerusalém. Atos também não faz nenhuma menção à grande perseguição que começou sob o Imperador Nero, em 64 d. C. Além disso, muitos autores acham que, se o martírio de Tiago (62 d. C.) tivesse acontecido antes de Lucas terminar os dois livros, ele certamente teria mencionado o acontecimento. Portanto, a data mais provável para esse Evangelho é 60 ou 61 d. C. Inácio de Veigas vai mais longe e afirma que Lucas «deve ter escrito o seu evangelho pelos anos 50 a 60 depois de Cristo»³⁰.

Uma segunda posição, partilhada pela maioria dos investigadores, situa a composição do Evangelho após o ano 70 da era cristã. Tal parece comprovar-se a partir dos dados internos do Evangelho³¹ que parecem sugerir que a sua escrita teria acontecido depois da conquista e destruição de Jerusalém pelas tropas de Tito. Joseph A. Fitzmyer situa a composição da obra de Lucas entre os anos 80-85³².

Há outras razões para afirmar que a composição do Terceiro Evangelho aconteceu depois dos anos 70 d. C.: Lucas parece escrever depois da morte de Paulo e conhecer

²⁷ Joaquim Carreira das Neves, *Evangelhos Sinópticos*, 327.

²⁸ Cf. Josef Schmid, *El Evangelio según San Lucas*, 40-41.

²⁹ John MacArthur, *Lucas. Estudos bíblicos de John MacArthur*, 6.

³⁰ Inácio de Veigas, *Colóquios Bíblicos*, 86.

³¹ Cf. Lc 19, 43-44; 21, 20.24; 23, 28-30.

³² Cf. Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas I: Introducción general*, 107.

perfeitamente o evangelho de Marcos. A propósito, afirma Joaquim Carreira das Neves que «às mesmas conclusões chegam quase todos os autores que defendem que o evangelho de Lucas foi escrito depois do de Marcos»³³.

2.2. Lugar

Sobre o lugar de composição do Evangelho, a tradição antiga fala-nos de diversas possibilidades: o Prólogo do *Adversus Marcionem* fala da Acaya (Grécia) e S. Jerónimo da Beócia (Grécia).

Nos estudos mais recentes, também não há consenso sobre o assunto. Charles L. Childers argumenta que pode ter sido escrito em Cesareia, enquanto Paulo esteve ali aprisionado. É um período em que Lucas coligiu a maior parte do seu material³⁴. Para Robert J. Karris, «como Lucas parece ser proveniente de Antioquia da Síria, não existe nenhuma razão obrigatória para não situar a composição de Lucas-Atos neste local, a terceira maior cidade do Império Romano, com uma população bastante heterogênea, inclusive judeus»³⁵. Russell Norman Champlin³⁶ tenta rebater a proposta de Robert J. Childers, argumentando que, mesmo a ser verdade esse argumento, não podemos afirmar, só por isso, que Lucas ali escreveu o seu evangelho. Outras cidades também têm sido sugeridas: Roma, Éfeso e Corinto. E não admira porque Lucas colheu informações de muitas testemunhas oculares e de muitos acontecimentos. Por ter feito muitas viagens, não admira que grande parte de seu evangelho tenha sido escrita em viagem. Mais tarde, Lucas reuniu o material e editou-o.

³³ Joaquim Carreira das Neves, *Evangelhos Sinópticos*, 328.

³⁴ Charles L. Childers, «O Evangelho segundo Lucas», em Ralph Earle, Avery Elwood Sanner, Charles L. Childers, *Comentário Bíblico Beacon, Mateus a Lucas VI* (Rio de Janeiro: CPAD, 2006), 350.

³⁵ Robert J. Karris, «O Evangelho Segundo Lucas», em Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy, *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos* (São Paulo: Academia Cristã-Paulus, 2011), 218.

³⁶ Cf. Russell Norman Champlin, *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo II: Lucas e João* (São Paulo: Hagnos, 2002), 1.

Por último, Antonio Rodríguez Carmona sugere um contexto helenizado fora da Palestina³⁷, talvez uma comunidade relacionada com Paulo: Antioquia, Éfeso, Macedónia, Corinto ou Roma.

Quando a investigação moderna nos fala de outros lugares, tudo não passa de suposições: Cesareia (H. Klein), Decápole (R. Koh), Ásia Menor (K. Lónning)³⁸.

3. Destinatários e finalidades

Hoje, quase todos os textos, mesmo uma simples carta, contêm, de forma explícita, o destinatário e o objetivo. Tal acontece também no Terceiro Evangelho, mas de modo implícito. O destinatário pode ser individual ou comunitário e o objetivo parece ser o de resolver alguns problemas como, por exemplo, a abertura da boa nova aos pagãos³⁹ e a tensão entre pobres e ricos⁴⁰.

3.1. Destinatário(s)

Tanto no Terceiro Evangelho (Lc 1, 3) quanto nos Atos dos Apóstolos (At 1, 1) aparece o nome do destinatário: Teófilo (Θεόφιλε)⁴¹. Lucas manifesta ter carinho por este destinatário, ao trata-lo por κράτιστε (“ilustre”, “caríssimo”). Numa tradução literal,

³⁷ Cf. Antonio Rodríguez Carmona, «La obra de Lucas (Lc-Hch)», 356.

³⁸ Cf. Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas I: Introducción general*, 108.

³⁹ O problema já vem de trás. Pode verificar-se que tanto a Carta aos Gálatas (2, 1-10) como os Atos dos Apóstolos (15, 1-21) procuram resolver o problema da circuncisão e chegaram à conclusão que importa afirmar a unidade da Igreja a partir do modo como se vive (Atos dos Apóstolos) e interessa afirmar a unidade da Igreja a partir da partilha, porque somos irmão e uma mesma Igreja (cartas de Paulo).

⁴⁰ No decurso do evangelho, Lucas aponta sempre para os perigos do uso das riquezas e chama a atenção para a importância do desapego dos bens materiais (3, 11; 5, 11.28; 6, 29b.30; 11, 41; 12, 33-34; 14, 13.33; 16, 9; 18, 22; 19, 8), para que não caia num contraste como mostra na parábola do rico e de Lázaro (16, 19-31). O desapego exige conversão, como acontece com Zaqueu, cobrador de impostos (19, 1-10).

⁴¹ κράτιστος (excelente ou eminente) encontra-se no Novo Testamento, em At 23, 26; 24, 3; 26, 23, dirigido a personagens oficiais (sempre em vocativo). Mas, por outro lado, este adjetivo utiliza-se, por vezes, nas dedicatórias das obras literárias e não são necessariamente personagens oficiais (o primeiro corresponde o termo latino *egregius* e o segundo a *optimus*) (François Bovon, *El evangelio según san Lucas I: Lc 1-9*, 63).

Teófilo significa “amigo de Deus” ou “amado por Deus” (θεόφιλος: Theo- Deus + philos-amigo). Talvez fosse «um grego de alta posição social, ou mesmo um romano, convertido a Cristo, que estava sendo instruído na verdade, uma vez que o termo traduzido por “instruído”, em Lucas 1.4, vem do mesmo termo grego “catecúmeno” (G1 6.6)»⁴².

Quem será, então, este “caríssimo Teófilo”? Miguel Ángel Fuentes⁴³ adianta duas hipóteses: um personagem individual com este nome, ou seja, um cristão ilustre a quem Lucas queria dedicar o seu escrito; um nome fictício com que o autor pretende referir-se a todo cristão, ou seja, um nome coletivo, onde caberiam todos os amigos de Deus.

Nós inclinamo-nos para esta segunda hipótese. É verdade que, à primeira vista, Teófilo parece ser um personagem concreto. Porém, ao percorrer a obra de Lucas, aceitamos a hipótese de se tratar de um nome simbólico, atribuído a todos os crentes ou, no mínimo, aos membros da comunidade lucana. De origem pagano-cristã (pode ser uma comunidade da Ásia Menor, da Macedónia ou da Grécia), esta comunidade, muito provavelmente fundada por Paulo, corre o risco de voltar à vida pagã, por causa do longo tempo da espera escatológica (parusia), que pode fazer com que a comunidade esteja cansada de viver, no seu dia-a-dia, segundo a vontade de Deus. Reveste-se de algumas características que passamos a enumerar:

- É uma comunidade urbana. A palavra “cidade” é «usada cerca de trinta e nove vezes no evangelho de Lucas; em Mateus, vinte e seis vezes, e em Marcos, nove. A cidade é a sede da organização e o lugar dos poderosos (Lc 2,1-3; 3,1-2)»⁴⁴.

- Os membros desta comunidade seriam de maioria pagano-cristã, mas não se exclui a possibilidade de haver gente da minoria judeo-cristã. Deduz-se isso do facto de o autor eliminar certos materiais das suas fontes, tanto de Marcos como *Quelle*, que apresentam

⁴² Hernandes Dias Lopes, *Lucas: Jesus, o homem perfeito* (São Paulo: Hagnos, 2017), 18.

⁴³ Cf. Miguel Ángel Fuentes, *Comentario al Evangelio de San Lucas*, 14.

⁴⁴ Equipa do Centro Bíblico Verbo, «Caminho aberto para o próximo: introdução ao evangelho de Lucas», *Vida Pastoral*, n. 292 (setembro-outubro de 2013): 4.

preocupações tipicamente judaicas. Por exemplo, Mc 7, 1-23 refere uma controvérsia entre puro-impuro, tipicamente judaica, que não aparece em Lucas. Também os nomes ou títulos de origem judaica são substituídos pelo correspondente grego: *epistatés* (mestre) em vez de *rabbi/rabbouni* (Lc 18, 41; cf. Mc 10, 51; Lc 9, 33; cf. Mt 9, 11); *kranion* (crânio ou caveira), em vez de *golgotha* (Lc 23, 33; cf. Mc 15, 22); *zélotés* (zelota), em vez de *kananaios* (Lc 6, 15; cf. Mc 3, 18); substituição ocasional de *nomikos* (doutor da Lei), em vez de *grammateus* (intérprete, escriba) (Lc 10, 25; cf. Mc 12, 28; Lc 11, 52; cf. Mt 23, 13)⁴⁵.

- Esta comunidade é composta por pessoas pobres e ricas. O texto apresenta uma situação de contraste entre as duas situações. O melhor exemplo é o texto das Bem-aventuranças, com insistência no caráter social, tendo em conta as situações concretas, como a pobreza e o sofrimento (6, 20-23); e o texto das imprecções, uma antítese que anuncia o fracasso dos ricos (6, 24-26) que agora vivem na fartura (12, 16-21), fazem esplêndidos banquetes e esquecem-se dos pobres (16, 19-31).

O modo do autor se exprimir «ajuda a compreender e a matizar a sua posição diante dos pobres. Para ele, Jesus é inimigo da riqueza, mas é amigo dos ricos, igual a todos os homens, pois todos se encontram sob o pecado e estão necessitados de sua ajuda»⁴⁶. Veja-se, a propósito, a conversão de Zaqueu (19, 1-10).

3.2. Finalidades

Muito se tem falado a propósito das finalidades do Terceiro Evangelho e todos apontam para mais do que uma. Charles L. Childers sugere duas: dar a Teófilo um conhecimento mais completo e satisfatório a respeito de Jesus Cristo (pode ser dar

⁴⁵ Cf. Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas I: Introducción general*, 108-109.

⁴⁶ Antonio Rodríguez Carmona, «La obra de Lucas (Lc-Hch)», 337.

«instruções»⁴⁷ ou fornecer um relato mais adequado); oferecer a Teófilo (a igreja, a comunidade) um Evangelho mais completo do que aquele(s) que existia(m) na ocasião⁴⁸. William Hendriksen⁴⁹ aponta um tríplice propósito: o primeiro é imediato e consistia em pôr nas mãos de Teófilo um relato exato dos assuntos relacionados com Jesus, assuntos nos quais o destinatário já havia recebido alguma instrução, e fazê-lo com interesse no bem-estar dessa pessoa; o segundo propósito é intermédio, e consistia em instruir o investigador sério e fortalecer a fé dos fiéis, especialmente os convertidos do paganismo ao cristianismo; o terceiro e último propósito é alcançar todas as nações - até mesmo os samaritanos - para o Deus Triunfo revelado em Cristo (cf. Lc 2, 32; 4, 25-27; 9, 51-56; 10, 25-37; 17, 11-19; 24, 47).

Daniel G. Reid⁵⁰ faz um elenco das finalidades não só do Evangelho, mas também do livro dos Atos, num total de nove: dar a razão por que Jesus não havia retornado; apresentar uma defesa do cristianismo; defender Paulo perante Roma; defender Paulo perante a comunidade; combater o gnosticismo; evangelizar; confirmar a Palavra e a mensagem de salvação; apresentar uma teodiceia da fidelidade de Deus e, por fim, apresentar uma legitimação sociológica da plena comunhão para os gentios e uma defesa da nova comunidade.

O prólogo do evangelho de Lucas (1, 1-4) é sugestivo, no que respeita a este assunto. Além do destinatário, refere quatro aspetos importantes. No primeiro ponto, refere «aqueles que tinham escrito antes dele (...) que empreenderam a composição de uma narração»⁵¹ (cf. 1, 1). Num segundo momento, fala das fontes em que ele se baseou

⁴⁷ Cf. Josef Schmid, *El Evangelio según San Lucas*, 47.

⁴⁸ Charles L. Childers, «O Evangelho segundo Lucas», 350.

⁴⁹ Cf. William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Lucas I* (São Paulo: Cultura Cristã, 2003), 35-37.

⁵⁰ Cf. Daniel G. Reid, *Dicionário Teológico do Novo Testamento*, 863.

⁵¹ Leon L. Morris, *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário* (São Paulo: Vida Nova, 1983), 63. Este versículo mostra que o Evangelho de Lucas tem precedentes e modelos. Usou o Evangelho de Marcos e tem afinidade com o de Mateus. “Muitos empreenderam o trabalho ...” é, sem dúvida, uma fórmula exigida

para desenvolver a sua obra, pois a transmissão dos factos sobre Jesus Cristo deu-se através das testemunhas oculares que se tornaram “servidores da Palavra”. Num terceiro momento, refere que, a partir da informação das testemunhas oculares, e mediante cuidadosa investigação, resolveu também ele escrever ou expô-los de forma ordenada. Ao afirmar isto, o autor está a dizer que as «suas informações são boas. Sabe aquilo acerca do que fala. Passa a dizer que seguiu a pista da história desde o seu início (desde a sua origem)»⁵². Por fim, comunica ao destinatário (“ilustre/caríssimo Teófilo”) o objetivo do seu escrito: «a fim de reconheceres a solidez da doutrina em que foste instruído» (Lc 1, 4). Tal pode significar que o objetivo era ajudar Teófilo na sua formação cristã, que assim adquire «um conhecimento mais completo e satisfatório a respeito de Jesus Cristo»⁵³.

Nesta linha, deduzimos que a finalidade do Evangelho de Lucas era comunicar à comunidade lucana ou aos seus leitores de cariz pagano-cristão duas coisas:

- A salvação destina-se a todos: aos impuros e pecadores, aos pobres e doentes, às crianças e mulheres, aos samaritanos e gentios⁵⁴. Trata-se de um dos aspetos muito desenvolvido ao longo do evangelho: «a “garantia” que Lucas oferece é fundamentalmente doutrinal ou didática, e tem por objetivo explicar como a salvação de Deus, enviada primeiramente a Israel na pessoa e no ministério de Jesus de Nazaré, se difundiu como palavra de Deus - com exclusão da lei - entre os gentios, até aos últimos confins da terra (At 1, 8)»⁵⁵.

- A mensagem visa fortalecer a fé dos cristãos e, ao mesmo tempo, reagir aos ataques e calúnias que circulavam entre os não crentes, tanto judeus como gentios⁵⁶.

pela estrutura literária do prólogo. Lucas começou a escrever, porque outros já o haviam feito antes dele (cf. Alois Stöger, *Evangelio Segun San Lucas I* [Barcelona: Herder, 1979] 19-20).

⁵² Leon L. Morris, *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário*, 64.

⁵³ Charles L. Childers, «O Evangelho Segundo Lucas», 350.

⁵⁴ Salvador Carrillo Alday, *El Evangelio según Lucas* (Estella: Verbo Divino, 2009), 33.

⁵⁵ Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas I: Introducción generalidad*, 31.

⁵⁶ “Se puede pensar que el escrito lucano tenía por objetivo ayudar a los lectores cristianos, venidos de la gentilidad, a comprender quiénes eran, en particular frente a las calumnias que circulaban entre los no creyentes, fueran judíos o gentiles. Los cristianos necesitaban saber que no hubo nada de subversivo en sus

4. A estrutura e o conteúdo do evangelho

É nosso intento apresentar aqui uma estrutura do evangelho, assim como o elenco de alguns dos textos que lhe são tão próprios que só nele se encontram. Fazemos também uma breve análise de alguns dos principais temas teológicos que o Evangelho de Lucas apresenta.

4.1. Estrutura

Há vários modos de apresentar um esquema ou estrutura literária deste Evangelho. Optamos por seguir mais de perto a estrutura geral proposta por Joseph A. Fitzmyer⁵⁷:

	<i>Prólogo (1, 1-4).</i>
I	<i>Primeira parte: Relatos da infância (1, 5 - 2,52)</i> <ul style="list-style-type: none">- o anúncio do nascimento de João Batista e de Jesus (1, 5-56)- nascimento e infância de João Batista e de Jesus (1, 57 - 2, 52)
II	<i>Segunda parte: Preparação do ministério público de Jesus (3, 1 - 4, 13)</i> <ul style="list-style-type: none">- João, o Batista (3, 1-18)- Prisão de João (3, 19-20)- O batismo de Jesus (3, 21-22)- A genealogia de Jesus Cristo (3, 23-38)- As tentações de Jesus no deserto (4, 1-13)
III	<i>Terceira parte: Ministério de Jesus na Galileia (4, 14 - 9,50)</i> <ul style="list-style-type: none">- Início de ministério em Nazaré e Cafarnaum (4, 14 - 5,16)- Primeiras controvérsias com os fariseus (5, 17 - 6, 11)- O ensino aos discípulos (6, 12 - 7,50)- Associação estreita dos Doze à sua missão (8, 1 - 9, 50)

origenes, nada que pudiera hacerlos entrar en conflicto con las autoridades romanas, y que era falso asemejar a Jesús y a sus discípulos a los revolucionarios judíos, que habían provocado la guerra contra los romanos” (Salvador Carrillo Alday, *El Evangelio según Lucas*, 33).

⁵⁷ Cf. Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas, I: Introducción general*, 227-228.

IV	<p><i>Quarta parte: O caminho de Jesus para Jerusalém (9, 51 - 19, 27[28])</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - As promessas do Reino (9, 51 - 13, 21) - As condições para entrar no Reino (13, 22 - 17, 10) - A entrada no Reino (17, 11 - 19, 27)
V	<p><i>Quinta parte: Ministério de Jesus, em Jerusalém (19, 28[29] - 24, 53)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - A entrada em Jerusalém e os ensinamentos (19, 29 - 21, 38) - A paixão, morte e sepultura de Jesus (22 - 23) - A ressurreição e ascensão (24)

No prólogo (1, 1-4), o autor anuncia o tema ou assunto: “compor uma narração dos factos que entre nós se consumaram” (1, 1). Fala das testemunhas oculares (1, 2), da sua investigação e escrita ordenada (1, 3), do destinatário do livro (1, 3) e termina referindo o objetivo: reconhecer a solidez da fé na qual fora instruído (1, 4).

Nos relatos da infância de João Batista e de Jesus (1, 5 - 2, 52), a alegria⁵⁸ e a paz⁵⁹ são palavras que se repetem. Esta parte encontra-se dividida em duas: um primeiro tríptico (1, 5-56) constituído por anúncio do nascimento de João Batista (1, 5-25), anúncio do nascimento de Jesus (1, 26-38) e visita de Maria a Isabel (1, 39-56); um segundo tríptico (1, 57 - 2, 52) que contempla o nascimento e circuncisão de João Batista (1, 57-80), o nascimento e circuncisão de Jesus (2, 1-40) e o episódio de Jesus entre os doutores, no templo (2, 41-50). É muito curioso que apresente um tríptico em cada parte, como também os paralelismos que agora se destacam: anúncio do nascimento de João Batista (1, 5-25) e anúncio do nascimento do Messias (1, 26-38); encontro de Maria e Isabel (1, 39-56) e encontro entre Jesus e os doutores, no templo (2, 41-52); nascimento de João Batista (1, 57-80) e nascimento de Jesus (2, 1-40)⁶⁰.

⁵⁸ Cf. Lc 1, 14.28.44.47; 2, 10.11.20.38.

⁵⁹ Cf. Lc 1, 79; 2, 14.29.

⁶⁰ Cf. François Bovon, *El evangelio segun san Lucas I: Lc 1-9*, 73.

No prelúdio da missão messiânica e do ministério de Jesus (3, 1 - 9, 50), trata-se do ministério de João Batista e do começo do ministério de Jesus, na Galileia, onde as palavras dominantes são “evangelizar” ou “anunciar”⁶¹. Este prelúdio está dividido em três partes: o primeiro tríptico (3, 1-20) contempla o ministério e a pregação de João Batista (3, 1-14), o anúncio da vinda do Messias (3, 15-18) e a prisão de João Batista (3, 19-20); o segundo tríptico (3, 21 - 4, 13) compreende o início do ministério de Jesus: o batismo (3, 21-22), a genealogia (3, 23-38) e as tentações, no deserto (4, 1-13); o terceiro tríptico (4, 14 - 9, 50) abarca o ministério de Jesus na Galileia: «a sua atitude face às multidões, aos primeiros discípulos e aos adversários (4, 31 - 6, 11), o seu ensino aos discípulos (6, 12 - 7, 50) e a associação estreita dos Doze à sua missão (8, 1 - 9, 50)»⁶².

A subida de Jesus a Jerusalém (9, 51 - 19, 27[28]) é a parte central e mais característica do evangelho. Destacam-se as palavras “agora” e “hoje”⁶³, o que significa que «Lucas enfatiza que a salvação se tornou presente em Cristo, com o uso frequente dos advérbios “agora” e “hoje”. Emprega “agora” 14 vezes (Mateus 4 vezes, Marcos 3 vezes) e “hoje” 11 vezes (Mateus 8 vezes, Marcos uma vez)»⁶⁴. Esta seção do caminho para Jerusalém divide-se em três partes, onde cada uma termina com, pelo menos, uma parábola. As subdivisões desta secção contemplam as promessas do Reino (9, 51 - 13, 21)⁶⁵, as condições para entrar no Reino (13, 22 - 17, 10)⁶⁶; e a entrada no Reino (17, 11 - 19, 27)⁶⁷.

⁶¹ Cf. Lc 3, 18; 4, 18.43; 7, 22; 8, 1.

⁶² Segue-se o que se propõe na *Bíblia Sagrada*, da Difusora Bíblica.

⁶³ Cf. Lc 9, 23; 12, 28; 13, 32; 19, 5; 19, 9.

⁶⁴ Leon L. Morris, *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário*, 34.

⁶⁵ Hostilidade dos samaritanos (9, 51-56); exigências da vocação apostólica (9, 57-62); missão dos setenta e dois discípulos (10, 1-24); parábola do bom samaritano (10, 25-37); Marta e Maria (10, 38-42); oração (11, 1-13); Jesus e os demónios (11, 14-26); ensinamento (11, 27 - 12,59); exortação ao arrependimento (13, 1-9); mulher curada, em dia de sábado (13, 10-17); reino de Deus (1, 18-21).

⁶⁶ Reino de Deus (1, 22-30); Jesus fala da sua morte e lamenta-se sobre Jerusalém (13, 31-35); refeição na casa do fariseu (14, 1-24); discipulado e renúncia (14, 25-35); parábolas da misericórdia (15, 1-32); ensinamento acerca da riqueza (16, 1-31); ensinamento acerca do serviço (17, 1-10).

⁶⁷ Cura de dez leprosos (17, 11-19); sobre a vinda do reino de Deus (17, 20-37); parábola sobre a oração do juiz e da viúva (18, 1-14); Jesus e os pequeninos (18, 15-17); o homem rico (18, 18-27); recompensa pelo

O ministério de Jesus em Jerusalém (19, 28[29] - 24, 53) começa com a sua entrada messiânica na Cidade Santa e termina na ascensão. A palavra que aqui impera é “completar-se” ou “realizar-se”. Esta unidade também se divide em três partes: a entrada em Jerusalém e os ensinamentos (19, 29 - 21, 38)⁶⁸; a paixão, morte e sepultura de Jesus (22 - 23)⁶⁹; a ressurreição e ascensão (24)⁷⁰. De referir a inclusão entre esta parte e 1, 5 - 2, 52, com destaque para as palavras “paz” e “alegria”.

4.2. Particularidades de Lucas

Na sua obra *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário*, Leon L. Morris apresenta uma tabela que mostra as passagens dos Sinóticos que formam paralelos entre si. Neste caso, trata-se de um paralelismo entre o evangelho de Marcos e Mateus, por um lado, e o de Lucas, por outro. Percebe-se, desse modo, quais as passagens do evangelho de Lucas que se assemelham e diferem dos demais Sinóticos. Porém, o que aqui interessa é o que é exclusivo de Lucas⁷¹, porque «realmente Lucas apresenta muita doutrina - mais de um terço do seu evangelho - que não aparece nos outros evangelhos»⁷². Basta pensarmos em alguns dos episódios e parábolas. Segue-se um elenco, em três momentos, dos textos que constituem as particularidades do Terceiro Evangelho.

desprendimento (18, 28-30); terceiro anúncio da Paixão (18, 31-34); cura do cego de Jericó (18, 35-43); Zaqueu, cobrador de impostos (19, 1-10); parábola do rendimento dos dons (19, 11-28).

⁶⁸ Entrada messiânica em Jerusalém (19, 29-44); purificação do Templo (19, 45-48); autoridade de Jesus (20, 1-8); parábola dos vinhateiros homicidas (20, 9-18); tentativas para apanhar Jesus em alguma palavra (20, 19-44); hipocrisia dos doutores da Lei (20, 45-47); oferta da viúva pobre (21, 1-4); discurso escatológico (21, 5-36); últimos dias de Jesus no templo (21, 37-38).

⁶⁹ Traição (22, 1-6); preparação e Ceia Pascal (22, 7-38); oração e agonia de Jesus, no Monte das Oliveiras (22, 39-46); prisão de Jesus (22, 47-54a); negações de Pedro (22, 54b-62); primeiros ultrajes (22, 63-65); Jesus, no tribunal judaico (22, 66-71); Jesus, no tribunal romano (23, 1-5); Jesus perante Herodes (23, 6-12); Jesus e Barrabás (23, 13-25); Jesus a caminho do Calvário, crucificado, escarnecido e morto (23, 26-49), sepultura de Jesus (23, 50-56).

⁷⁰ As mulheres vão ao sepulcro (24, 1-12); o caminho de Emaús (24, 13-35); Jesus aparece aos Onze (24, 36-43); últimas instruções (24, 44-49); ascensão (24, 50-53).

⁷¹ Cf. Leon L. Morris, *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário*, 325-330.

⁷² Joaquim Carreira das Neves, *A Bíblia, o Livro dos Livros, Comentários ao Novo Testamento* (Braga: Editorial Franciscana, 2007), 52.

Num primeiro momento, assinalamos os episódios exclusivos deste evangelho, de que elencamos os mais importantes: a visita de Maria a Isabel e o Magnificat (1, 39-56); a apresentação de Jesus no templo (2, 22-24); a missão dos setenta e dois discípulos (10, 1-11); a verdadeira bem-aventurança (11, 27-28); o cuidado com a ganância (12, 13-15); a visita à casa de Zaqueu (19, 1-10); e os discípulos de Emaús (24, 13-35).

Num segundo momento, olhamos as parábolas, um modo privilegiado de Jesus ensinar. No Novo Testamento, encontramos muitas, porém «não existe muito acordo acerca do número de parábolas, com estimativas variadas de trinta e sete até sessenta e cinco»⁷³. Maria Antônia Marques diz que «os evangelhos sinóticos – Mateus, Marcos e Lucas – apresentam um total de 40 parábolas, das quais 29 estão no evangelho de Lucas»⁷⁴. Nesta mesma linha da totalidade das 40 parábolas, posteriormente também defendida por Gerhard Lohfink na sua obra, *Las cuarenta parábolas de Jesus*⁷⁵. Por outro lado, David. A. Neale fala de 37 parábolas nos sinóticos, sendo 14 exclusivamente de Lucas⁷⁶: os dois devedores (7, 41-43); o bom samaritano (10, 25-37); o amigo importuno (11, 5-8); o rico insensato (12, 16-21); a figueira infrutífera (13, 6-9); os lugares no banquete (14, 7-11); o construtor de torre e o rei indo para a guerra (14, 28-32); a dracma perdida (15, 8-10); o filho pródigo (15, 11-32); o administrador injusto (16, 1-8); o homem rico e Lázaro (16, 19-31); a recompensa do servo (17, 7-10); o juiz injusto (18, 1-8); o fariseu e o publicano (18, 9-14)⁷⁷.

No terceiro momento, constatamos que o evangelho de Lucas apresenta frequentemente algumas atitudes opostas entre as personagens que aparecem na narração.

⁷³ Klyne Snodgrass, *Compreendendo todas as parábolas de Jesus* (Rio de Janeiro: CPAD, 2010), 53.

⁷⁴ Maria Antônia Marques, «As parábolas em Lucas», *Vida Pastoral*, no. 292 (setembro-outubro de 2013): 29.

⁷⁵ Cf. Gerhard Lohfink, *Las cuarenta parábolas de Jesus* (Estella: Verbo Divino, 2020), 55-220.

⁷⁶ Cf. David. A. Neale, *Novo Comentário Bíblico Beacon: Lucas 9-24*, (Rio de Janeiro: Central Gospel, 2015), 56-57.

⁷⁷ «As parábolas mais célebres de Jesus, exclusivas de Lucas» (Joaquim Carreira das Neves, *A Bíblia O Livro dos Livros, Comentários ao Novo Testamento*, 52-53).

É verdade que algumas narrações não são textos exclusivos de Lucas. Mesmo assim, elencamos alguns que as evidenciam: a pecadora arrependida e o fariseu (7, 36-50); o sacerdote, o levita e o samaritano (10, 25-37); Marta e Maria (10, 38-42); o relato dos dois filhos perdidos ou do Pai misericordioso (15, 11-32); o relato da cura dos dez leprosos (17, 11-19); o fariseu e o cobrador de impostos (18, 9-14); os dois ladrões crucificados com Jesus (23, 33-43).

4.3. Temas teológicos e chaves de leitura

Antonio Rodríguez Carmona⁷⁸ refere-se ao evangelho de Lucas como sendo o evangelho do caminho. O caminho da salvação apresenta-se como profético e salvador.

A categoria do caminho, frequente nas obras de Lucas, aparece sempre em função dos grandes personagens. No primeiro capítulo do evangelho, Maria põe-se a caminho em direção à montanha, a casa de Isabel (1, 39-56). João Batista foi anunciado como aquele que irá “à frente do Senhor para preparar os seus caminhos” (1, 76) e ele mesmo se apresenta como aquele que vem “preparar os caminhos do Senhor” (1, 4). Aliás, é o próprio Jesus quem confirma esta missão de João Batista (cf. 7, 27). É no caminho que Jesus ensina e transmite a sua mensagem: eleição dos doze discípulos; subida da Galileia a Jerusalém (9, 51 - 19, 27[28]); ministério em Jerusalém (19, 28[29] - 24, 53). Os seus seguidores (os discípulos) dão continuidade a este caminho, mediante a atividade apostólica e não é por acaso que a comunidade crente das origens é designada com esta palavra (cf. At 9, 2).

Seguindo o pensamento de Antonio Rodríguez Carmona, a obra de Jesus traduz-se no caminho da salvação⁷⁹. Assim, Lucas apresenta Jesus como a salvação prometida pelo

⁷⁸ Cf. Antonio Rodríguez Carmona, «La obra de Lucas (Lc-Hch)», 321-341.

⁷⁹ Cf. Lc 2, 11; 4, 18-21; 19, 9s; At 2, 47; 5, 31; 13, 23.26; 16, 17; 28, 28.

Pai⁸⁰. Esta salvação não é alcançada pelos próprios méritos, mas sim pela misericórdia de Deus, depois de reconhecido o próprio pecado⁸¹.

A história da salvação, em Lucas, conduz-nos ao encontro daquilo que Leon L. Morris propõe, tendo como base o que Hans Conzelmann escreveu, uma história da salvação em três etapas: o período de Israel (16, 16); o período do ministério de Jesus (4, 16ss: At 10, 38) e o período pós ascensão (o período da igreja)⁸².

Por outro lado, Salvador Carrillo Alday⁸³ apresenta-nos Lucas como evangelista do desígnio de Deus⁸⁴, porque, para além de apresentar os acontecimentos, faz uma leitura teológica a partir da luz da paixão, morte e ressurreição (o foco está no mistério pascal), em que o Espírito Santo assume relevância. Assim, Lucas desenvolve, ao longo do evangelho, nove temas ou mensagens importantes⁸⁵: o mistério da Páscoa, em Jerusalém; o Espírito Santo; o universalismo da salvação; a oração; o louvor e a ação de graças; a alegria e a paz; a bondade e a misericórdia; a boa notícia para as mulheres e para os pobres.

Assim, dentro dos muitos temas que se encontram no evangelho de Lucas, optamos por elaborar sinteticamente alguns dos assuntos que carecem de maior articulação para o nosso trabalho.

⁸⁰ Cf. Lc 4, 21; 7, 18-23; Is 26, 19; 29, 18ss; 35, 5s; 61, 1.

⁸¹ Cf. Lc 13, 1-9; 14, 1-24; 15; 17, 10; At 2, 38.

⁸² Cf. Leon L. Morris, *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário*, 29-30.

⁸³ Cf. Salvador Carrillo Alday, *El Evangelio según Lucas*, 34-37.

⁸⁴ Daniel G. Reid fala do desígnio de Deus e do cuidado com os detalhes: o plano; a estrutura do plano: promessa e cumprimento; os textos para “hoje”; João Batista; declarações de missão; progressão geográfica; “É necessário”, (Cf. Daniel G. Reid, *Dicionário teológico do Novo Testamento*, 168-169).

⁸⁵ Ao percorrer o Terceiro Evangelho, vemos que Lucas destaca com frequência alguns temas, como por exemplo: a misericórdia, a mulher, o universalismo da salvação, o Espírito Santo e a oração. Podemos afirmar, com a equipa do Centro Bíblico Verbo, que “o evangelho de Lucas apresenta Jesus realizando a sua missão na cidade e, preferencialmente, no meio de pessoas pobres, doentes, mulheres, estrangeiras, samaritanas e pecadoras. Gente excluída e à margem da sociedade. Esse evangelho reforça a necessidade da oração perseverante e insiste na necessidade de conversão permanente» (Equipe do Centro Bíblico Verbo, «Caminho aberto para o próximo: introdução ao evangelho de Lucas», *Vida Pastoral*, no. 292 [setembro-outubro de 2013]: 3).

4.3.1. O mistério da Páscoa, em Jerusalém⁸⁶

Como acima vimos, o mistério da Páscoa é que ilumina todo o evangelho de Lucas. Podemos verificar isto, para além dos três prenúncios da paixão, morte e ressurreição (9, 22; 9, 44; 18, 31-34), no texto de Jesus como sinal de contradição: «Eis que Ele está aqui para a queda e o ressurgir de muitos em Israel e para ser um sinal de contradição» (2, 34b); como objeto de admiração e de ódio: «Jesus na sinagoga de Nazaré: missão e rejeição» (4, 16-30); a transfiguração de Jesus, enquanto Moisés e Elias conversavam com ele, «tendo aparecido em glória, falavam do seu êxodo que estava prestes a cumprir-se em Jerusalém» (9, 31); «Tenho de receber um batismo, e que angústias as minhas até que ele se realize!⁸⁷» (12, 50); Jesus fala da sua morte e mostra que todo o profeta deve morrer em Jerusalém: «é necessário que hoje, amanhã e no dia seguinte eu vá, porque não é admissível que um profeta pereça fora de Jerusalém» (13, 33); o sofrimento do Filho do Homem (17, 24ss).

4.3.2. O universalismo da salvação⁸⁸

Fora dos Sinópticos, a palavra “salvação” (σωτηρία) só aparece uma vez, em João. Lucas, contudo, emprega o termo quatro vezes e σωτήριον duas vezes. Além disso, utiliza o verbo “salvar” mais que qualquer outro evangelista⁸⁹. Na genealogia, Lucas relaciona Jesus com Adão, enquanto Mateus só vai até Abraão (3, 38); no nascimento de Jesus, os anjos clamam “Glória a Deus nas alturas e paz na terra entre os homens de boa vontade” (2, 14). Ele é o Salvador (2, 11) que Simeão proclama como Luz para se revelar às nações (2, 32). Por outro lado, Lucas também apresenta os personagens não israelitas como

⁸⁶ Cf. Salvador Carrillo Alday, *El Evangelio según Lucas*, 34.

⁸⁷ Na *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, da CEP, traduz-se: «Mas tenho um batismo para nele ser batizado e como estou angustiado, até que se consume!».

⁸⁸ Cf. Salvador Carrillo Alday, *El Evangelio según Lucas*, 35.

⁸⁹ Cf. Leon L. Morris, *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário*, 35.

beneficiários da boa nova e da salvação trazida por Jesus: o centurião romano como modelo de fé (7, 9-10); o samaritano que descia de Jerusalém para Jericó como modelo de misericórdia (10, 33-36); o leproso estrangeiro (samaritano), agradecido por ser curado (17, 11-16); o centurião que reconhece a inocência do crucificado (23, 47).

4.3.3. A bondade e a misericórdia⁹⁰

Não é possível referir tudo o que Lucas sugere sobre a misericórdia, pois, ao longo do evangelho, «transmite a imagem de Jesus como o “bom médico” de corpos e de almas, capaz de expressar seus sentimentos, de ter compaixão e sensibilidade diante dos pobres, dos excluídos e das pessoas que sofrem, seja de doenças físicas ou por causa de problemas psíquicos e espirituais»⁹¹. Basta recordar alguns atos de misericórdia de Jesus: com os pecadores (7, 36-50: unção de Jesus por uma pecadora; 15, 1-3: parábola da ovelha perdida; 5, 17-26: perdão e cura de um paralítico); com o publicano (10, 9-14: parábola do fariseu e do publicano); com os que sofrem (7, 11-17: ressurreição do filho de uma viúva, em Naim; 10, 25-37: parábola do bom samaritano; 13, 10-17: cura de uma mulher, em dia de sábado). Além disso, ainda afirma: «sede misericordiosos, tal como também o vosso Pai é misericordioso» (6, 36).

4.3.4. A boa notícia para os pobres

Lucas dá uma atenção especial e concreta aos pobres e miseráveis. No evangelho, percebemos que «amplia a categoria dos pobres, incluindo nela, não só os economicamente necessitados, mas também os doentes, os deficientes físicos»⁹². Tal

⁹⁰ Cf. Salvador Carrillo Alday, *El Evangelio según Lucas*, 37.

⁹¹ Ildo Perondi, «Lucas: o evangelho da misericórdia», *Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso*, no. 7, ano 5 (jan./dez. 2017): 72.

⁹² Alberto Casalegno, «Pobreza e riqueza no evangelho de Lucas», *Perspectiva Teológica*, no. 50, vol. 20 (1988): 11.

forma de olhar está em conformidade com o que Jesus anunciou na sinagoga de Nazaré, no início da sua missão: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres, enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor» (Lc 4, 18-19; Is 61, 1-4).

No início do evangelho, Maria canta a pobreza e a humildade (1, 52); os anjos anunciam a boa notícia em primeiro lugar aos que “viviam afastados da prática religiosa e lidavam com animais impuros” (2, 8). Além disso, percebe-se que José e Maria eram pobres (2, 24); Jesus apresenta-se como pobre (9, 58); os apóstolos, deixando tudo, fazem-se pobres para seguir Jesus (cf. 5, 11; 14, 33; 18, 22)⁹³.

Síntese do capítulo

Lucas era médico de profissão e foi o autor do Terceiro Evangelho e do livro dos Atos dos Apóstolos. Foi discípulo e companheiro de Paulo, em suas viagens missionárias. Fez uma investigação cuidadosa sobre os relatos da vida de Jesus, deu-lhes forma escrita e dedicou-os a Teófilo (comunidade lucana), com duas finalidades: comunicar que a salvação se destina a todos (aos impuros e pecadores, aos pobres e aos doentes, às crianças e às mulheres, aos samaritanos e aos gentios⁹⁴); fortalecer a fé dos cristãos e, ao mesmo tempo, reagir aos ataques e calúnias que circulavam entre os não crentes, tanto judeus como gentios⁹⁵.

É verdade que sobre o autor do Terceiro Evangelho não sabemos muita coisa, pois os textos não lhes fazem muitas referências, nem ele mesmo deixou as assinaturas nas

⁹³ Cf. Salvador Carrillo Alday, *El Evangelio según Lucas*, 37.

⁹⁴ Cf. Salvador Carrillo Alday, *El Evangelio según Lucas*, 33.

⁹⁵ Cf. Salvador Carrillo Alday, *El Evangelio según Lucas*, 33.

obras que escreveu. Mas, desde o início até agora, há muitos estudos acerca deste autor. Neste primeiro capítulo, não acrescentámos nada de novo, quanto ao Terceiro Evangelho e ao seu autor. Fizemos apenas uma aproximação ao evangelho em alguns aspetos que são relevantes para o presente estudo, servindo este primeiro capítulo de abertura ao estudo de Lc 10, 25-37, na sua materialidade textual, assunto que vai ser desenvolvido no próximo capítulo.

II. LUCAS 10, 25-37: UM TEXTO SITUADO

No primeiro capítulo, fizemos algumas aproximações ao Evangelho segundo Lucas, preparando o caminho para agora começarmos a trabalhar, de forma específica, Lc 10, 25-37. De facto, antes de passarmos à interpretação do texto em estudo, precisamos de o estudar enquanto tal, dado que «a tarefa da interpretação requer uma ampla e profunda análise do texto que possibilite o conhecimento dos seus aspetos formais e abra caminho à perceção dos seus conteúdos»⁹⁶.

Este estudo contempla a apresentação do texto grego e sua tradução; a análise lexical para ter em conta algumas particularidades gramaticais e, em seguida, propomos fazer a análise de algumas palavras individualmente consideradas (morfologia) e da função de cada uma na frase (sintaxe); a delimitação do texto e a sua articulação; a sua estrutura interna, no sentido de ajudar a compreendê-lo melhor; a sua relação com outros textos (intertextualidade); e, por fim, o destaque de alguns dos seus principais temas teológicos.

1. Texto e tradução

Apresentamos o texto, na edição crítica de E. Nestle - K. Aland⁹⁷, e a respetiva tradução, na proposta da Conferência Episcopal Portuguesa⁹⁸. Assinalamos também algumas variantes propostas por outras traduções em português: *Bíblia de Jerusalém*

⁹⁶ João Alberto Sousa Correia, *A hospitalidade na construção da identidade cristã* (Lisboa: Universidade Católica, 2014), 44.

⁹⁷ E. Nestle - K. Aland, *Novum Testamentum Graece* (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1995), 193-194.

⁹⁸ Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), *Bíblia. Os Quatro Evangelhos e os Salmos* (Lisboa: SNEC, 2019), 215-216.

(BJ)⁹⁹, *Bíblia Sagrada em Português Corrente (BSPC)*¹⁰⁰, *Bíblia Sagrada (BS)*¹⁰¹ e *Tradução Ecuménica da Bíblia (TEB)*¹⁰².

1.1. *O texto de Lc 10, 25-37*

25 Καὶ ἰδοὺ νομικός τις ἀνέστη ἐκπειράζων αὐτὸν λέγων· διδάσκαλε, τί ποιήσας ζωὴν αἰώνιον κληρονομήσω;

26 ὁ δὲ εἶπεν πρὸς αὐτόν· ἐν τῷ νόμῳ τί γέγραπται; πῶς ἀναγινώσκεις;

27 ὁ δὲ ἀποκριθεὶς εἶπεν· ἀγαπήσεις κύριον τὸν θεόν σου ἐξ ὅλης [τῆς] καρδίας σου καὶ ἐν ὅλῃ τῇ ψυχῇ σου, καὶ ἐν ὅλῃ τῇ ἰσχύϊ σου καὶ ἐν ὅλῃ τῇ διανοίᾳ σου, καὶ τὸν πλησίον σου ὡς σεαυτόν.

28 εἶπεν δὲ αὐτῷ· ὀρθῶς ἀπεκρίθης· τοῦτο ποιεῖ καὶ ζήση.

29 ὁ δὲ θέλων δικαιῶσαι ἑαυτὸν εἶπεν πρὸς τὸν Ἰησοῦν· καὶ τίς ἐστίν μου πλησίον;

30 ὑπολαβὼν ὁ Ἰησοῦς εἶπεν· ἄνθρωπός τις κατέβαινεν ἀπὸ Ἱερουσαλήμ εἰς Ἱεριχὰ καὶ λησταῖς περιέπεσεν, οἱ καὶ ἐκδύσαντες αὐτὸν καὶ πληγὰς ἐπιθέντες ἀπῆλθον ἀφέντες ἡμιθανῆ.

31 κατὰ συγκυρίαν δὲ ἱερεὺς τις κατέβαινεν ἐν τῇ ὁδῷ ἐκείνῃ καὶ ἰδὼν αὐτὸν ἀντιπαρῆλθεν·

32 ὁμοίως δὲ καὶ Λευίτης [γενόμενος] κατὰ τὸν τόπον ἐλθὼν καὶ ἰδὼν ἀντιπαρῆλθεν.

33 Σαμαρίτης δὲ τις ὁδεύων ἦλθεν κατ' αὐτὸν καὶ ἰδὼν ἐσπλαγχνίσθη,

34 καὶ προσελθὼν κατέδησεν τὰ τραύματα αὐτοῦ ἐπιχέων ἔλαιον καὶ οἶνον, ἐπιβιάσας δὲ αὐτὸν ἐπὶ τὸ ἴδιον κτῆνος ἤγαγεν αὐτὸν εἰς πανδοχεῖον καὶ ἐπεμελήθη αὐτοῦ.

⁹⁹ *Bíblia de Jerusalém* (S. Paulo: Paulus, 1995).

¹⁰⁰ *Bíblia Sagrada em Português Corrente* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1999).

¹⁰¹ *Bíblia Sagrada* (Fátima: Difusora Bíblica, 2014).

¹⁰² *A Bíblia, Tradução Ecuménica* (São Paulo: Loyola, 1996).

35 καὶ ἐπὶ τὴν αὐρίον ἐκβαλὼν ἔδωκεν δύο δηνάρια τῷ πανδοχεῖ καὶ εἶπεν, Ἐπιμελήθητι αὐτοῦ, καὶ ὅ τι ἂν προσδαπανήσῃς ἐγὼ ἐν τῷ ἐπανέρχεσθαί με ἀποδώσω σοι.

36 τίς τούτων τῶν τριῶν πλησίον δοκεῖ σοι γεγονέναι τοῦ ἐμπεσόντος εἰς τοὺς ληστὰς;

37 ὁ δὲ εἶπεν· ὁ ποιήσας τὸ ἔλεος μετ' αὐτοῦ. εἶπεν δὲ αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς· πορεύου καὶ σὺ ποίει ὁμοίως.

1.2. Tradução

25 Eis então que um entendido na Lei¹⁰³ se levantou para o pôr à prova, dizendo: «Mestre, que hei de fazer para herdar¹⁰⁴ a vida eterna?».

26 Ele disse-lhe: «Na Lei, que está escrito? Como lês?».

27 Ele, respondendo, disse: «*Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua força, e com todo o teu entendimento, e o teu próximo como a ti mesmo*».

28 Disse-lhe Ele: «Respondeste bem. Faz isso e viverás».

29 Mas ele, querendo justificar-se¹⁰⁵, disse a Jesus: «E quem é o meu próximo?».

30 Retorquindo, Jesus disse: «Um homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos de salteadores¹⁰⁶ que, depois de o despirem e lhe baterem, se foram embora, deixando-o¹⁰⁷ meio morto.

31 Por acaso, um sacerdote descia por aquele caminho; ao vê-lo, passou ao largo¹⁰⁸.

¹⁰³ BJ: “legista”.

¹⁰⁴ BS: “para possuir”; BSPC: “ter direito”.

¹⁰⁵ TEB: “mostrar a sua Justiça”.

¹⁰⁶ TEB: “bandidos”; BJ: “assaltantes”; BSPC: “uns ladrões”.

¹⁰⁷ TEB: “o abandonaram”; BSPC: “foram-se embora”.

¹⁰⁸ TEB: “passou a boa distância; BJ: “passou adiante”; BSPC: “afastou-se para outro lado”.

32 De igual modo, também um levita que passava por aquele lugar, ao vê-lo, passou ao largo.

33 Mas um samaritano, que seguia no caminho¹⁰⁹, passou junto dele e, ao vê-lo, ficou profundamente compadecido.

34 E, indo ter com ele¹¹⁰, ligou-lhe as feridas, derramando azeite e vinho; depois de o colocar sobre a sua montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele.

35 No dia seguinte, ao sair, deu dois denários¹¹¹ ao estalajadeiro e disse: "Cuida dele e o que gastares a mais eu to restituirei quando voltar".

36 Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?».

37 Ele disse: «O que usou de misericórdia¹¹² para com ele». ³⁷Disse-lhe Jesus: «Vai e faz tu o mesmo».

2. Análise lexical

Começamos por algumas observações gramaticais, tais como: substantivos, adjetivos, preposições, artigos, conjunções, advérbios, pronomes, interjeição, nomes próprios e as formas verbais (tempo dos verbos, tipo de ação, modo etc.), o que nos permitirá uma aproximação mais adequada na sua compreensão¹¹³.

A parábola do Bom Samaritano conta com 229 vocábulos, assim distribuídos: 30 substantivos; 59 verbos; 10 adjetivos; 19 preposições; 26 artigos; 31 conjunções; 3

¹⁰⁹ TEB: “estava de viagem”; BS: “ia de viagem”; BJ: “em viagem”.

¹¹⁰ TEB, BSPC, BS e BJ: “aproximou-se”.

¹¹¹ TEB, BSPC: “duas moedas de prata”.

¹¹² TEB: “deu prova de bondade”; BSPC: “foi bom”.

¹¹³ Cf. Maurino M. N. Junior, *Exigências indispensáveis para ser discípulo de Jesus - Um estudo exegetico-teológico de Lc 14, 25-33* (Dissertação de Mestrado em Teologia Bíblica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo São Paulo, 2017), 36.

advérbios; 43 pronomes; 1 interjeição e 7 nomes próprios. Destes vocábulos, 5 são *hápax legómena*¹¹⁴.

Entretanto, apresentamos a sua análise. No primeiro momento, as formas verbais; e no segundo, as restantes formas gramaticais.

2.1. Formas verbais

São 59 as formas verbais que encontramos no texto: 30 no modo indicativo, 3 no infinitivo, 21 no particípio, 4 no imperativo e 1 no conjuntivo. Das 30 que se encontram no modo indicativo, 20 estão no aoristo (17 na voz ativa e 3 na voz passiva); 4 no presente (3 na voz ativa e 1 na voz média); 3 estão no futuro ativo; 2 no imperfeito ativo e 1 no perfeito passivo. 7 vezes é usada a forma verbal εἶπεν, aoristo do verbo λέγω (dizer); 2 vezes ἀντιπαρήλθεν (o verbo ἀντιπαρέρχομαι significa “passar ao largo”) e 2 vezes κατέβαινεν (o verbo καταβαίνω significa “descer”).

Das 3 formas que estão no modo infinitivo, uma delas é um verbo deponente, ou seja, possui forma passiva, mas significado ativo: ἐπανέρχεσθαι (o verbo ἐπανερχομαι significa “retornar” ou “voltar”). As outras duas encontram-se no infinitivo aoristo ativo.

No modo particípio, temos 21 verbos, dos quais 18 estão no aoristo (17 no nominativo¹¹⁵ e 1 no genitivo). 3 outros também estão no nominativo, mas do particípio presente ativo. Destes 21 verbos dois são *hápax legómena* (ἐπιχέων e ὀδεύων).

No modo imperativo, temos 4 verbos. Destes, o verbo ποιέω (fazer) aparece duas vezes no imperativo presente da voz ativa (ποιέει); um está no imperativo futuro, expressando mandamento a praticar (ἀγαπήσεις¹¹⁶); e um no aoristo imperativo

¹¹⁴ Os verbos ὀδεύων (particípio adverbial de modo), ἐπιχέων (particípio complementar), προσδαπανήσης (verbo principal) e os substantivos πανδοχεῖον (acusativo) e πανδοχεῖ (dativo).

¹¹⁵ 11 no nominativo ativo singular; 2 no nominativo médio singular; 1 no nominativo passivo singular e 3 no nominativo ativo plural.

¹¹⁶ Futuro Imperativo ativo, 2ª pessoa singular do verbo ἀγαπάω (amar).

(ἐπιμελήθητι¹¹⁷). Além disso, o texto apresenta um verbo no aoristo da voz ativa (προσδαπανήσης¹¹⁸), que é um *hárax legómenon*.

Modos Verbais	Tempos Verbais	Vozes Verbais			Casos Verbais		Obs.
		At.	Med.	Pas.	Nom.	Gen.	
Indicativo (30)	Aoristo (20)	17		3			εἶπεν aparece 7 vezes
	Presente (4)	3	1				
	Futuro (3)	3					
	Perfeito (1)			1			
	Imperfeito (2)	2					
Infinitivo (3)	Aoristo (2)	2					
	Depoente (1)						
Particípio (21)	Aoristo (18)				17	1	
	Presente (3)	3			3		
Imperativo (4)	Aoristo (1)			1			
	Presente (2)	2					
	Futuro (1)	1					
Subjuntivo (1)	Aoristo (1)	1					

2.2. Outras formas gramaticais

A parábola tem 30 substantivos, distribuídos pelos seguintes casos: 4 no nominativo¹¹⁹, 16 no acusativo¹²⁰, 1 no vocativo¹²¹, 8 no dativo¹²² e 1 no genitivo¹²³; 26

¹¹⁷ Aoristo imperativo passivo, 2ª pessoa singular do verbo ἐπιμελέομαι (cuidar, assistir).

¹¹⁸ Aoristo subjuntivo ativo, 2ª Pessoa singular do verbo προσδαπανᾶω (gastar a mais).

¹¹⁹ νομικός, πλησίον, ἄνθρωπος, ἱερεύς.

¹²⁰ κύριον, θεόν, πανδοχεῖον, αὔριον, ληστᾶς, ζῶην, πληγᾶς, συγκυρίαν, τραύματα, ἔλαιον, οἶνον, κτήνος, δηνάρια, πλησίον, πλησίον, ἔλεος.

¹²¹ διδάσκαλε.

¹²² νόμῳ, λησταῖς, ὁδῷ, τόπον, πανδοχεῖ, ψυχῇ, ἰσχύϊ, διανοία.

¹²³ καρδία.

estão no singular e 4 no plural; 14 são do género masculino, 7 do género feminino e 9 do género neutro.

Os adjetivos são 10, no total¹²⁴: 5 no acusativo, 3 no dativo e 2 no genitivo. 4 vezes aparece o adjetivo ὅλος (todo, inteiro), uma vez no genitivo e 3 no dativo.

As preposições são 19, 11 regem o acusativo, 6 genitivo e 2 dativo. Algumas das preposições aparecem com frequência: ἐν (6 vezes), κατὰ (3 vezes) e εἰς (3 vezes).

Os artigos são 26, distribuídos da seguinte maneira, quanto ao género: 10 estão no masculino, 6 no feminino e 10 no neutro; e quanto ao número: 3 estão no plural e 23 no singular. No que diz respeito aos casos: 7 no nominativo, 9 no acusativo, 7 no dativo e 3 no genitivo.

O texto conta com 32 conjunções: καί aparece 21 vezes, δὲ repete-se 10 vezes e ὡς 1 vez.

Os advérbios são 2: ὁμοίως, que aparece 2 vezes, e ὀρθῶς, que aparece 1 vez.

O texto contém um total de 43 pronomes, dos quais 23 são pronomes pessoais; 3 pronomes demonstrativo; 6 pronomes interrogativos; 4 pronomes relativos; 5 pronomes indefinidos e 2 pronomes reflexivos. Quanto ao género, temos 36 no masculino, 1 no feminino e 6 no neutro. Destes, 41 encontram-se no singular e 2 no plural. No que refere ao caso, 10 no nominativo; 14 no acusativo; 7 no dativo; 12 no genitivo.

A parábola apresenta também 7 nomes próprios: 4 no nominativo (duas vezes aparece Ἰησοῦς, Σαμαρίτης, Λευίτης), 2 no acusativo de direção (Ἰησοῦν, Ἰεριχώ) e um no genitivo de origem (Ἰερουσαλήμ).

Aparece também a interjeição ἰδοῦ (aoristo médio imperativo de εἶδον), com a função de introduzir e chamar atenção do leitor para o personagem que aparece a seguir, o doutor da lei (ἰδοὺ νομικός).

¹²⁴ αἰώνιον; ἡμιθανῆ; ἴδιον; ὁμοίως; δύο; τριῶν; ὅλης e ὅλη (3x).

Descrição	Quantidade de Vocábulos	Género			Número		Caso					Obs.
		M	F	N	S	P	N	A	V	D	G	
Substantivos	30	14	7	9	26	4	4	16	1	8	1	
Adjetivos	10	3	5	2	7	3		5		3	2	ὅλος (4x)
Preposições	19							11		2	6	ἐν (6x); κατὰ (3x); εἰς (3x)
Artigos	26	10	6	10	23	3	7	9		7	3	
Conjunções	31											καί (21x); δὲ (10x)
Advérbios	3											
Pronomes	43	36	1	7			10	14		7	12	
Nomes próprios	7	4	3		7		4	2			1	
Interjeições	1											

3. Análise morfossintática

Depois de termos feito a análise lexicográfica, propomo-nos fazer agora a análise de algumas palavras individualmente consideradas (morfologia) e da função de cada uma na frase (sintaxe).

O v. 25 começa com a expressão καὶ ἰδοῦ, que «assinala um novo começo»¹²⁵. É uma expressão introdutória que marca a separação com a perícopre anterior, «situa o doutor da lei, não no grupo dos discípulos (Lc 10, 23), sim noutra enquadramento»¹²⁶. A expressão καὶ ἰδοῦ, que com frequência aparece ao longo do Terceiro Evangelho¹²⁷, tem a função de levar o leitor ao encontro de um dos personagens principais da narrativa, o entendido na Lei (νομικός).

Destaca-se ainda, no v. 25, o verbo ἀνέστη¹²⁸ (levantou). Na tradição do «Oriente Médio, o aluno sempre se levanta para dirigir-se ao professor, por cortesia. Aqui o doutor da lei não apenas se levanta para se dirigir a Jesus, mas também lhe dá o título de “mestre”»¹²⁹. O título e a pergunta recordam-nos a pergunta que a multidão faz a João Batista (Lc 3, 10.12)¹³⁰.

No v. 26, a forma verbal ἀναγινώσκεις¹³¹ (ler) vai acompanhada pelo advérbio interrogativo πῶς (como?). Sendo o verbo principal da oração πῶς ἀναγινώσκεις, indica claramente que o sujeito da oração é νομικός. Esta pergunta tem relação com a anterior, ἐν τῷ νόμῳ τί γέγραπται (na Lei, que está escrito?). Joseph A. Fitzmyer argumenta que o «uso lucano do verbo anaginoskein, no sentido de “ler” as escrituras ou “ler a de Moisés”, cf. Lc 4, 16; 6, 3; At 8, 28.30.32; 13, 27; 15, 21»¹³². Portanto, deduzimos que o “ler”, neste contexto, tem a ver com a aplicação ou interpretação do conteúdo da lei, na vida quotidiana, porque certamente este sabe muito bem o que está escrito, como diz Archibald

¹²⁵ João Alberto Sousa Correia, *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, 53.

¹²⁶ François Bovon, *El evangelio según san Lucas II: Lc 9,51-14,35* (Salamanca: Sígueme, 2002), 113.

¹²⁷ No evangelho, Lucas utiliza a expressão καὶ ἰδοῦ nas seguintes passagens: 1, 20.36; 2, 25; 5, 12.18; 7, 12.37; 8, 41; 9, 30.38.(39); 10, 25; 11, 31.32.41; 13, 11.30; 14, 2; 19, 2; 23, 14.15.50; 24, 4.13.49. No livro dos Atos, utiliza-a em 5, 28; 10, 30; 27, 24 (cf. Joseph A. Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas I: Introducción general*, 203-204).

¹²⁸ 3ª pessoa do singular do indicativo aoristo ativo do verbo ἀνίστημι.

¹²⁹ Kenneth E. Bailey, *Poesia e o Camponês, Uma Análise Literária-Cultural das Parábolas de Lucas* (São Paulo: Vida Nova, 1985), 77.

¹³⁰ Cf Joseph A. Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas III: Traducción y Comentario, Capítulos 8,22-18,14* (Madrid: Cristiandad, 1987), 271.

¹³¹ 2ª pessoa do singular do indicativo presente ativo do verbo ἀναγινώσκω.

¹³² Joseph A. Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas III: Traducción y Comentario, Capítulos 8,22-18,14*, 272.

Thomas Robertson: «como doutor da lei, era sua função conhecer os preceitos e as interpretações apropriadas da lei»¹³³.

O futuro ἀγαπήσεις¹³⁴ (amarás), no v. 27, é a forma verbal da oração principal, em que o doutor da Lei, ao responder a Jesus, cita duas passagens do Antigo Testamento. Nos dois casos, usa o mesmo verbo: a primeira frase é ἀγαπήσεις κύριον τὸν θεόν σου, tirada de Dt 6, 5 (trata-se do «Shemá, Escritura recitada diariamente pelos judeus fiéis»¹³⁵); a segunda é ἀγαπήσεις καὶ τὸν πλησίον σου, tirada de Lv 19, 18, «e mostra que o homem conhecia bem a Lei»¹³⁶. No texto em estudo, a palavra ὁ πλησίον (o próximo) aparece mais duas vezes (vv. 29 e 36).

O verbo principal da última oração do v. 28 é ποίει e vem depois do pronome demonstrativo τοῦτο, que tem função de complemento direto. O ποίει (faz) é a resposta de Jesus à pergunta que foi formulada pelo doutor da lei: «que hei de fazer para herdar a vida eterna?», pois se ele (νομικός) conhece a lei (v. 27) que a cumpra. Ou seja, faz (viver) como está na lei, assim terá a vida eterna ou viverá. Fazer para viver é a promessa da lei que pode encontrar-se em Lv 18, 5¹³⁷ e Ez 20, 11¹³⁸.

No v. 29, πλησίον¹³⁹ (próximo) é um substantivo neutro singular de πλήσιος, que desempenha a função de sujeito da oração καὶ τίς ἐστίν μου πλησίον. Não satisfeito com a resposta de Jesus, o doutor da lei quer justificar-se com uma segunda pergunta: “E quem é o meu próximo?” Não é por acaso que surge esta pergunta, pois «a contrapergunta,

¹³³ Archibald Thomas Robertson, *Comentário de Lucas à Luz do Novo Testamento Grego*, 204.

¹³⁴ 2ª pessoa do singular indicativo futuro ativo do verbo ἀγαπάω.

¹³⁵ David A. Neale, *Novo Comentário Bíblico Beacon: Lucas 9-24*, 86.

¹³⁶ Archibald Thomas Robertson, *Comentário de Lucas à Luz do Novo Testamento Grego*, 205.

¹³⁷ «Observais os meus decretos e os meus preceitos, porque o homem que os observa viverá por eles. Eu sou o Senhor».

¹³⁸ «Dei-lhes as minhas leis e fiz-lhes conhecer os meus preceitos, que o homem deve observar para poder viver».

¹³⁹ «πλησίον é derivado de πλήσιος, perto, perto de; daí o πλήσιος, usado como substantivo, significa “alguém perto”, “o vizinho”» (William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Lucas II* [São Paulo: Cultura Cristã, 2003] 102).

sobre o que se entende por “próximo” era justificada porque a resposta era discutível»¹⁴⁰, o que significa que «a pergunta do legista provém de debates sobre quem pertence ao povo de Deus e é, portanto, objeto do amor devido ao próximo»¹⁴¹.

A expressão ἄνθρωπός τις (certo homem¹⁴²) do v. 30 é sujeito da oração que introduz (ἄνθρωπός τις κατέβαινε ἀπὸ Ἱερουσαλὴμ εἰς Ἱεριχὼ) e, por isso, está em nominativo. Joseph A. Fitzmyer argumenta que Lucas utiliza aqui, pela primeira vez, ἄνθρωπός τις que, ao longo do evangelho, vai aparecer novamente¹⁴³. Para além desta expressão, o autor também utiliza ἀνὴρ τις (um homem)¹⁴⁴ ou τις ἀνὴρ (At 3, 2; 14, 8; 17, 34)¹⁴⁵. Francesc Ramis Darder faz um paralelismo entre o homem assaltado e a paixão de Jesus, mais concretamente nos acontecimentos que se dão durante a relação de Jesus com Pilatos. Saltam à vista dois detalhes: o primeiro, o homem (cf. Lc 23, 2-24: “Encontrámos este homem”; “Não encontro culpa alguma neste homem”; “trouxestes-me este homem... não encontrei neste homem culpa alguma”; Jo 19, 5: “Eis o homem!”) e o segundo, depois de o despojarem e encherem de pancadas, abandonaram-no, deixando-o meio morto (cf. Lc 23, 16-25: castigo; entrega Jesus para ser crucificado; cf. Mt 27, 26-31; Mc 15, 15-20: “Depois de o despirem”, “cuspindo-lhe, pegaram na cana e batiam-lhe na cabeça”, “entregou Jesus, depois de o mandar flagelar, para ser crucificado”)¹⁴⁶.

No v. 31, ἰδὼν (ver) é um verbo que se repete em três versículos seguidos (vv. 31-33). Neste caso, desempenha a função de verbo complementar, em que se segue sempre

¹⁴⁰ Claiton André Kunz, «Reflexões sobre a parábola do bom samaritano». *Revista Teológica*, no. 10 (jan. 2016): 63.

¹⁴¹ Robert J. Karris, «O Evangelho Segundo Lucas», 270.

¹⁴² «“Certo homem” etc. Os mestres, os pregadores etc., deveriam fazer uso das ilustrações para fazer com que as preciosas verdades das Escrituras atinjam o alvo» (William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Lucas II*, 101).

¹⁴³ Cf. Lc 12, 16; 14, 2.16; 15, 11; 16, 1.19; 19, 2; 20, 9 e aparece também em At 9, 33.

¹⁴⁴ Cf. Lc 8, 27; At 5, 1; 8, 9; 10, 1; 13, 6; 16, 9; 17, 5; 25, 14.

¹⁴⁵ Cf. Joseph A. Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas III: Traducción y Comentario, Capítulos 8, 22-18, 14*, 283.

¹⁴⁶ Cf. Francesc Ramis Darder, *Lucas, evangelista da ternura de Deus: dez catequeses para descobrir o Deus da Misericórdia* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, S/a), 108-109.

um verbo principal, o de ação: ἀντιπαρῆλθεν e ἐσπλαγχνίσθη. «Isso chama a atenção para o ponto fundamental de contraste na parábola»¹⁴⁷, pois no que se refere ao sacerdote e levita utiliza-se ἰδὼν ἀντιπαρῆλθεν (“ao vê-lo, passou ao largo”). Porém, do samaritano diz-se ἰδὼν ἐσπλαγχνίσθη (“ao vê-lo, ficou profundamente compadecido”).

ἀντιπαρῆλθεν¹⁴⁸ (passou ao largo) é o aoristo ativo do verbo ἀντιπαρέρχομαι, verbo que pertence ao «grupo de ἀντι-compostos nos quais ἀντι tem o sentido de oposição local. A mesma forma ocorre duas vezes (vv. 31 e 32)»¹⁴⁹. Para Joseph A. Fitzmyer, Lucas coloca aqui um verbo pouco utilizado, composto pelas preposições anti-par-erchesthai. O ato do sacerdote passar ao largo é para evitar qualquer tipo de contaminação cerimonial que a lei proibiu em relação aos cadáveres por contacto ou por mera proximidade (cf. Nm 5, 2; 19, 2-13), exceto se o cadáver era parente ou a pessoa mais próxima (cf. Ez 44, 25-27; Lv 21, 1-3)¹⁵⁰.

No v. 32, o verbo ἀντιπαρῆλθεν também aparece neste versículo para falar do levita que toma a mesma atitude que o sacerdote. Como sabemos, «no mundo narrativo de Lucas, esses dois líderes religiosos simbolizam os típicos representantes do judaísmo (o sacerdote, em 1, 5-8; 5, 14; 22.50 e 54; o levita aparece apenas aqui, em Lucas, e em At 4.36)»¹⁵¹.

No v. 33, ἐσπλαγχνίσθη¹⁵² (“ficou profundamente compadecido”) é o verbo principal da oração. É uma palavra que Lucas raramente utiliza: para além desta parábola,

¹⁴⁷ David A. Neale, *Novo Comentário Bíblico Beacon: Lucas 9-24*, 88.

¹⁴⁸ 3ª pessoa do singular do aoristo indicativo ativo do verbo ἀντιπαρέρχομαι.

¹⁴⁹ William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Lucas II*, 103.

¹⁵⁰ Cf. Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas III: Traducción y Comentario, Capítulos 8, 22-18, 14*, 285. «“Passou ao lado” (ἀντι), e a seguir passou para o lado oposto (παρά) do caminho, para evitar contaminação cerimonial, se tocasse o estranho. Esta é uma imagem vívida e vigorosa da perversidade da pureza cerimonial dos judeus, ao custo dos princípios e deveres morais» (Archibald Thomas Robertson, *Comentário de Lucas à Luz do Novo Testamento Grego*, 207).

¹⁵¹ David A. Neale, *Novo Comentário Bíblico Beacon: Lucas 9-24*, 88.

¹⁵² 3ª pessoa do singular do aoristo indicativo passivo do verbo σπλαγχνίζομαι.

aparece apenas no relato da “ressurreição do filho de uma viúva, em Naim” (7, 13) e na “parábola do pai misericordioso” (15, 20).

A expressão ἐπιχέων ἔλαιον καὶ οἶνον (“derramando azeite e vinho”) do v. 34 dá a entender que o samaritano levou consigo, na sua viagem, azeite e vinho, cujo valor terapêutico era conhecido¹⁵³. O samaritano, ao ver o homem ferido e caído no chão, ficou profundamente compadecido, aproximou-se dele, começou a prestar os primeiros cuidados, «enfaixou as feridas do homem e colocou nelas vinho e óleo, uma antiga prática medicinal»¹⁵⁴, pois o azeite tem a função de aliviar a dor e o vinho deve ter sido usado para limpar e desinfetar as feridas, dado o seu valor antisséptico¹⁵⁵.

O verbo principal do v. 35 é ἀποδώσω (“restituirei”) que tem como o sujeito ἐγώ e complemento indireto σοι. Para Joseph A. Fitzmyer, este verbo (ἀποδίδομι) tem dois sentidos: o primeiro apresenta um significado neutro (“dar”, “entregar”, “devolver”); o segundo tem uma conotação de dívida (“restituir”, “reembolsar um empréstimo”, “pagar uma dívida”)¹⁵⁶. No versículo anterior, vimos que o samaritano presta os primeiros cuidados ao homem caído no chão (cuidar, transportar e hospedar)¹⁵⁷. Neste versículo, ele continua a prestar-lhe cuidados, concretamente quando deixou «com o hospedeiro dois denários por conta, e mandou que o homem fosse cuidado (...) E isto não era tudo, pois qualquer coisa que o hospedeiro gastasse a mais, o samaritano obrigou-se a indenizar no caminho de volta»¹⁵⁸. A ordem que dá ao hospedeiro (v. 35b: “Cuida dele

¹⁵³ Cf. Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas III: Traducción y Comentario, Capítulos 8,22-18,14*, 286-287.

¹⁵⁴ David A. Neale, *Novo Comentário Bíblico Beacon: Lucas 9-24*, 88.

¹⁵⁵ Cf. Marta López Alonso, «Jesús, Buen Samaritano», *Labor Hospitalaria*, no. 305, vol. XLV (enero-abril, 3013): 34.

¹⁵⁶ Cf. Joseph A. Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas III: Traducción y Comentario, Capítulos 8,22-18,14*, 288.

¹⁵⁷ Cf. François Bovon, *El evangelio según san Lucas II: Lc 9,51-14,35*, 120-121.

¹⁵⁸ Leon Lamb Morris, *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário*, 179-180.

e o que gastares a mais eu to restituirei quando voltar”) mostra que o samaritano faz exatamente o inverso das atitudes dos salteadores, como o quadro comparativo mostra¹⁵⁹:

<i>Os salteadores</i>	<i>O samaritano</i>
Roubaram-no	Paga por ele
Deixaram-no moribundo	Deixa-o sob cuidados
Abandonam-no	Promete voltar

O substantivo πλησίον (“próximo”), no v. 36, assume a função de predicado acusativo de γεγονέναι (“tornar-se”/“ter sido”). Há aqui uma inversão do sujeito, no uso da palavra “próximo”, pois no segundo momento do diálogo o doutor da lei busca um próximo a quem poderia amar, porém agora Jesus faz uma contrapergunta, ao resumir a parábola. Não é um próximo que corre o risco de se tornar objeto do meu amor ao próximo, mas sim de uma pessoa que faz (γεγονέναι) um sujeito ativo de uma relação¹⁶⁰.

No v. 37, τὸ ἔλεος (“misericórdia”) é um substantivo que tem a função de complemento direto da oração ὁ ποιήσας τὸ ἔλεος μετ’ αὐτοῦ. Portanto, a resposta do doutor da lei articula, no interior e exterior, enquanto expressa um sentimento (τὸ ἔλεος/“a misericórdia”) que leva a uma ação (ὁ ποιήσας/“o que usou”) e que constrói uma relação (μετ’ αὐτοῦ/“para com ele”)¹⁶¹. A resposta do doutor da lei (“O que usou de misericórdia para com ele”) parece sugerir que «não consegue dizer “samaritano”. Por ter praticado a lei, o samaritano marginalizado mostra que ele é um próximo, um membro do povo de Deus, alguém que herdará a vida eterna»¹⁶².

A expressão “usar de misericórdia” (ποιῆσαι ἔλεος) é usada, pela primeira vez, em Lc 1, 72, embora com muitas variações. A frase é muito frequente na versão grega (LXX)

¹⁵⁹ Kenneth E. Bailey, *Poesia e o Camponês, Uma Análise Literária-Cultural das Parábolas de Lucas*, 98.

¹⁶⁰ Cf. François Bovon, *El evangelio segun san Lucas, II: Lc 9,51-14,35*, 121.

¹⁶¹ Cf. François Bovon, *El evangelio segun san Lucas, II: Lc 9,51-14,35*, 121.

¹⁶² Robert J. Karris, «O Evangelho Segundo Lucas», 270.

do Antigo Testamento (cf. Gn 24, 12; Js 1, 24; 8, 24; Rt 1, 8). Por regra, a palavra ἔλεος adquire uma conotação de lealdade, que é atributo do Deus da aliança (em hebraico: *hesed*)¹⁶³.

4. Delimitação e articulação textual

Este texto faz parte do núcleo central do evangelho, isto é, da unidade do “caminho de Jesus para Jerusalém” (9, 51 - 19, 27 [28]), onde se coloca a tónica nas promessas do reino (9, 51 - 13, 21). É curioso que é aqui que começa o relato da “hostilidade dos samaritanos” (9, 51-56), ao mesmo tempo que um samaritano é proposto como modelo a seguir. Nem será por acaso que se seguem as exigências da vocação a seguir Jesus (9, 57-62) e a missão dos setenta e dois discípulos (10, 1-24). Depois disso, é que aparece o texto que estamos a estudar.

À primeira vista, não encontramos uma clara relação de pensamento entre o texto da parábola do Bom Samaritano (10, 25-37) e o relato imediatamente precedente (10, 21-24: revelação aos humildes). É por isso que William Hendriksen, ao falar desta relação entre os textos, sugere uma mera possibilidade de não existência duma relação direta entre eles, pois se Lucas quisesse que ela existisse, poderia ter escrito da seguinte maneira: Um entendido da lei não ficou satisfeito com as palavras que Jesus dirigiu aos setenta e dois discípulos, quando regressaram da missão: «alegrai-vos antes porque os vossos nomes estão inscritos nos céus» (10, 20). Também lhes dizia que eles têm recebido revelações muito maiores do que as anteriormente concebidas aos profetas e reis (cf. 10, 24). Seja

¹⁶³ Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas II: Traducción y Comentario, Capítulos 1- 8,21* (Madrid: Cristiandad, 1987), 182.

como for, sabemos que a formulação da pergunta do entendido da lei para pôr Jesus a prova é: “o que deve fazer para herdar a vida eterna” (cf. 10, 25)¹⁶⁴.

No processo da delimitação do texto em estudo, importa ter em conta o espaço (lugar), o tempo e os personagens. Tudo isso vai permitir-nos concluir que o texto começa no v. 25 e termina no v. 37. Começa com a frase introdutória Καὶ ἰδοὺ (Eis então) e com um entendido da lei que se levantou (ἀνέστη), a fim de pôr Jesus à prova (ἐκπειράζων). O mais certo é que «ele estava sentado entre aqueles que estavam ouvindo os ensinamentos de Jesus. Ele se levantou para chamar a atenção do Mestre e fazer uma pergunta¹⁶⁵» (cf. 10, 25). O relato termina com a resposta de Jesus: «vai e faz tu o mesmo» (cf. 10, 37), pois, para herdar a vida eterna, não basta saber dizer e citar as Escrituras (cf. 10, 27), é necessário fazer, pô-las em prática. O texto começa com um verbo de movimento (ἀνίστημι: levantar-se, pôr-se em pé, erguer-se) e termina com outros dois verbos que convidam a movimentar-se: πορεύω (ir, partir) e ποιέω (fazer, colocar alguma coisa).

5. Estrutura interna do relato

De uma maneira geral, a estrutura de Lc 10, 25-37 divide-se em dois momentos chave do debate ou diálogo entre Jesus e o entendido da Lei: o primeiro foca-se no mandamento para herdar a vida eterna (10, 25-28)¹⁶⁶ e o segundo concentra-se na parábola do Bom Samaritano (10, 29-37)¹⁶⁷. Nestes dois momentos, a controvérsia apresenta os seguintes componentes: «10, 25, a pergunta de um legista; 10, 26, a contrapergunta de Jesus; 10, 27, a resposta do legista; 10, 28, o imperativo de Jesus; 10,

¹⁶⁴ Cf. William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Lucas II*, 14.

¹⁶⁵ Charles L. Childers, «O Evangelho segundo Lucas», 413.

¹⁶⁶ Cf. Joseph A. Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas III: Traducción y Comentario, Capítulos 8,22-18,14*, 265.

¹⁶⁷ Cf. Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas III: Traducción y Comentario, Capítulos 8,22-18,14*, 276.

29, nova pergunta do legista; 10, 30-36, outra contrapergunta de Jesus, acompanhada da parábola do bom samaritano; 10, 37a, a resposta do legista; 10, 37b, o imperativo de Jesus»¹⁶⁸.

Para Kenneth E. Bailey, este diálogo entre o doutor da Lei e Jesus é composto por oito falas, que se desenvolve em dois tempos exatos de debate e cada tempo se estrutura em duas perguntas e duas respostas. A iniciativa da pergunta parte sempre do doutor da Lei e, por sua vez, Jesus faz uma segunda pergunta, em vez de responder à pergunta do entendido da lei. Em seguida, o doutor da Lei responde à segunda pergunta e, por fim, Jesus termina com uma resposta à pergunta inicial. Portanto, podemos estruturar o episódio da seguinte maneira¹⁶⁹:

Primeiro tempo: Um entendido na Lei (Doutor da Lei) levantou-se para o (Jesus) pôr à prova, dizendo:

- Doutor: (pergunta 1) ‘Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna?’
- Jesus: (pergunta 2) ‘Na Lei, que está escrito? Como lês?’
- Doutor: (resposta 2) ‘Amarás o Senhor teu Deus e a teu próximo.’
- Jesus: (resposta 1) ‘Faz isso e viverás’

Segundo tempo: Ele (o doutor da lei), querendo justificar-se, disse:

- Doutor: (pergunta 3) ‘Quem é o meu próximo?’
- Jesus: (pergunta 4) ‘Um homem descia de Jerusalém para Jericó ...’
- ‘Qual destes três se tornou o próximo?’
- Doutor: (resposta a 4) ‘O que usou de misericórdia para com ele’
- Jesus: (resposta a 3) ‘Vai e faz tu o mesmo’.

¹⁶⁸ Robert J. Karris, «O Evangelho Segundo Lucas», 270.

¹⁶⁹ Cf. Kenneth E. Bailey, *Poesia e o Camponês, Uma Análise Literária-Cultural das Parábolas de Lucas*, 76. Na estrutura, pode ver também o que propôs François Bovon em duas fases. Na primeira, temos a pergunta do escriba (v. 25), contra a pergunta de Jesus (v. 26); cita a Escritura como resposta de escriba (v. 27), felicitação e convite de Jesus (v. 28); na segunda, temos a pergunta do escriba (v. 29), um relato normativo como resposta de Jesus (vv. 30-35), a contra pergunta de Jesus (v. 36), a resposta do escriba (v. 37a), o convite de Jesus à ação (v. 37b), (François Bovon, *El evangelio segun san Lucas II: Lc 9,51-14,35*, 111).

Neste segundo tempo, focado somente na parábola do Bom Samaritano, Kenneth E. Bailey propõe uma estrutura em sete cenas, chamada de «'balada parabólica' por causa das estrofes de forma em balada em que a estória se divide»¹⁷⁰. As três primeiras cenas são dominadas pelos salteadores, pelo sacerdote e pelo levita. Cada uma delas caracteriza-se pelos verbos “vir”, “fazer” e “ir” (cada um deles veio, faz algo e por fim foi-se). Enquanto isto, as quatro últimas cenas são ocupadas pelo samaritano e caracterizadas apenas por dois verbos: vir e fazer¹⁷¹.

<i>Nº</i>	<i>Cena</i>	<i>Balada parabólica</i>	<i>Caracterizada pelo verbo</i>
01	Os salteadores	Um homem descia de Jerusalém para Jericó	
		e caiu nas mãos de salteadores que	Vir
		depois de o despirem e lhe baterem,	Fazer
		se foram embora, deixando-o meio morto.	Ir
02	O sacerdote	Por acaso, um sacerdote descia por aquele caminho;	Vir
		ao vê-lo,	Fazer
		passou ao largo.	Ir
03	O levita	De igual modo, também um levita que passava por aquele lugar,	Vir
		ao vê-lo,	Fazer
		passou ao largo.	Ir
04	O samaritano	Mas um samaritano, que seguia no caminho, passou junto dele e,	Vir
		ao vê-lo,	Fazer
		ficou profundamente compadecido.	Fazer

¹⁷⁰ Kenneth E. Bailey, *Poesia e o Camponês, Uma Análise Literária-Cultural das Parábolas de Lucas*, 84.

¹⁷¹ Cf. Kenneth E. Bailey, *Poesia e o Camponês, Uma Análise Literária-Cultural das Parábolas de Lucas*, 83-100.

05	Os primeiros socorros	E, indo ter com ele,	Fazer
		ligou-lhe as feridas,	
		derramando azeite e vinho;	
06	O transporte para a estalagem	depois de o colocar sobre a sua montada,	Fazer
		levou-o para uma estalagem	
		e cuidou dele.	
07	O pagamento final	No dia seguinte, ao sair, deu dois denários ao estalajadeiro	Fazer
		e disse: "Cuida dele e o que gastares a mais	
		eu to restituirei quando voltar.	

6. Intertextualidades

Esta parábola não encontra paralelos nos outros evangelhos, pois é um texto exclusivo de Lucas. Porém, a estrutura que a antecede (Lc 10, 25-28), à primeira vista, apresenta semelhanças com algumas passagens dos sinópticos (Mt 22, 34-40 e Mc 12, 28-34), onde se narra os debates que aconteceram, no Templo, antes da paixão de Jesus¹⁷².

6.1. Lc 10, 25-28

Tanto em Lucas como em Marcos e Mateus, surge um personagem que faz uma pergunta a Jesus, onde são citados dois versículos do Antigo Testamento (Dt 6, 5 e Lv 19, 18). Em Marcos e Mateus, a pergunta do doutor da lei diz respeito ao maior mandamento (Mc 12, 28b: «Qual é o primeiro de todos os mandamentos?»); ou Mt 22, 36: «qual é o grande mandamento na Lei?»). As circunstâncias narrativas, em Marcos e

¹⁷² Cf. Klyne Snodgrass, *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*, 483.

Mateus, são quase semelhantes. Porém, as cenas são variadas, pois, na resposta, a pergunta de Jesus cita os versículos do Antigo Testamento e estabelece uma clara distinção entre os mandamentos citados (primeiro Dt 6, 5 e, de seguida, Lv 19, 18). No entanto, em Lucas, a pergunta do doutor da lei é: o que fazer para herdar a vida eterna? (Lc 10, 25). Jesus responde com uma contrapergunta que força o doutor da lei a dar resposta, citando duas passagens do Antigo Testamento. Enquanto isto, Jesus apenas confirma a precisão da resposta¹⁷³.

Para François Bovon, o confronto do texto de Lucas com outros textos revela grandes diferenças com Mc 12, 18-34 e numerosas coincidências com Mt 22, 34-40. Eis algumas das diferenças com a narrativa de Marcos: conteúdo da pergunta (primeiro mandamento [Mc 12, 28]; herdar a vida eterna [Lc 10, 25]; contrapergunta de Jesus ausente em Marcos [Lc 10, 26]); o autor de uma boa resposta (Jesus [Mc 12, 29], doutor da lei [Lc 10, 27]); a forma de citar o Antigo Testamento (Mc 12, 29-31; Lc 10, 27). Por outro lado, há coincidências com Mateus: a designação de interlocutor como entendido na Lei «νομικὸς» (Mt 22, 35; Lc 10, 25); com intenção de pôr Jesus à prova (Mt 22, 35; Lc 10, 25); o vocativo «mestre/ διδάσκαλε» (Mt 22, 36; Lc 10, 25); a expressão «na lei» (Mt 22, 36; Lc 10, 26); a proximidade formal de citação bíblica (Mt 22, 37; Lc 10, 27)¹⁷⁴.

É verdade que Lucas não apresenta o conteúdo da pergunta semelhante aos de Mateus e de Lucas, mas tem um paralelo com a pergunta do homem rico: «Bom Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna?» (Mc 10, 17; Mt 19, 16; Lc 18, 18).

¹⁷³ Cf. Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas, III: Traducción y Comentario, Capítulos 8,22-18,14*, 265-266.

¹⁷⁴ Cf. François Bovon, *El evangelio según san Lucas, II: Lc 9,51-14,35*, 112.

<i>Dados</i>	<i>Marcos 12,28-34</i>	<i>Mateus 22,34-40</i>	<i>Lucas 10,25-28</i>
Interlocutor de Jesus	Um dos doutores da lei (v. 28)	Um entendido na Lei “νομικός” (v. 35)	Um entendido na Lei “νομικός” (v. 25)
Atitude do interlocutor	Aproximando-se (v. 28)		Levantou-se (v. 25)
Tratado Jesus por		Mestre “διδάσκαλε” (v. 36)	Mestre “διδάσκαλε” (v. 25)
Motivo da pergunta		Pôr Jesus à prova (v. 35)	Pôr Jesus à prova (v. 25)
Conteúdo da Pergunta	Primeiro mandamento (v. 28)	Maior mandamento (v. 36)	Herdar a vida eterna (v. 25)
Citação bíblica	Dt 6,4-5 e Lv 19,18 (vv. 29-31)	Dt 6,4-5 e Lv 19,18	Dt 6,4-5 e Lv 19,18 (v. 27)
Quem fez a citação	Jesus	Jesus	O entendido da Lei
Afirmação ou desafio colocado por Jesus	«Não estás longe do reino de Deus» (v. 34)		«Respondeste bem. Faz isso e viverás» (v. 28)

Acerca disto, diz William Hendriksen¹⁷⁵:

a) Em Mateus/Marcos, é o próprio Jesus que resume a lei; em Lucas, é o entendido da lei que o faz.

b) Em Mateus/Marcos, o resumo é dado por Jesus em resposta à pergunta: «qual é o grande mandamento na Lei?»; em Lucas, a resposta de Jesus é dada numa pergunta: «Na Lei, que está escrito? Como lês?»

c) O facto relatado em Mateus/Marcos ocorreu na terça-feira da Semana da Paixão; o que Lucas relata aqui ocorreu antes.

¹⁷⁵ Cf. William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Lucas II*, 88.

6.2. Lc 10, 29-37

Como já foi dito, a segunda parte do texto em estudo (Lc 10, 29-37) é exclusiva de Lucas. Por isso, não temos outros textos com semelhanças temáticas, a não ser na sua organização. É o caso do texto do bom Samaritano (Lc 10, 30-35) e do dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35)¹⁷⁶.

Por outro lado, podemos identificar uma estrutura simétrica e assimétrica entre as duas fases ou momentos do relato que estamos a analisar (vv. 25-28 e vv. 29-37). Segundo François Bovon, o paralelismo simétrico que se desenvolve nas duas fases é marcado por uma pergunta (v. 25 e v. 29), uma contrapergunta pedagógica (v. 26 e v. 36), uma resposta do entendido da lei (v. 27 e v. 37a) e, por fim, a resposta de Jesus (v. 28: elogio e convite; e v. 37b: convite à ação). Por outro lado, a sua forma assimétrica encontra-se na insistência normativa (era a Escritura citada pelo entendido da lei [v. 27]) e, na segunda fase, Jesus conta uma história (vv. 30-35); na primeira fase, Jesus faz um elogio à resposta do doutor da lei (v. 28), enquanto que, na segunda, só aparece um convite à ação (v. 37b)¹⁷⁷. Nesta linha de ideias, podemos apresentar o seguinte paralelismo:

<i>Primeira fase (vv. 25-28)</i>	<i>Segunda fase (vv. 29-37)</i>
Pergunta do entendido da lei (v. 25)	Pergunta do entendido da lei (v. 29)
	Relato normativo como resposta de Jesus (vv. 30-35)
Contrapergunta de Jesus (v. 26)	Contrapergunta de Jesus (v. 36)
Cita escritura como resposta do entendido da lei (v. 27)	Resposta do entendido da lei (v. 37a)
Elogio e convite a viver em prática	Convite à ação

¹⁷⁶ João Alberto Sousa Correia, *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, 86.

¹⁷⁷ Cf. François Bovon, *El evangelio segun san Lucas, II: Lc 9,51-14,35*, 110-111.

7. Temas teológicos

Vários temas teológicos podem ser abordados a partir do texto que estamos a analisar. Mas, na impossibilidade de os desenvolver longamente neste capítulo, elencamos aqui alguns deles, seguindo o pensamento de Claiton André Kunz¹⁷⁸. O capítulo seguinte dará desenvolvimento a alguns deles.

a) *A rejeição do legalismo*. O doutor da lei queria uma regra ou coletânea de regras que o pudessem ajudar na observância, a fim de merecer a vida eterna. Porém, Jesus indica-lhe que herdar a vida eterna não é uma questão de observância de regras, mas sim de vivência no amor, na vida do reino de Deus¹⁷⁹.

b) *A inutilidade da autojustificação*. Quando o doutor da lei percebeu que se tinha condenado ao fazer a pergunta cuja resposta já se conhecia, no seu embaraço, fez outra pergunta para justificar-se¹⁸⁰. Mas, na verdade, «deveria responder com a confissão de sua culpa, em vez de se autojustificar»¹⁸¹, pois a «parábola torna claro que qualquer tentativa de autojustificação está fadada ao fracasso»¹⁸².

c) *O repúdio do preconceito*. Certamente que os ouvintes de Jesus esperariam que o sacerdote e o levita fossem seguidos por um israelita leigo, mas foi devastador, porque foi introduzido um samaritano. Tendo em conta a inimizade tradicional entre judeus e samaritanos, o samaritano era a última pessoa de quem se poderia esperar socorro, mas é precisamente ele que se compadece do sofredor e lhe dá o melhor atendimento possível, no local¹⁸³.

¹⁷⁸ Claiton André Kunz, «Reflexões sobre a parábola do bom samaritano», 67-70.

¹⁷⁹ Cf. Leon Lamb Morris, *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário*, 178.

¹⁸⁰ Cf. Archibald Thomas Robertson, *Comentário de Lucas à luz do Novo Testamento Grego*, 205.

¹⁸¹ John MacArthur, *Lucas - Estudos bíblicos de John MacArthur*, 38.

¹⁸² Kenneth E. Bailey, *Poesia e o Camponês, Uma Análise Literária-Cultural das Parábolas de Lucas*, 101.

¹⁸³ Cf. Leon Lamb Morris, *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário*, 179.

d) *O conceito de amor.* O amor a Deus e ao próximo é que determina a conduta da vida¹⁸⁴, pois «para Jesus, o amor é algo que você sente e faz»¹⁸⁵.

e) *O conceito de próximo.* À pergunta feita pelo doutor da lei (“quem é o meu próximo?”), a parábola dá resposta, apresentando um conceito dinâmico de “próximo”. Por esta altura, «os judeus discutem intensamente esta questão, e excluem dos “próximos” os gentios e, em particular, os samaritanos. Assim, aqui estava a sua saída»¹⁸⁶. Mas Jesus deu uma resposta que vai além desta concepção: o próximo não é apenas quem pertencia ao mesmo povo, mas sim «qualquer pessoa que se encontre em necessidade, mesmo que seja um inimigo»¹⁸⁷.

f) *Um conceito de pecado.* Kenneth E. Bailey fala de dois tipos de pecado que podemos encontrar na parábola: o dos salteadores que ferem o homem, pela violência; e o do sacerdote e do levita que o ferem, pela sua negligência. Assim, a história demonstra a culpa de ambos os grupos. Uma oportunidade não aproveitada para se fazer o bem torna-se um mal¹⁸⁸.

g) *Um conceito de Lei.* Jesus pergunta ao entendido: «Na Lei, que está escrito? Como lê?»; e ele responde, unindo os textos de Dt 6, 5 e Lv 19, 18, que se resumem no amor a Deus e ao próximo. Jesus afirma com um elogio: «respondeste bem. Faz isso e viverás». A Lei de Deus é a lei do amor.

¹⁸⁴ Cf. Joachim Jeremias, *Las Parabolas de Jesus* (Estella: Verbo Divino, 1974), 245.

¹⁸⁵ Kenneth E. Bailey, *Poesia e o Camponês, Uma Análise Literária-Cultural das Parábolas de Lucas*, 101.

¹⁸⁶ Archibald Thomas Robertson, *Comentário de Lucas à Luz do Novo Testamento Grego*, 205-206.

¹⁸⁷ Kenneth E. Bailey, *Poesia e o Camponês, Uma Análise Literária-Cultural das Parábolas de Lucas*, 102.

¹⁸⁸ Cf. Kenneth E. Bailey, *Poesia e o Camponês, Uma Análise Literária-Cultural das Parábolas de Lucas*, 102.

Síntese do capítulo

Ao terminar este capítulo, sabemos que muitas coisas ficaram por trabalhar. Podemos, contudo, concluir com alguns pensamentos de John Charles Ryle acerca do assunto, na sua obra *Meditação no Evangelho de Lucas*¹⁸⁹.

No primeiro momento, temos um certo doutor da lei que se levantou e fez a pergunta: «Que farei para herdar a vida eterna?» (10, 25b). Note-se que esta indagação foi inquestionavelmente importante, ainda que o motivo da pergunta tenha sido pôr Jesus à prova. Na resposta, Jesus disse: «Na Lei, que está escrito? Como lê?» (10, 26). Retorquindo, o doutor da lei mostra com nitidez o seu conhecimento em relação aos deveres para com Deus e com os homens, que se resumem no amor. As suas palavras são muito instrutivas, em dois aspetos: por um lado, mostram quão grandes eram os privilégios do conhecimento espiritual que os Judeus desfrutavam, se comparados com outros povos da mesma época; por outro lado, a sua resposta mostra-nos que um homem pode estar cheio de conhecimento, em seu intelecto, e de impiedade, em seu coração.

O segundo momento apresenta-nos a parábola do Bom Samaritano. O seu objetivo é mostrar a natureza do verdadeiro amor fraternal, que muitas vezes foi substituído por egoísmo, por falta de bondade no coração. Assim, a parábola sugere-nos quem são aqueles para quem devemos mostrar bondade e a quem devemos amar como o nosso próximo. Ou seja, na parábola aprendemos o modo e a dimensão do amor ao próximo e da bondade que devemos dispensar-lhe.

A lição da parábola é clara e inconfundível. A bondade de uma pessoa para com outras não se limita a palavras e lábios, mas traduz-se em atos e verdade. Seu amor há-de ser algo prático que exige renúncia e sacrifício, em dinheiro, em tempo e em trabalhos. A

¹⁸⁹ Cf. John Charles Ryle, *Meditações no Evangelho de Lucas* (São José dos Campos: Fiel, 2002), 177-182.

amabilidade não pode ser vista apenas em conversas e palavras, mas em atitudes e realizações.

Para além destas questões, a parábola também nos abre o caminho para algumas reflexões que iremos desenvolver no capítulo seguinte, tais como o culto, a compaixão e o conceito de próximo.

III. RITUALIDADE RELIGIOSA OU HUMANISMO CRENTE?

No capítulo anterior, trabalhámos Lc 10, 25-37, na sua materialidade: o texto grego, a respetiva tradução e análise morfossintática, a delimitação e articulação textual, a estrutura interna do texto; e a sua intertextualidade. A concluir, e preparando este capítulo, destacámos alguns dos principais temas teológicos do texto em estudo.

Neste capítulo, propomo-nos a uma reflexão mais específica. Perante o homem caído, emergem duas respostas: a primeira, de teor negativo, vinda do sacerdote e do levita, dois homens ligados ao templo; a segunda, de teor positivo, vinda de um excluído do mundo judaico, o samaritano. A primeira contempla a fidelidade e o cumprimento da lei de Deus, sem a transgredir, o que se traduz na pureza cultural (cf. Nm 5, 2; 19, 2-13)¹⁹⁰; a segunda remete para o verdadeiro culto (cf. Mq 6, 8; Ex 23, 4-5)¹⁹¹, expressão de um outro modo de ser fiel e de cumprir a lei de Deus, não na letra, mas no espírito.

Sem menosprezar outros aspetos, detemo-nos nalguns que achamos de grande importância: a questão do culto, a análise das atitudes que o reconfiguram e, por fim, o culto encarnado que abre portas ao próximo.

1. O culto

O ser humano é uma das criaturas de Deus, o que implica uma relação de dependência do ser finito e inferior com o Ser infinito e supremo. Este reconhecimento de dependência traduz-se num ato exterior e o culto é um dos exemplos possíveis. Mas o que é o culto? De um modo geral, podemos entendê-lo como serviço¹⁹² prestado a Deus.

¹⁹⁰ cf. Nm 5, 2; 19, 2-13; Ez 44, 25-27; Lv 21, 1-3.

¹⁹¹ Cf. Mq 6, 6-8; Ex 23, 4-5; Lv 19, 34; 2 Rs 6, 8-23; Is 1, 10-20; 29, 13-14; 58; 66, 1-6; Am 4, 4-13.

¹⁹² Cf. Lothar Coenen e Erich Beyreuther Hans Bietenhard, *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento I* (Salamanca: Sígueme, 1990), 392.

«É esta nota de serviço que a terminologia hebraica (*saret*, ‘*aboda*) deixa transparecer; os LXX traduzem por latria ou liturgia, reservando, porém, este último vocábulo para o serviço dos sacerdotes e levitas no santuário»¹⁹³.

Na linha da tradução dos LXX, Danilo R. Adorno faz uma dilatação do verbo λατρεύω (servir), derivado de τὸ λάρτρον (recompensa), que originalmente significa “trabalhar por uma recompensa”. Evoluiu depois para “servir”, em sentido geral (mesmo que sem referência a recompensa). No início, para designar um serviço laborativo, adquiriu uma amplitude maior que incluía também o sentido cultural. Por outro lado, o substantivo λατρεία (“culto”, “serviço divino”), derivado de λατρεύω, teve a mesma evolução semântica: de “trabalho em vista a uma remuneração”, passou a “trabalho”, “serviço”, em sentido geral, sendo utilizado também na esfera cultural, para designar o ato de adoração ou veneração aos deuses, o “culto divino”¹⁹⁴.

1.1. O culto na Sagrada Escritura

No mundo judaico ou veterotestamentário, há um conjunto de doutrinas, preceitos e ritos associados ao culto que têm como princípio «a adoração, a oração, o sacrifício, o voto, o juramento, a santificação de certos dias»¹⁹⁵. Apesar de não conseguirmos identificar a origem do culto hebraico, como a dos cultos primitivos, tal não exclui a possibilidade de ter existido, nos primórdios, um património comum. O que sabemos é que o culto dos patriarcas, bastante rudimentar, mas dominado pela promessa, continua a

¹⁹³ Geraldo Coelho, «Culto», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura VI* (Lisboa: Verbo, 1967), 574-475.

¹⁹⁴ Danilo R. Adorno, *O Culto Espiritual em Rm 12,1-2: um estudo exegetico e teológico*. Dissertação Final de Mestrado Integrado em Teologia (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2018), 49.

¹⁹⁵ José António da Silva Marques, «Culto», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura VI* (Lisboa: Verbo, 1967), 572-473.

desenvolver-se nos seus descendentes (Gn 4, 26; 8, 20; 12, 8). Com base no AT, destacamos alguns aspetos importantes do culto hebraico¹⁹⁶:

- Moisés foi o verdadeiro fundador do culto israelita. As tradições bíblicas pós-exílicas do Êxodo, Levítico e Deuterónimo atribuem a Moisés uma preponderância extraordinária e exagerada na organização do culto. Embora estes textos, como é do nosso conhecimento, sejam de época tardia, não se pode negar ter sido Moisés o primeiro a estabelecer os seus elementos básicos: ministros, sacrifícios, festas e ritual apropriado. O centro do culto era a Arca da Aliança, símbolo da presença de Deus.

- Salomão foi o primeiro centralizador do culto. Transferiu a Arca para Jerusalém e colocou-a no templo que construía para esse efeito. Organizou assim o culto público, em Jerusalém, que veio a tornar-se a capital política e religiosa. Por sua vez, o Templo ficou a ser o único lugar oficial para o culto sacrificial.

- Os profetas, mensageiros de Deus, tiveram também de intervir contra o formalismo e exagerado ritualismo do culto, e acentuavam sobretudo o seu aspeto interior, a religião do coração (Jr 31, 33), pré-anúncio do culto em espírito e verdade (Jo 4, 24). Por esse motivo, chegaram a ser acusados de oposição ao culto. Nesta missão, sobressai o profeta Jeremias (7, 3-15) que, apesar de tudo, foi o braço direito da reforma religiosa de Josias.

- O exílio determinou a ruína do Templo e o culto oficial. Porém, os chefes pós-exílicos contaram com a orientação do profeta Ezequiel, o inspirador das novas estruturas cúlticas. Assim, também o segundo Templo surgiu com os esforços de Esdras, Neemias e Zerobabel, ao mesmo tempo que foram introduzidas novas festas e formas de sacrifícios (Ne 13, 31; 1Mac 4, 52-53) e se desenvolveram novas fórmulas da oração (Esd 9, 6-15; Sir 51, 1-22).

¹⁹⁶ Cf. Geraldo Coelho, «Culto», 574-475.

- Os ministros do culto são os levitas e sacerdotes, presididos pelo sumo sacerdote. Os levitas tinham como função ajudar o sacerdote no culto sacrificial, velar pela guarda e limpeza do tabernáculo, administrar a justiça, em primeira instância, e cuidar da instrução do povo (Nm 3, 5-12; Dt 10, 8-11). Por sua vez, os sacerdotes exerciam o culto sacrificial, cuidavam de todo o serviço no Templo, administravam a justiça, nos casos mais difíceis, e sobretudo instruíam o povo na lei de Deus (Ex 28; Lv 21, 1-10; Dt 17, 8).

No NT, aparece 21 vezes o verbo λατρεύω para designar o serviço de caráter religioso¹⁹⁷. O culto neotestamentário completa o culto judaico já existente e, nalguns pontos, ultrapassa-o, conferindo um sentido novo à sua realidade fundamental. Jesus questiona as prescrições cultuais do seu tempo, prega no Templo e exige-lhe maior respeito (cf. Mc 14, 29; Lc 2, 22-24.41; Jo 2, 13-18; 10, 22-23; 18, 20). Os apóstolos continuaram a frequentar o Templo e as Sinagogas e não romperam com a participação no seu culto (cf. At 2, 46-47; 3-4; 5, 12; 21, 26-31).

O que notamos é que o culto, no NT, tem algumas características específicas que o levam a ultrapassar o do AT, como a independência e a infinita superioridade, para além de tratamento de intimidade filial com o Pai (Mt 6, 9-13; Lc 11, 1-5). O novo culto, sem excluir obrigatoriamente os ritos, é e será em “espírito e verdade”, informado pela ação do Espírito Santo (Jo 4, 20-24; 8, 37-40), desligado do exclusivismo cultual do Templo de Jerusalém. O que apresenta de mais distinto com o AT é, por um lado, a proclamação da não necessidade da circuncisão e de mais preceitos legais, para a justificação e salvação e, por outro, a imolação sacrificial e expiatória de Cristo, que sela e inaugura a nova aliança (Mc 10, 45; 14, 22-25; Lc 22, 15-20; Gl 5, 1-7). Assim, o sacrifício de Cristo, a

¹⁹⁷ Cf. Lothar Coenen e Erich Beyreuther Hans Bietenhard, *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento IV* (Salamanca: Sígueme, 1994), 217.

sua morte e ressurreição, integra e ultrapassa o culto do AT e, ao mesmo tempo, fundamenta e consubstancia o do NT (Hb 1; 4; 7 - 9)¹⁹⁸.

1.2. Culto ou humanismo, em Lc 10, 25-37?

Como já referimos acima, uma das funções do culto é estabelecer relação entre o homem e Deus. A relação assumida pelo ser humano constitui a resposta ao Deus vivo que se revela. Em hebraico, a palavra culto (*'abodah*) deriva do verbo *'abad* que significa “servir”¹⁹⁹.

O texto de Lc 10, 25-37 não nos fala diretamente do culto, em si, porém podemos fazer uma leitura cultural a partir das atitudes das personagens que aparecem no texto. Distinguimos dois tipos do culto: a ritualidade representada pelo sacerdote e o levita; a atitude de vida que, sem negar a ritualidade, leva à ação, representada pelo samaritano.

1.2.1. Ritualidade

Logo no início da parábola²⁰⁰, Jesus fala de um homem que, descendo de Jerusalém para Jericó²⁰¹, caiu nas mãos de malfeitores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, abandonaram-no, deixando-o meio morto (cf. 10, 30).

Deste homem não sabemos praticamente nada, porque o texto não nos oferece mais dados. O nome, a idade, a profissão, a tribo a que pertencia, a religião que professava, a

¹⁹⁸ Cf. Martins dos Reis, «Culto», in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, VI* (Lisboa: Verbo, 1967), 575-577.

¹⁹⁹ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Vocabulario de Teología Bíblica* (Barcelona: Herder, 1965), 177.

²⁰⁰ O termo “parábola” (παραβολή) pode indicar vários tipos de comparações, pois na sua base está o conceito hebraico *mashal* que sugere uma imagem ou representação. Nos textos mais antigos, *mashal* significa “provérbio” (cf. 1Sm 10, 12). Depois, passa a ser um canto satírico (cf. Is 14, 4). Do uso popular, o termo passou ao uso sapiencial, ganhando a forma de provérbio, que ilustra a sabedoria de Salomão, considerado o exemplo disso mesmo, graças ao seu dom de inventar provérbios (Pr 1, 1; Eclo 47, 14. Exemplo típico: Pr 26, 18). Cfr. Irineu J. Rabuske, «O “bom” samaritano (Lc 10, 29-37) Reflexões hermenêuticas a propósito de Igrejas Samaritanas», *Teocomunicação*, no. 161, vol. 38 (set./dez. 2008): 329-330.

²⁰¹ São 28 os quilómetros que separam estas duas cidades e a estrada que as liga sofre um declive de quase mil metros. Tratar-se de uma estrada pouco frequentada.

raça são informações que o texto retém. Também não nos diz se é bom ou mau, nem tão pouco refere o motivo da viagem. Apenas sabemos que era alguém que estava em viagem e que foi cercado e assaltado²⁰². Apesar de todas estas informações, mantém-se uma figura anónima.

«Por acaso, um sacerdote descia por aquele caminho; ao vê-lo, passou ao largo» (Lc 10, 31). Ergue-se, desde logo, a pergunta: o que se entende por “sacerdote” (ἱερεύς), neste contexto? De um modo geral, pode dizer-se que é aquele que oferece sacrifícios e tem o encargo das coisas que, para tal, são necessárias (Mt 8, 4; 12, 4-5; Lc 1, 5 [onde se faz alusão aos 24 turnos dos “sacerdotes” designados ao serviço no Templo; cf. 1 Cr 24.4ss]; Jo 1, 19; Hb 8, 4)²⁰³. Estão encarregados de oferecer o «sacrifício»²⁰⁴ e ao mesmo tempo, de cuidar o interior do Templo.

O serviço do Templo conta com mais ou menos 7000 sacerdotes²⁰⁵. Como não se justifica que todos estejam ao serviço, são divididos em 24 classes (turnos semanais) e cada uma serve na sua vez. Só por ocasião das três grandes festas de peregrinação

²⁰² Francesc Ramis Darder faz um paralelismo entre o homem assaltado e a paixão de Jesus, numa forma mais específica nos acontecimentos que se dão durante a relação de Jesus com Pilatos. Aqui, saltam à vista dois detalhes: o primeiro, o homem (cf. Lc 23, 2-24: “Encontrámos este homem”; “Não encontro culpa alguma neste homem”; “trouxestes-me este homem... não encontrei neste homem culpa alguma”; Jo 19, 5: “Eis o homem!”) e o segundo depois de o desposaram e encheram de pancadas, abandonaram-no, deixando o meio morto (cf. Lc 23, 16-25: castigo; entrega Jesus para ser crucificado; cf. Mt 27, 26-31; Mc 15, 15-20: “Depois de o despirem”, “cuspindo-lhe, pegaram na cana e batiam-lhe na cabeça”, “entregou Jesus, depois de o mandar flagelar, para ser crucificado”). Cf. Francesc Ramis Darder, *Lucas, evangelista da ternura de Deus: dez catequeses para descobrir o Deus da Misericórdia*, 108-109.

²⁰³ Cf. Willian Edwy Vine, «Dicionário Expositivo de Palavras do Novo Testamento», em Willian Edwy Vine; Merril Frederick Unger; William White Jr., *Dicionário Vine - O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento* (Rio de Janeiro: CPAD, 2002), 964.

²⁰⁴ «Os sacrifícios constituem um dos pilares da liturgia judaica que, a par da leitura da Torah, são a melhor expressão de comunhão e de aliança entre Yahwé e seu povo» (João Duarte Lourenço, *O mundo judaico em que viveu Jesus* [Lisboa: Universidade Católica, 2005] 122).

²⁰⁵ Estes números não são consensuais. O Talmud exagera fantásticamente ao afirmar que a mais pequena das secções semanais, com sede em Shijin, na Galiléia, fornece cerca de 85.000 jovens sacerdotes. Por outro lado, o Pseudo-Hecateus refere que o número de sacerdotes não era mais do que 1.500. Para Büchler, este número refere apenas os sacerdotes que residem em Jerusalém (cf. Ne 11, 10-19). Enquanto o número de mais ou menos 7000 pode ser calculado de uma sessão diária, em que estão ao serviço uns 50 sacerdotes, assim a sessão semanal está ao serviço 300 sacerdotes, logo o número redundante das 24 sessões semanais é de 7200 (cf. Joachim Jeremias, *Jerusalén en tiempos de Jesus* [Madrid: Cristiandad, 1980] 217-221).

(*Pessach* [Páscoa], *Shavuot* [Festa das Colheitas] e *Sucot* [Festa das Tendras]) é que todas as classes estão de serviço, ao mesmo tempo²⁰⁶.

Se, nas religiões antigas, o sacerdote é ministro do culto, guardião das sagradas tradições e porta-voz do divino, na qualidade de adivinho, na tradição judaica, o sacerdote exerce os ministérios fundamentais, as formas de mediação, como o serviço do culto e o da palavra²⁰⁷.

Numa primeira impressão, na ótica do homem caído, o ministro de Deus, intermediário entre Ele e os homens, é uma luz ao fundo do túnel, uma esperança de ter um socorro. Foi, contudo, uma ilusão, pois este sacerdote, enquanto servo de Deus, é muito fiel ao que estava prescrito para evitar qualquer tipo de contaminação cerimonial (cf. Nm 5, 2; 19, 2-13). A propósito desta atitude, Leon L. Morris argumenta que o sacerdote «poderia ter a certeza de conservar sua pureza cerimonial somente, por meio de deixar o homem como estava. Poderia ter certeza de que não omitia ajudar um necessitado somente por meio de ir até ele. Neste conflito, a pureza cerimonial ganhou a batalha. Não somente deixou de ajudar: foi para o outro lado da estrada»²⁰⁸.

É verdade que, para exercer a sua função no Templo de Jerusalém, requer-se do sacerdote um estado de pureza exterior, o que não era fácil. Isto fazia com que os sacerdotes evitassem o contacto com o sangue e ainda mais com algum morto, não podendo contactar com as pessoas que não conheciam bem. E, para salvaguardar este estado de pureza, devia lavar constantemente as mãos, realizar repetidas abluções com

²⁰⁶ Cf. Christiane Saulnier, Bernard Rolland, *A Palestina no tempo de Jesus* (São Paulo: Paulus, 1983), 40.

²⁰⁷ Servo do culto, o sacerdote é homem do santuário, guardião da arca da aliança (1Sm 1 - 4; 2Sm 15, 24-29); acolhe os fiéis na casa de Yahwé (1Sm 1); preside à liturgia, nas festas (Lv 23, 11.20); de oferecer sacrifícios, apresenta a Deus a oferenda do povo para alcançar o benefício divino (ritos da aliança (Ex 24, 4-8), bênção de tribos (Dt 33, 10), holocausto perpetuo (Ex 29, 38-42), expiação (Lv 16), consagração e purificação (unção: 1Rs 1, 39; 2Rs 11, 12; purificação: Lv 12, 6-8; Lv 14)). No serviço da palavra, principalmente na Palavra de Deus, adaptada às circunstâncias da vida e do tempo (proclamam a Torah (Ex 24, 7; Dt 27; Ne 8), cabe-lhe interpretar a Torah, procurando responder ao povo com instruções práticas (Dt 33, 10; Jr 18, 18; Ez 44, 23; Ag 2, 11ss). Cf. Xavier Léon-Dufour, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 723-725.

²⁰⁸ Leon Lamb Morris, *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário*, 178-179.

água, lavar minuciosamente os utensílios que tinha utilizado, manter o olhar voltado para o chão, entre outras coisas. Tudo isto pode ter contribuído para a atitude do sacerdote em relação ao homem ferido, pois, ao vê-lo, passou ao largo²⁰⁹.

A preocupação do sacerdote em conservar a pureza cultual fez com que ele deixasse cair por terra as palavras do profeta Miqueias acerca do verdadeiro culto: «já te foi revelado, ó homem, o que é bom, o que o Senhor requer de ti: nada mais que praticares a justiça, amares a lealdade e andares humildemente diante do teu Deus» (6, 8). Além disso, este servo de Deus não aproveitou as circunstâncias que a ocasião (συγκυρίαν, “por acaso”, “aconteceu que” ou “por coincidência”) lhe proporcionou para realizar um encontro vivo entre ele e aquele homem meio morto. O sacerdote desperdiçou a oportunidade de praticar um culto vivo, de servir aquele moribundo ou, no mínimo, de lhe deixar algumas palavras de conforto.

«De igual modo, também um levita que passava por aquele lugar, ao vê-lo, passou ao largo» (10, 32). Aparece aqui mais um personagem do Templo que estava descendo pelo mesmo caminho que o sacerdote (o evangelista utiliza «de igual modo» [ὁμοίως]). Os levitas são descendentes de Levi, «verdadeiros subproletários do Templo. São aproximadamente 10 mil, divididos eles também em 24 classes, com cinco semanas anuais de serviço»²¹⁰.

Antes de o Templo de Jerusalém ser construído, pelo rei Salomão, muitos eram os encargos dos levitas (cf. Nm 4, 15-16.24-33; Ex 25, 26.27, 7.30, 27ss). Depois da construção do Templo, são divididos em alguns grupos para os trabalhos do Templo do Senhor: uns tinham a seu cuidado os átrios, as salas e a purificação de todas as coisas santas (1 Cr 23, 4.28-32); outros assumiam a animação musical da liturgia (1 Cr 23, 5b;

²⁰⁹ Cf. Francesc Ramis Darder, *Lucas, evangelista da ternura de Deus: dez catequeses para descobrir o Deus da Misericórdia*, 104.

²¹⁰ Christiane Saulnier; Bernard Rolland, *A Palestina no tempo de Jesus*, 41.

25, 1ss), outros ainda eram porteiros que organizavam o serviço do Templo, principalmente para proporcionar a segurança e a funcionalidade (1 Cr 26), entre outras funções, como escribas e magistrados (1 Cr 23, 4b; 26, 29).

Mais uma vez aparece o verbo ἀντιπαρήλθεν²¹¹ para falar do levita que toma a mesma atitude que o sacerdote²¹². Kenneth E. Bailey argumenta que o levita tinha, de certo, conhecimento do sacerdote que estava à sua frente e que não prestara qualquer tipo de socorro àquele homem ferido. Segue o exemplo do seu superior (sacerdote) e passa ao largo, ou até poderia mesmo ter pensado: “Se o sacerdote que está à minha frente nada fez, por que devo eu, um mero levita, preocupar-me?”. Imaginará que ajudar o moribundo não deve ser um dever, porque, se assim fosse, o sacerdote não o teria omitido, esquivando-se²¹³.

Depois do que vimos, dois personagens religiosos a tomarem a mesma atitude, podemos formular uma outra pergunta: como se pode alcançar a vida eterna, se se deixa de cuidar dos outros, de socorrer o próximo? Como se há de oferecer um verdadeiro culto, se se deixa de lado o sacrifício vivo? O que sobressai nas suas atitudes é que não executam o que é prescrito em Mq 6, 8 e deixam de lado o pedido do Deus que servem, no sentido de serem misericordiosos até mesmo para com os inimigos e estrangeiros (cf. Ex 23, 4-5; Lv 19, 34; 2 Rs 6, 8-23).

A atitude de passar ao largo remete-nos para um culto vazio, não acompanhado com a prática da vida, mas apenas centrado na prática dos ritos. Um culto assim funcionaria como um apartado da vida, apresentando-se como autorreferencial. Não é, em rigor, um

²¹¹ «Este verbo em todo o NT aparece duas vezes, ambas na parábola do samaritano (10, 31.32). fora do NT não aparece em nenhum outro escrito de língua grega» (Francesc Ramis Darder, *Lucas, evangelista da ternura de Deus: dez catequeses para descobrir o Deus da Misericórdia*, 104).

²¹² Como sabemos, «no mundo narrativo de Lucas, esses dois líderes religiosos simbolizam os típicos representantes do judaísmo (o sacerdote, em 1, 5-8; 5, 14; 22.50 e 54; o levita aparece apenas aqui, em Lucas, e em At 4.36)» (David A. Neale, *Novo Comentário Bíblico Beacon: Lucas 9-24*, 88).

²¹³ Cf. Kenneth E. Bailey, *Poesia e o Camponês, Uma Análise Literária-Cultural das Parábolas de Lucas*, 90-91.

culto verdadeiro, porque está desfocado e conduz à autorreferencialidade cultural. O sacerdote que procura cultivar assim tanto a sua imagem (talvez com a preocupação da pureza ritual), deixa de ser o mediador e perde a oportunidade de oferecer um sacrifício vivo a Deus.

1.2.2. Humanismo crente

Depois que passaram o sacerdote e o levita, os ouvintes talvez esperassem que o passante seguinte fosse um israelita leigo e talvez aguardassem uma história com enredo anticlerical. Mas a expectativa saiu-lhes frustrada, dado que Jesus introduziu um samaritano²¹⁴. Convém lembrar a inimizade histórica entre os judeus e os samaritanos²¹⁵, assim como os elementos fundamentais que os distinguem, no que concerne à fé em Javé, à estima por Moisés, à observância da Lei, à relevância dada ao monte Garizim, ao dia da vingança e da recompensa²¹⁶.

²¹⁴ Boris Agustín Nef Ulloa faz uma análise da importância da presença dos samaritanos na obra lucana (Lc-At) e apresenta, de forma sintética, algumas perícopes nas quais os samaritanos estão presentes: os relatos da infância (o anúncio do anjo a Maria (Lc 1, 26-38) e o anúncio do anjo aos pastores de Belém de Judá (Lc 2, 8-14)); o corpo lucano (hostilidade dos samaritanos [9, 51-55]), o bom samaritano [10, 25-37], a cura dos dez leprosos [17, 11-19]). Nos Atos dos Apóstolos: seguindo o esquema geográfico-teológico dos Atos, indicado na síntese de At 1, 8, deve-se recordar a tríplice expansão que marca todo o livro: do derramamento do Espírito (At 1); do anúncio da Palavra (8, 4-8); do testemunho apostólico sobre a morte e ressurreição de Cristo (8, 9-25). (Cf. Boris Agustín Nef Ulloa, «Presença dos samaritanos na obra lucana (Lc-At) - Uma análise de sua importância teológica na reconstituição de Israel realizada pelo Messias Jesus, o filho de Jacó», *Atualidade Teológica*, no. 41, ano XVI [maio a agosto de 2012]: 363-369).

²¹⁵ Cf. Leon Lamb Morris, *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário*, 178-179. «O mesmo clima se respira na parábola do Bom Samaritano. De facto, é à luz da inimizade existente entre judeus e samaritanos que a parábola ganha sentido. Jesus visa, antes de mais, pôr em realce o contraste entre os diversos intervenientes para assim mostrar que a «Nova Lei do Amor» deve superar as diferenças rituais. Quanto ao evangelho de João, a informação principal que aí podemos recolher diz respeito ao problema do lugar de culto: Jerusalém ou o monte Garizim (Jo 4, 30). A pergunta da samaritana vem apenas confirmar o diferendo existente, desde longa data, sobre o lugar do culto a Javé. E claro que a pergunta da mulher não se refere ao templo do Garizim, pois esse tinha sido destruído em 128 a.C.; refere-se sim ao Monte como tal e a tudo o que ele significava nas tradições samaritanas como centro espiritual da comunidade e como lugar da sua revelação» (João Duarte Lourenço, «Os Samaritanos: Um enigma na História Bíblica», *Didaskalia*, XV [1985]: 70).

²¹⁶ Cf. João Duarte Lourenço, «Os Samaritanos: Um enigma na História Bíblica», 66-67. «No tratado *Kutim* 2, I temos uma alusão muito clara ao texto de 2 Re 17; aí se diz que é proibido aos samaritanos entrar (fazer parte) numa comunidade judaica, pois eles misturaram-se com os sacerdotes dos “Lugares Altos”. Rabbi Ismael, por seu lado, dizia que eles tinham tomado mulheres ilegítimas e não cumpriam a lei do levirato. Além disso, este mesmo tratado fornece-nos a trilogia que está na base da separação entre judeus e samaritanos e que podemos sintetizar da seguinte forma: os samaritanos podem ser recebidos na

Na sua identificação como estrangeiro para os Judeus, o samaritano, em princípio, não traz especial esperança para o homem semimorto. Pode até parecer o fim da esperança para o moribundo. Contudo, ao ver o homem ferido, ficou profundamente compadecido (ἐσπλαγγίσθη²¹⁷). Partiu, então, para a ação, como refere o texto: «E, indo ter com ele, ligou-lhe as feridas, derramando azeite e vinho; depois de o colocar sobre a sua montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele» (v. 34).

Aquilo que chama a atenção é o ato de o samaritano derramar o azeite e o vinho (ἐπιχέων ἔλαιον καὶ οἶνον) que certamente levaria consigo para a viagem, pois era bem conhecido o seu valor terapêutico²¹⁸. Ao ver o homem ferido e caído no chão, o samaritano ficou profundamente compadecido, aproximou-se dele, começou a prestar os primeiros cuidados, «enfaixou as feridas do homem e colocou nelas vinho e óleo, uma antiga prática medicinal»²¹⁹, pois o azeite tem a função de aliviar a dor e o vinho deve ter sido usado para limpar e desinfetar as feridas, dado que possui valor antisséptico²²⁰.

Para além de ἐπιχέων ἔλαιον καὶ οἶνον, o v. 34 é muito rico nos verbos que utiliza para indicar a ação do samaritano, “um itinerário de 7 verbos”, como refere Antonia Monzón²²¹: compadeceu-se (v.33), aproximou-se, ligou as feridas, deitou azeite e vinho, colocou-o sobre a montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele.

Deparamo-nos aqui com alguém que deixou para trás todos os preconceitos, ultrapassou o muro da inimizade que o separava do homem caído e, por fim, venceu o

comunidade judaica quando: renunciarem ao monte Garizim; reconhecerem Jerusalém; acreditarem na ressurreição dos mortos» (João Duarte Lourenço, «Os Samaritanos: Um enigma na História Bíblica», 68).

²¹⁷ Aoristo indicativo passivo da 3ª pessoa singular do verbo σπλαγγίζομαι. É de notar que Lucas raramente utiliza a palavra ἐσπλαγγίσθη. Para além desta parábola, aparece apenas no relato da “ressurreição do filho de uma viúva, em Naim” (7, 13) e na “parábola do pai misericordioso” (15, 20).

²¹⁸ Cf. Joseph Augustine Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas, III: Traducción y Comentario, Capítulos 8, 22-18, 14*, 286-287.

²¹⁹ David A. Neale, *Novo Comentário Bíblico Beacon: Lucas 9-24*, 88.

²²⁰ Cf. Marta López Alonso, «Jesús, Buen Samaritano», 34.

²²¹ Cf. Antonia Monzón, «La parábola del Buen Samaritano: Sus Palabras, Sus Verbos», *Labor Hospitalaria*, no. 305, vol. XLV (enero-abril, 2013): 54.

medo de sofrer represálias. Começou a cuidar do outro, depois de o ter já acolhido no coração.

O samaritano não trabalha num templo, não oferece sacrifícios, mas vai além disso e dá o que tinha de mais valioso, quer o seu tempo, quer o que levava consigo. Elementos sacrificiais, o «azeite e o vinho não eram remédios que comumente se usavam para prestar primeiros socorros. Eram, isso sim, “elementos sacrificiais na adoração do templo”»²²². Ao usá-los, o samaritano praticou um culto vivo.

Comparando as atitudes dos três personagens face ao moribundo, assim se exprime a encíclica *Fratelli Tutti*:

«Passaram vários ao seu lado, mas... foram-se, não pararam. Eram pessoas com funções importantes na sociedade, que não tinham no coração o amor pelo bem comum. Não foram capazes de perder uns minutos para cuidar do ferido ou, pelo menos, procurar ajuda. Um parou, ofereceu-lhe proximidade, curou-o com as próprias mãos, pôs também dinheiro do seu bolso e ocupou-se dele. Sobretudo deu-lhe algo que, neste mundo apressado, regateamos tanto: deu-lhe o seu tempo. Tinha certamente os seus planos para aproveitar aquele dia a bem das suas necessidades, compromissos ou desejos. Mas conseguiu deixar tudo de lado à vista do ferido e, sem o conhecer, considerou-o digno de lhe dedicar o seu tempo»²²³.

2. A compaixão como culto encarnado

O que nos chama a atenção é a atitude do samaritano que, ao ver o homem ferido, ficou profundamente compadecido (cf. v. 33), uma compaixão que se traduziu na presença, em estar com o outro no seu sofrimento. Poderíamos destacar muitos dos

²²² Kenneth E. Bailey, *Poesia e o Camponês, Uma Análise Literária-Cultural das Parábolas de Lucas*, 95.

²²³ Papa Francisco, *Carta Encíclica Sobre a Fraternidade e a Amizade Social «Fratelli Tutti»*, 63.

aspectos do ato compassivo do samaritano, mas optamos por falar apenas de dois: a misericórdia e a hospitalidade. É verdade que, no texto em estudo, não se faz distinção entre uma e outra, mas analisamo-las separadamente. São atitudes que reconfiguram o culto desfocado.

2.1. Misericórdia

O vocábulo “misericórdia”, formado pelas palavras latinas “*miser*” (miserável) e “*córdia*” (cor, cordis - coração), significa coração voltado para a miséria de outrem. É uma questão tão relevante que a Sagrada Escritura lhe dedica muitas e diversificadas referências.

Segundo João Paulo II, a misericórdia «é apresentada em cada um dos Livros do Antigo Testamento com grande riqueza de expressões. Seria difícil, talvez, procurar nestes livros resposta meramente teórica à pergunta: o que é a misericórdia em si mesma»²²⁴, precisamente porque ela não «cabe numa definição. Não se pode dizer: ‘A misericórdia é isto’. Precisamos de espelhos para compreender a misericórdia. Ela tem de encarnar para que a possamos tocar»²²⁵. Portanto, não é do nosso interesse responder à pergunta “o que é a misericórdia?”, mas observar o uso que os autores dos textos da Sagrada Escritura fazem do termo.

Sobre o assunto, Xavier Léon-Dufour refere dois termos: primeiro, *rah^amim* (רַחֲמִים), expressando o apego instintivo de um ser a outro, um sentimento que se funda no seio materno (*rehem* [1 Rs 3, 26]), nas entranhas (*rah^amim*); o segundo é *hésed* (חֶסֶד), designando a piedade, a relação que une os seres e implica a fidelidade²²⁶.

²²⁴ Ioannis Pauli PP. II, *Litterae Encyclicae «Dives in Misericordia»* (30 Novembris 1980), in AAS 72 (Decembris 1980): n° 4.

²²⁵ José Tolentino Mendonça, *Elogio da Sede* (Lisboa: Quetzal, 2018), 132.

²²⁶ Xavier Léon-Dufour, *Vocabulario de Teología Bíblica*, 475-476.

Aprofundando o conceito da “misericórdia”, na tradição bíblica, Ney Brasil Pereira diz que o termo hebraico *hesed* «foi constantemente traduzido, na *Septuaginta*, pelo termo greg. *éleos*, que aí se encontra cerca de 400 vezes; e ambos, por sua vez, na *Vulgata*, correspondem ao lat. *Misericórdia*»²²⁷.

O termo *hésed* (חֶסֶד) aparece 245 vezes, no AT, encontrando-se com maior frequência nas literaturas narrativa e sapiencial, sobretudo nos Salmos. Também ganha importância na mensagem dos profetas, principalmente em Oseias, Jeremias e no Deutero-Isaías²²⁸.

Hésed (חֶסֶד) não apenas significa “misericórdia”, mas também “graça” ou “amor”, apenas possível na base da fidelidade²²⁹. Traduz-se como «benignidade, amor firme, graça, misericórdia, fidelidade, bondade, devoção»²³⁰. A versão dos LXX traduz este termo com o substantivo *ἔλεος* e seus derivados²³¹.

Além disso, há um outro termo que define a misericórdia: *rah^amim* (רַחֲמִים), com um significado algo diverso do termo *hésed* (חֶסֶד). «Enquanto *hesed* acentua as características da fidelidade para consigo mesmo e da “responsabilidade pelo próprio amor” (que são características em certo sentido masculinas), *rah^amim*, já pela própria raiz, denota o amor da mãe (*rehem* = seio materno)»²³². O termo *rah^amim* (רַחֲמִים) conduz-nos à ideia de ternura, de amor profundo. É o termo que expressa o «amor que deixou uma

²²⁷ Ney Brasil Pereira, «Misericórdia, amor, bondade: a misericórdia que Deus quer», *Encontros Teológicos*, no. 71, vol. 30 (2015): 127.

²²⁸ Cf. Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, «Fixar o olhar na Misericórdia, ser sinal eficaz do agir do Pai», *Pastoral Catequética*, no. 34-35 (2016): 109.

²²⁹ Cf. Ioannis Pauli PP. II, *Litterae Encyclicae «Dives in Misericordia»* (30 Novembris 1980), in AAS 72 (Decembris 1980): nota 52.

²³⁰ Merrill F. Unger, Willian White Jr., «Dicionário Expositivo do Antigo Testamento», em William Edwy Vine, Merril Frederick Unger, Willian White Jr. *Dicionário Vine - O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento* (Rio de Janeiro: CPAD, 2002), 183.

²³¹ ἔλεος (misericórdia, compaixão), ἐλεέω (mostrar misericórdia, compadecer-se], ἐλεήμων (misericordioso, compassivo), ἐλεημοσύνη (ação de misericórdia, dar esmolas), ἀνέλεος (sem misericórdia, sem compaixão), ἀνελεήμων (cruel, inclemente).

²³² Ioannis Pauli PP. II, *Litterae Encyclicae «Dives in Misericordia»* (30 Novembris 1980), in AAS 72 (Decembris 1980): nota 52.

“marca” indelével no ventre ou nas vísceras maternas, é o sentimento profundo e apaixonado de uma mãe pelos seus filhos (cf. Is 49, 15)»²³³.

No Novo Testamento, a palavra ἔλεος é utilizada 78 vezes, com maior frequência nos Sinópticos²³⁴ e nas Cartas Paulinas. Em alguns casos (cerca de 10 vezes), utiliza-se o substantivo οἰκτιρμός. Por outro lado, o vocábulo rah^amim (רַחֲמִים) é traduzido com o substantivo σπλάγχνα que, ao longo do NT, aparece apenas 11 vezes²³⁵.

No v. 37 da parábola do Bom Samaritano, aparece o substantivo τὸ ἔλεος (misericórdia²³⁶), no acusativo: ὁ ποιήσας τὸ ἔλεος μετ’ αὐτοῦ. Portanto, a resposta do doutor da lei articula, no interior e no exterior, enquanto expressa um sentimento (τὸ ἔλεος / a misericórdia) que leva a uma ação (ὁ ποιήσας / o que praticou) e que estabelece uma relação (μετ’ αὐτοῦ / para com ele)²³⁷. A resposta do doutor da lei («o que usou de misericórdia para com ele») leva-nos a suspeitar de que ele «não consegue dizer o termo “samaritano”. Por ter cumprido a lei, o samaritano marginalizado mostra que ele é um próximo, um membro do povo de Deus, alguém que herdará a vida eterna»²³⁸.

Antes disto, no v. 33, a compaixão aparece na forma verbal do indicativo passivo para designar a misericórdia do Samaritano para com o homem ferido: ἐσπλαγγνίσθη²³⁹ (“ficou profundamente compadecido”). Ou seja, diante daquele homem ferido, comoveram-se-lhe as entranhas, uma expressão que, «na linguagem bíblica, (...) indica o

²³³ Diones Rafael Paganotto, «A teologia bíblica da misericórdia: análise teológica do conceito de misericórdia na Sagrada Escritura», *Contemplanção - Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da Faculdade João Paulo II*, no. 14 (2016): 171.

²³⁴ O substantivo ἔλεος aparece 27 vezes no NT, sendo que, nos evangelhos, só está presente em Mateus (3x) e Lucas (6x). Contando com suas variantes, aparece 78 vezes no NT, sendo 15 em Mateus e 20 em Lucas. (Perondi, Ildo; Catenassi, Fabrizio Zandonadi, «Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas», *Cadernos Teologia Pública*, no. 118, vol. 13, ano: XIII (2016): 6.

²³⁵ Cf. Diones Rafael Paganotto, «A teologia bíblica da misericórdia: análise teológica do conceito de misericórdia na Sagrada Escritura», 180.

²³⁶ Lucas utiliza, pela primeira vez, o “usar de misericórdia” (ποιῆσαι ἔλεος), em 1, 72.

²³⁷ Cf. François Bovon, *El evangelio segun san Lucas, II: Lc 9,51-14,35*, 121.

²³⁸ Robert J. Karris, «O Evangelho segundo Lucas», 270.

²³⁹ 3ª pessoa do singular do aoristo indicativo passivo do verbo σπλαγγίζομαι.

que acontece a uma mãe quando vai dar à luz um filho. Esta ação indica uma forma muito forte, todo o amor e entrega que uma mãe dá ao seu filho»²⁴⁰.

A palavra “σπλαγγίζομαι” (“ter compaixão”) tem na raiz σπλάγγιον (“entranhas”). De facto, o samaritano tem uma “reação entranhável”, profunda para com o homem ferido²⁴¹. Este ato de compaixão põe em contraste, por um lado, as atitudes dos dois líderes religiosos judeus que mantiveram uma certa distância, e, por outro, o samaritano que diminui este distanciamento e fica profundamente compadecido com o homem caído²⁴². Tal significa que «o samaritano não se limita a ter um simples sentimento de “pena” diante da dor alheia, como observamos noutros dois personagens»²⁴³. Joseph A. Fitzmyer, ao citar H. Koster, refere que a compaixão que o homem sente pelo seu semelhante é uma “atitude básica e decisiva de toda a ação, que, por ser profundamente humana, é essencialmente cristã”²⁴⁴.

O samaritano que ultrapassa a barreira e vai socorrer o necessitado, mesmo se o não conhece de lado nenhum, sugere-nos duas coisas: um novo «critério de medida, impondo a universalidade do amor, que se inclina para o necessitado encontrado ‘por acaso’, seja ele quem for»²⁴⁵; mostra a misericórdia que brota dentro da pessoa, pois «quanto mais fomos tocados pela misericórdia do Senhor, tanto mais solidários seremos para com o sofrimento e tornamo-nos disponíveis»²⁴⁶ para ir ter com o outro que, cruzando o nosso caminho, reclama a nossa ajuda.

²⁴⁰ Francesc Ramis Darder, *Lucas, evangelista da ternura de Deus: dez catequeses para descobrir o Deus da Misericórdia*, 107.

²⁴¹ Cf. Kenneth E. Bailey, *Poesia e o Camponês, Uma Análise Literária-Cultural das Parábolas de Lucas*, 93.

²⁴² David A. Neale, *Novo Comentário Bíblico Beacon: Lucas 9-24*, 88.

²⁴³ Francesc Ramis Darder, *Lucas, evangelista da ternura de Deus: dez catequeses para descobrir o Deus da Misericórdia*, 107.

²⁴⁴ Cf. Joseph A. Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas III: Traducción y Comentario, Capítulos 8,22-18,14*, 286.

²⁴⁵ Benedictus PP. XVI, *Litterae Encyclicae «Deus caritas Est» (25 Decembris 2005)*, in AAS 98 (Martii 2006): no. 25.

²⁴⁶ Marco Tosatti, *Dicionário do Papa Ratzinger – guia para o pontificado* (Lisboa: Paulus, 2010), 80.

2.2. Hospitalidade

A palavra “hospitalidade” vem do termo latino *hospitalitāte* (*hospes*²⁴⁷), que significa: «ato de hospedar, de acolher hóspede(s); hospedagem; qualidade de hospitaleiro, do que recebe ou acolhe pessoas de uma forma agradável e afetuosa; acolhimento afetuoso»²⁴⁸. Nesta mesma linha, diz nos João B. Nunes Pereira que «hospitalidade: é a ação de receber gratuitamente na própria casa, por caridade, liberdade, amizade ou delicadeza, um amigo ou um estranho»²⁴⁹.

Tanto no Antigo como no Novo Testamento, há muitas referências à hospitalidade, o que significa que «é transversal a toda a Escritura, como a boa parte da literatura e de todos os tempos e latitudes»²⁵⁰.

Na cultura do mundo semítico, que os textos do Antigo Testamento apresentam, deparamo-nos sempre com a atitude do acolhimento do hóspede (*hospes*): «não deixei o estrangeiro de noite à intempérie e abri sempre a minha porta ao viandante» (Jb 31, 32), manifesto na cedência de um lugar para descanso e nos gestos de lavar-lhe os pés (cf. Gn 18, 4) e dar-lhe alimento (Gn 18, 5-8)²⁵¹. Num contexto em que o hóspede era, por vezes, visto como um inimigo (*hostis*) que ameaçava a identidade de um povo e, por isso, gerava desconfiança, é clara a opção veterotestamentária pela hospitalidade.

²⁴⁷ O termo *hospes* pode gerar dois conceitos de contrariedade, como hospitalidade ou hostilidade, acolher ou rejeitar, amigo ou inimigo. Para este duplo sentido, podemos tomar como exemplo, no evangelho de Lucas, as promessas do Reino (9, 51 - 13, 21), onde aparece, por um lado, a hostilidade dos samaritanos (9, 51-56) e, por outro, um samaritano a praticar um ato da hospitalidade (10, 30-35).

²⁴⁸ Hospitalidade, em *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2003-2021. [consultado 2021-12-21 23:54:58]. Disponível na: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/hospitalidade>.

²⁴⁹ João B. Nunes Pereira Neto, «Hospitalidade», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, X (Lisboa: Verbo, 1970), 527-529.

²⁵⁰ João Alberto Sousa Correia, *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, 225.

²⁵¹ Há também muitos textos que nos apresentam com muita clareza o modo de dar a hospedagem a alguém. Um dos deveres do anfitrião é o de alimentar: «visita misteriosa a Abraão, a narrativa, no caso, reserva um espaço significativo à preparação e à colocação dos alimentos diante dos visitantes (cf. Gn 18, 1-8). De forma semelhante, também Melquisedec (Gn 14, 18), Ló (Gn 19, 1-3), Raguel (Ex 2, 20), o homem de Belém (Jz 19, 4-8), o imigrante de Gabaá (Jz 19, 21), Booz (Rt 2, 14), a viúva de Sarepta (1 Rs 17, 8-16) e a mulher de Sunam (2 Rs 4, 8-10) celebram sua hospitalidade, oferecendo comida a seus hóspedes» (Matthias Grenzer, «Pastoreio e hospitalidade do Senhor Exegese do Salmo 23», *Atualidade Teológica*, no. 41, ano XVI [maio a agosto/2012] 313).

Há, no Antigo Testamento²⁵², três termos para falar da hospitalidade: זר (zar), גר (ger) e תושב (tošāb/toshav). זר (zar) indica o forasteiro que, mesmo estando no seu próprio país, chega a ser visto como inimigo (cf. Dt 25, 5; Jb 15, 19; Is 61, 5; 25, 2.5); גר (ger)²⁵³ designa o estrangeiro residente no país, como os israelitas, no Egípto, ou os cananeus, em Israel; תושב (tošāb) aplica-se ao estrangeiro que reside num país temporariamente (cf. Gn 23, 4; Dt 14, 21).

O termo utilizado para designar a hospitalidade, no Novo Testamento, é φιλοξενία (grego) ou philoxenia (latim), palavra composta de φίλος (amor ou amizade) e ξένος (estrangeiro ou hóspede). Portanto, φιλοξενία significa o amor, a generosidade e cortesia para com o estrangeiro (aquele que está longe da sua casa e da sua pátria). Este ato de criar amizade com o estrangeiro faz com que surja uma relação recíproca entre o anfitrião (hospedeiro) e seu convidado (hóspede), como afirma A. Montandon: «a hospitalidade pressupõe o reconhecimento do outro e uma relação interativa entre os homens»²⁵⁴.

No Novo Testamento, prende-se com a φιλοξενία a Encarnação do Verbo (Λόγος). A propósito, registre-se, antes de mais, a hospitalidade de Maria («a primeira coisa que Maria nos ensina é a hospitalidade para com a vida»²⁵⁵) e, num segundo momento, atente-

²⁵² São, no mínimo, doze os textos do Antigo Testamento que apresentam a hospitalidade de forma mais desenvolvida, em jeito de narrativa e tendo como palco uma casa: «hospitalidade na tenda de Abraão (Gn 18,1-16); hospitalidade na casa de Lot (Gn 19, 1-14); hospitalidade na casa de Rebeca (Gn 24, 1-67); hospitalidade na casa de Raab (Js 2, 1-24); hospitalidade na tenda de Jael (Jz 4, 17-22); hospitalidade na casa de Gedeão (Jz 6, 11-24); hospitalidade na casa de Manoé (Jz 13, 1-25); hospitalidade na casa de concubina (Jz 19, 1-10a); hospitalidade em Guibeá (Jz 19, 10b-30); hospitalidade na casa de viúva (1 Rs 17, 7-16); hospitalidade na casa de Sunamita (2 Rs 4, 8-17); hospitalidade na casa de Raguel (Tb 7, 1-17[8, 1])», (João Alberto Sousa Correia, *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, 227).

²⁵³ «A palavra hebraica gūr, traduzida como residir, ajuntar-se, ser estrangeiro, morar (em/com), reunir, permanecer, peregrinar, habitar é a mais forte impostação do termo e, por isso, aquela pela qual a palavra é conhecida. Sua recorrência é significativa, porém sua força não está expressa na quantidade, e sim nos conceitos que ela evoca. Estes conceitos remontam ao imaginário religioso tribal e nômádo, acompanham a reflexão monoteísta estatal e recebem novos aportes na consciência de pertença ao Deus que escolhe o pequeno grupo, aquele de menor importância, sem-casa, sem-pátria, sem-terra. De gur (peregrinar, migrar) vem gēr (peregrino, migrante)», (Sonia Sirtoli Farber, «Paroikos: genética e evolução do conceito de migrante», *Anais do Congresso Internacional da Faculdades da Escola Superior da Teologia*, vol. 2 (2014): 525-526.

²⁵⁴ Márcia Junges; Alain Montanlon, «A difícil e necessária dádiva da reciprocidade», *Instituto Humanitas Unisinos*, no. 499 (dezembro de 2016): 34-39.

²⁵⁵ José Tolentino Mendonça, *Elogio da Sede*, 161.

se ao facto de Deus estabelecer a sua tenda entre os homens (Jo 1, 14: “o Verbo fez-se carne e habitou [σκηνώω] entre nós”). Para além destes, há inúmeros textos que relatam a hospitalidade no Novo Testamento, tanto nos Sinópticos como no evangelho de João e nos Atos dos Apóstolos²⁵⁶.

Focando-nos agora nas atitudes dos personagens da parábola do Bom Samaritano, percebemos que, perante o outro, há dois posicionamentos possíveis: a filoxenia ou a xenofobia. De facto, perante o outro que se nos apresenta, podemos assumir uma atitude de hospitalidade ou de hostilidade. O procedimento do sacerdote (cf. 10, 31) e do levita (cf. 10, 32), por um lado, e o do samaritano (cf. 10, 33-35), por outro, são disso a melhor ilustração. O sacerdote e o levita passam ao largo, pois tinham medo de ser contaminados. De facto, a lei não lhes permitia aproximarem-se daquele moribundo (cf. Nm 5, 2; 19, 2-13). Porém, o samaritano, quando enxerga um necessitado que precisa de ser ajudado, aproxima-se, fica profundamente compadecido e, de imediato, parte para a ação.

Perante a dolorosa aparição do caído, do humilhado, desaparece toda a distinção de origem (judeu ou samaritano), nem há classes sociais (sacerdote, levita ou comerciante). Afirma-se apenas dois tipos de personagens: as que se dispõem a cuidar dos sofredores e as que passam ao largo²⁵⁷. Perante o homem ferido, coloca-se apenas a possibilidade de ser hospitaleiro ou hostil, de aproveitar a ocasião como tempo de encontro ou desencontro.

²⁵⁶ Marta e Maria (Lc 10, 38-41; Jo 11, 1-44; Jo 12, 1-11); Simão, o leproso (Mt 26, 6-13; Mc 14, 3-9; Lc 7, 36-50); Zaqueu, chefe de cobradores de impostos (Lc 19, 1-10); a sogra de Pedro (Mt 8, 14-15; Lc 4, 38-39; Mc 1, 29-31); e ainda há uma parte significativa dos textos «que se referem a hospitalidade fazem-no de forma declarativa e exortativa»: a identidade entre mestre e seu discípulo (Mt 10, 40-42; Mc 9, 37; Lc 9, 48); acolhimento e serviços prestados aos peregrinos (Mt 25, 34-35), pois somos todos peregrinos, forasteiros e hóspedes, neste mundo (Cf. 1 Pe 2, 11); exortação ao despedimento e recomendação aos discípulos (cf. Lc 10, 1-11); utiliza as oportunidades e ocasiões para tornar hospitaleiros (cf. Rm 12, 13; cf. Hb 13, 1-3); a virtude de ser hospitaleiro (cf. 1 Tm 3, 2) e hospitalidade no serviço aos outros (cf. 1 Pd 4, 9) (cf. João Alberto Sousa Correia, *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, 237-242).

²⁵⁷ Cf. Papa Francisco, *Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social «Fratelli Tutti»*, 70.

O samaritano traz um novo conceito do culto, que não necessita de templo, deve antes ser “em espírito e verdade” (cf. Jo 4, 23). O culto não necessita de muitos ritos e pregações, mas antes de ações em favor da vida.

3. A provocação do próximo

Como se sabe, a definição de próximo era muito debatida entre os mestres judaicos, por ser de ampla definição e pelo modo como Lv 19, 33-34 o apresenta. É nessa linha que se situa a pergunta do mestre da Lei que, além da dúvida manifestada, pretende justificar a sua pergunta sobre o amor a Deus e ao próximo, a fim de obter a vida eterna.

3.1. O conceito de próximo

A versão dos LXX usa o termo ὁ πλησίον, que corresponde ao hebraico *rea'*, para designar o “próximo”. Trata-se de alguém que pertence ao mesmo círculo ou espaço vital, podendo ser o vizinho (Ex 11, 2), o amigo (2 Sm 13, 3), o companheiro (Ex 2, 13; At 7, 27), o próximo (Pr 6, 1) ou simplesmente um outro (Os 3, 1)²⁵⁸.

No NT, principalmente no texto em estudo, o entendido da Lei pergunta sobre o significado do próximo (v. 29 «E quem é o meu próximo?»), mas conhece-o bem. O próximo é aquele com quem ele estabelece um vínculo de relação. Jesus, porém, dá uma abertura maior e mais abrangente ao termo, assumindo relação com o mandamento do amor (cf. Lc 10, 30-37; Mt 5, 43-48).

Como já referimos, para o doutor da lei, o próximo é a mesma coisa que concidadão. Tal entende-se a partir da vivência do povo que «formava uma comunidade solidária, na qual cada um tinha responsabilidades para com o outro, na qual cada indivíduo era

²⁵⁸ Cf. Lothar Coenen, Erich Beyreuther Hans Bietenhard, *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento II* (Salamanca: Sígueme, 1990), 274.

sustentado pelo todo e, conseqüentemente, devia considerar o outro, como se via a si mesmo, parte daquele todo que lhe atribuía o seu espaço vital»²⁵⁹. Ou seja, «a palavra “próximo” na sociedade do tempo de Jesus costumava indicar a pessoa que está mais vizinha, mais próxima»²⁶⁰. Sendo assim, a pergunta era pertinente: «E quem é o meu próximo? Aquele que pertence ao mesmo grupo familiar, social, profissional, económico, nacional, étnico, cultural, linguístico, político ou religioso?»²⁶¹.

A resposta de Jesus à questão, no sentido de universalizar o significado do próximo em forma de parábola (vv. 30-35), deu aso a esta parábola, na qual narra um homem²⁶² que, descendo de Jerusalém para Jericó²⁶³, caiu nas mãos dos salteadores que o roubaram, o espancaram e, por fim, o abandonaram, deixando-o meio morto. Jesus constrói a parábola a partir dos factos reais ou «de uma história muito real; aconteciam regularmente assaltos como este naquela estrada»²⁶⁴.

Entre as várias personagens da parábola, saltam à vista três que nos ajudam a falar do significado do próximo: dois são judeus e homens do templo e um não é judeu. É este forasteiro que Jesus vai utilizar como exemplo para ilustrar o significado do próximo.

À primeira vista, deduzimos que aquele homem que caiu na mão dos salteadores era judeu, pois desceram pelo mesmo caminho o sacerdote e o levita, que passaram ao largo (ἀντιπαρήλθεν). Não sabemos bem a razão que os levou a tomar aquela atitude perante um compatriota seu, um elemento do seu povo, uma pessoa que faz parte do seu

²⁵⁹ Bento XVI, *Jesus de Nazaré* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007), 251.

²⁶⁰ Francisco, *Carta Encíclica sobre a Fraternidade e a Amizade Social «Fratelli Tutti»*, 80.

²⁶¹ Paulo Borges, *Quem é o meu próximo?* (S/c: Mahatma, 2014), 93.

²⁶² Este homem (viajante) parece ter sido um judeu, mas a verdade é que não foi ressaltada a sua nacionalidade, nem o nome, apenas “certo homem” (ἄνθρωπός τις). Mostra claramente a necessidade do próximo e não importa qual a nacionalidade ou etnia (cf. Leon Lamb Morris, *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário*, 178). Ou pode entender-se «“Certo homem” etc. Os mestres, os pregadores etc., deveriam fazer uso das ilustrações para fazer com que as preciosas verdades das Escrituras atinjam o alvo» (William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Lucas, II*, 101).

²⁶³ Trata-se de uma estrada que passa por um declive íngreme, através de terras desertas. A distância é de cerca de 28 km e a estrada apresenta uma descida acentuada de quase 1.000 metros. Neste tipo de paisagem selvagem, os salteadores sentiam-se seguros (cf. Leon Lamb Morris, *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário*, 178).

²⁶⁴ Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, 252.

círculo vital. Talvez a razão fosse observar as regras da pureza ritual, uma vez que são homens do Templo (cf. Nm 5, 2; 19, 2-13; Ez 44, 25-27; Lv 21, 1-3) ou «talvez fossem pessoas impreparadas e não sabiam por onde começar na obra de socorro – até porque parecia que já de nada servia socorrer»²⁶⁵.

Depois, chega um samaritano que segue no caminho. Era provavelmente um comerciante que andava a tratar dos seus negócios. Não vem do Templo e é odiado pelos Judeus, ou seja, seria, à partida, um inimigo daquele moribundo. Porém, «foi exatamente o Samaritano quem demonstrou ser, na verdade, “próximo” daquele infeliz: “próximo” significa também aquele que cumpriu o mandamento do amor ao próximo»²⁶⁶. Este inimigo dos Judeus demonstrou amor, arriscou a sua própria vida e gastou seu dinheiro com aquele que o odiava²⁶⁷.

A atitude do samaritano, que Jesus utiliza para ilustrar o significado do próximo, vai além do conceito judaico no qual fica limitado a quem pertence ao mesmo povo, ou seja, o próximo é quem vive e demonstra a misericórdia para com o outro, seja ele quem for (cf. Lc 10, 37). O samaritano identificou a necessidade do homem desconhecido e compadeceu-se dele. Percebemos logo que não havia um motivo lógico para que mudasse os seus planos e gastasse o seu dinheiro na ajuda a um “inimigo” necessitado, mas a misericórdia vai além dos motivos²⁶⁸.

O que impressiona ainda mais é que, antes de ir embora, ainda confiou aquele homem aos cuidados do estalajadeiro, com o compromisso de voltar e pagar o que ele viesse a gastar a mais. «Neste caso, o samaritano foi quem se fez próximo do judeu ferido. Para se tornar próximo e presente, ultrapassou todas as barreiras culturais e históricas»²⁶⁹.

²⁶⁵ Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, 252.

²⁶⁶ Ioannis Pauli PP. II, *Epistula Apostolica «Salvifici Doloris»*, in AAS 76 (1984): 241.

²⁶⁷ Cf. Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento I* (Santo André: Geográfica, 2006), 275.

²⁶⁸ Cf. Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento I*, 275.

²⁶⁹ Francisco, *Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social «Fratelli Tutti»*, 81.

3.2. O próximo como caminho para a vida eterna

Logo no primeiro versículo do texto que estamos a analisar, aparece um entendido da lei (νομικός) que pergunta a Jesus: «Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna?» (Lc 10, 25). O autor diz claramente que o doutor da lei fez a pergunta para testar Jesus. Note-se a fineza teológica, pois não pergunta o que deve fazer para merecer a vida eterna, mas sim para a receber como herança. Como sabemos, a herança não se conquista, antes se recebe de um modo absoluto e gratuito²⁷⁰.

Sem dúvida que o escriba conhece bem a resposta bíblica para tal pergunta, pois, quando Jesus lhe responde com uma contrapergunta (Lc 10, 26: «Na Lei, que está escrito? Como lê?»), ele dá uma resposta perfeita, unindo os textos de Dt 6, 5 e Lv 19, 18: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua força, e com todo o teu entendimento, e o teu próximo como a ti mesmo» (Lc 10, 27).

O doutor da lei respondeu corretamente e Jesus concordou, mediante um elogio: «Respondeste bem» (10, 28a). Logo de seguida, lança um desafio, na forma de convite: «Faz isso e viverás» (10, 28b). Este é o convite a pôr em prática o que os lábios professam. É o convite a viver o mandamento do amor, na sua expressão de amor a Deus e de amor ao próximo.

Se a questão do amor a Deus é pacífica, o problema coloca-se na questão do amor ao próximo, pois «o Doutor da Lei demonstra estar informado sobre essas questões de forma teórica, mas não sabe como praticar o mandamento, devido à amplitude de significados para o termo próximo no idioma hebraico, no qual foi escrita a Torah»²⁷¹. Daí a sua pergunta. Este homem sábio quer uma justificação sobre o modo como aplicar,

²⁷⁰ Cf. Fernando Armellini, *O Banquete da Palavra* (Prior Velho: Paulinas, 2006), 399.

²⁷¹ Aíla Luzia Pinheiro de Andrade; Augusto Lívio Nogueira de Moraes, «Viu, sentiu compaixão e cuidou dele (Lc 10,33-34)», *Encontros Teológicos*, no. 3, vol. 34 (Set.-Dez. 2019): 427.

na prática, a palavra da Escritura acerca do amor ao próximo: «E quem é o meu próximo?» (Lc 10, 29)²⁷².

Olhando para o texto, dá-nos a sensação de que o escriba quis dialogar sobre a questão do “próximo”, de modo geral, mas Jesus reconduz a um caso concreto, a um homem específico em necessidade, pois é mais fácil discutir ideias abstratas do que resolver os problemas concretos. Mediante a parábola, Jesus reconduz a discussão teórica a um nível simples e prático²⁷³.

Diante deste homem que se torna vítima, deparamo-nos agora com três atitudes ou filosofias de vida: a dos salteadores; a do samaritano²⁷⁴; a dos protagonistas da narrativa:

- Os salteadores roubaram-lhe tudo o que tinha (despiram-no), espancaram-no e, por fim, abandonaram-no na berma da estrada, meio morto. Para eles, este viajante era uma vítima, uma oportunidade certa para explorar alguém como ele. Portanto, a filosofia dos salteadores é esta: “O que é meu, é meu; mas o que é seu deve ser meu também, se não mo deres, eu mato-te”.

- O sacerdote e o levita viram-no, mas passaram ao largo, por receio de contaminação ou de serem agredidos. Assim a filosofia de vida deles é esta: “O que é meu, é meu; o que é seu, é seu. Cada um por si e Deus por todos”.

- A atitude do samaritano que viu o moribundo, passou junto dele, ficou profundamente compadecido e, por fim, ofereceu-lhe as condições necessárias para não ficar à margem. Esta é uma atitude de misericórdia e mostra a sua filosofia de vida: “O que é seu, é seu; mas o que é meu pode tornar-se nosso, de for necessário”.

Depois da parábola, que mostra a ação revolucionária e heróica do samaritano, Jesus lança uma outra pergunta ao doutor da lei: «Qual destes três te parece ter sido o próximo

²⁷² Cf. Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, 250-251.

²⁷³ Cf. Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento I*, 275.

²⁷⁴ Cf. António Carlos Frizzo, «Parábola: uma catequese de atitude. O exemplo do bom samaritano (Lc 10, 25-37)», *Vida Pastoral*, no. 332, ano 61 (março-abril de 2020): 12-19.

daquele que caiu nas mãos dos salteadores?» (10, 36). A pergunta faz com que o interlocutor de Jesus mude a sua conduta e, ao mesmo tempo, o conceito distorcido da questão do próximo. É uma verdadeira reviravolta, com novo paradigma no seu entendimento, pois o doutor da lei respondeu que o próximo foi quem «usou de misericórdia para com ele» (10, 37). Portanto, «o próximo não é alguém a quem se deve ajudar, mas é alguém que se aproximou para ajudar»²⁷⁵.

Observamos que há um paralelismo nos dois diálogos da conclusão (10, 25-28 e 10, 29-37), numa forma de convite desafiador. A propósito, refere Tiago Samuel Lopes de Carvalho:

«No primeiro momento do diálogo, Jesus havia dito “faze isto e viverás”. O primeiro verbo (fazer) está no presente do imperativo ativo, indicando que essa ação deveria ser contínua e o segundo está no indicativo que denota uma ação contínua. Já ao final do segundo diálogo, aparecem dois verbos no presente do imperativo. O primeiro verbo, provavelmente, encerra o diálogo (vai, ou começa indo [com ideia progressiva ou contínua]) e o segundo, “faze” o mesmo, propõe um desafio que também é contínuo. Ou seja, o diálogo deve ser encerrado, o intérprete deve começar a ir e a exercer a misericórdia com os oprimidos, feridos, aflitos e necessitados, independente de raça, cor, gênero, religião ou posição social»²⁷⁶.

Assim, em 10, 28, Jesus lança o convite a fazer: «Faz isso e viverás». Tal significa que o escriba conhece bem a lei: amar a Deus e ao próximo. Basta então que cumpra e viverá (ter a vida eterna). «Vai e faz tu o mesmo» (10, 37) é um convite tornar-se próximo e a usar de misericórdia para com quem cruza o seu caminho. Se ele fizer o mesmo que o samaritano, terá a vida eterna.

²⁷⁵ Aíla Luzia Pinheiro de Andrade; Augusto Lívio Nogueira de Moraes, «Viu, sentiu compaixão e cuidou dele (Lc 10,33-34)», 429.

²⁷⁶ Tiago Samuel Lopes de Carvalho, *A misericórdia que ultrapassa fronteiras: uma leitura sociológica da parábola do bom samaritano - Lucas 10.25-37*. Dissertação de Mestrado em Teologia (São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2013), 98.

Síntese do capítulo

Há muitas maneiras de ler este texto exclusivo de Lucas (10, 25-37), que possui uma imensa riqueza. E, tendo isso em conta, optámos para fazer uma leitura cultural.

Apesar de o texto não falar diretamente do culto, a partir das atitudes dos dois homens do templo (sacerdote e levita) e de um excluído do templo (samaritano) perante um ser humano que necessita do socorro, detetamos duas perspetivas culturais: a primeira refere-se ao culto limitado ao espaço (ritual) e a segunda ao culto que ultrapassa o espaço. A que fica condicionada apenas ao espaço podemos designá-la como um culto desfocado, podendo reconfigurá-lo a partir das atitudes de misericórdia e hospitalidade.

A misericórdia e a hospitalidade têm que partir de uma nova cultura do entendimento da problemática da proximidade. Tal significa que fica para trás a perspetiva judaica sobre a proximidade e se afirma o novo paradigma de proximidade que foi introduzido por Jesus, um paradigma representado na pessoa de samaritano. Assim, só quem se faz próximo do outro herdará a vida eterna.

CONCLUSÃO

Chegamos ao final do nosso estudo sobre a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37), com o sentimento de termos cumprido os objetivos inicialmente traçados. Assim, queremos concluir este trabalho com dois momentos: o primeiro contempla o estudo que fizemos até agora, o segundo um caminho em aberto.

1. O caminho percorrido

No primeiro capítulo, fizemos um estudo de aproximação ao evangelho segundo Lucas. Através dos dados internos e externos, falámos, de modo sintético, da identidade do autor do Terceiro Evangelho e do livro dos Atos dos Apóstolos que, como vimos, formam uma unidade. Há várias hipóteses em relação à identidade do autor, uma vez que ele próprio não a refere nem fala da sua origem ou condição social e eclesial. Desta maneira, deduzimos que o autor era o companheiro de Paulo (At 16, 10-17; 20, 5-15; 21, 1-18; 27, 1 - 28, 16), a quem chama “Lucas, o caríssimo médico” (Cl 4, 14; Flm 24. Provavelmente, o autor não nasceu em territórios judaicos, mas sim em Antioquia, onde recebeu uma excelente educação na cultura e mentalidade helenísticas, apesar da sua descendência semita.

Por esse motivo, não foi testemunha ocular dos atos e feitos de Jesus. O que escreveu, “de forma ordenada” (1, 3), baseia-se na informação das testemunhas oculares e numa cuidadosa investigação. Provavelmente, foi escrito na década de 80, num contexto helenizado fora da Palestina, talvez numa comunidade relacionada com Paulo: Antioquia, Éfeso, Macedónia, Corinto ou Roma. A obra é dedicada ao *κράτιστε Θεόφιλε* (ilustre Teófilo), um nome simbólico que se presta a representar cada um dos membros de uma

qualquer comunidade, provavelmente fundada por Paulo, que corre o risco de voltar à vida pagã, por causa do longo tempo da espera escatológica (parusia), que pode fazer com que a comunidade esteja cansada de viver, no seu dia-a-dia, segundo a vontade de Deus.

Ao longo dos 24 capítulos do evangelho, o autor utiliza um estilo literário e nível gramatical muito rico, apresentando um grego superior ao dos restantes evangelhos. Ao longo do seu evangelho, desenvolve alguns temas ou mensagens importantes: o mistério da Páscoa, em Jerusalém; o Espírito Santo; o universalismo da salvação; a oração; o louvor e a ação de graças; a alegria e a paz; a bondade e a misericórdia; a boa notícia para as mulheres e para os pobres. Para além destes temas, há muitos textos exclusivos de Lucas. É uma destas parábolas exclusivas que analisamos, a do Bom Samaritano (10, 25-37), ou melhor, uma parte deste texto é exclusivo de Lucas (cf. 10, 29-37).

O texto que estudámos conta com 12 versículos e 229 vocábulos, divididos em dois tempos de diálogos (10, 25-28 e 10, 29-37). O primeiro tempo (vv. 25-28) apresenta algumas semelhanças com outras passagens dos sinópticos (Mt 22, 34-40 e Mc 12, 28-34), onde narra os debates que aconteceram, no Templo, antes da paixão de Jesus. O segundo tempo (vv. 29-37), porém, não apresenta paralelos nos outros evangelhos, é um texto exclusivo de Lucas. É de notar que esta segunda parte é estruturada por sete cenas, sendo que as três primeiras se caracterizam pelos verbos “vir”, “fazer” e “ir” (cada um deles veio, fez algo e, por fim, foi-se) e as quatro últimas cenas são ocupadas pelo samaritano e caracterizadas apenas por dois verbos: vir e fazer²⁷⁷.

É precisamente este ato de fazer que corresponde ao amor ao próximo. No v. 27, o doutor da lei responde à pergunta de Jesus, unindo dois textos do AT. O primeiro é um texto que era recitado duas vezes ao dia por todo o judeu fiel, no qual se resumia todo o padrão ético central da Lei (cf. Dt 6, 5); o segundo é um texto do livro do Levítico (cf. Lv

²⁷⁷ Cf. Kenneth E. Bailey, *Poesia e o Camponês, Uma Análise Literária-Cultural das Parábolas de Lucas*, 83-100.

19, 18). A explicitação do tema do amor ao próximo é feita em Lc 10, 30-35, ao passo que o tema do amor a Deus se desenvolve nos versículos 38-41, que não entram no âmbito da nossa análise²⁷⁸.

Diz Hernandes Dias Lopes: «amor ao próximo, evidência da vida eterna»²⁷⁹. Seguindo o pensamento deste autor, destacam-se nesta parábola (cf. Lc 10, 30-35) três atitudes ou três filosofias: a exploração, a indiferença e a misericórdia²⁸⁰.

A exploração²⁸¹ reflete a filosofia dos salteadores. Esse homem descia de Jerusalém para Jericó, caiu nas mãos dos salteadores, que lhe roubaram tudo o que tinha (despiram-no), espancaram-no e, por fim, abandonaram-no na berma da estrada, meio morto. Para estes salteadores, este viajante era uma vítima, era uma oportunidade certa de explorar alguém. Portanto, a filosofia dos salteadores é esta: “O que é meu, é meu; mas o que é seu deve ser meu também”.

A indiferença²⁸² espelha a atitude dos dois homens que cuidavam das coisas do Templo e do culto ao Senhor, o sacerdote e o levita. Por medo ou por seguir uma ritualidade morta, pois aos protagonistas do culto no Templo de Jerusalém (o sacerdote e o levita) requer-se um estado de pureza exterior, o que não era fácil. Isto fazia com que eles evitassem o contacto com sangue ou, mais ainda, com algum morto. Leon Lamb Morris diz que, neste conflito, a pureza cerimonial ganhou a batalha. Eles não somente deixaram de ajudar, mas foram para o outro lado da estrada, abandonando o homem no seu sofrimento e na sua necessidade²⁸³. Assim, a filosofia de vida deles é esta: “O que é meu, é meu; o que é seu, é seu. Cada um por si e Deus por todos”.

²⁷⁸ Cf. Earl Radmacher, Ronald B. Allen, H. Wayne House, *O novo comentário bíblico NT, com recursos adicionais - A Palavra de Deus ao alcance de todos* (Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010), 175-176.

²⁷⁹ Hernandes Dias Lopes, *Lucas: Jesus, o homem perfeito*, 337.

²⁸⁰ Cf. Hernandes Dias Lopes, *Lucas: Jesus, o homem perfeito*, 341-343.

²⁸¹ Cf. Hernandes Dias Lopes, *Lucas: Jesus, o homem perfeito*, 341-342.

²⁸² Cf. Hernandes Dias Lopes, *Lucas: Jesus, o homem perfeito*, 342.

²⁸³ Leon Lamb Morris, *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário*, 179.

Misericórdia²⁸⁴ é a palavra para designar a atitude do samaritano. É este estrangeiro ou excluído do mundo dos Judeus, na altura, que chega perto do homem caído, movido pela compaixão, e ultrapassa os muros da inimizade, socorrendo o necessitado. Oferece-lhe tudo o que tinha de mais valioso, o seu tempo. Primeiro, chega perto, aplica óleo e vinho nas feridas do semimorto, tira-o do lugar de perigo, carrega-o no seu próprio animal, leva-o para um lugar mais seguro (uma hospedaria) e ainda paga o seu tratamento. Sua filosofia de vida é esta: “O que é seu, é seu; mas o que é meu pode ser seu também”.

Estas três atitudes ou filosofias dependem muito do modo de encarar a situação, como refere Warren W. Wiersbe: «para os ladrões, o viajante judeu era uma vítima a ser explorada, de modo que o atacaram. Para o sacerdote e o levita, era um incômodo a ser evitado, de modo que o ignoraram. Mas para o samaritano, era alguém necessitando de amor e de ajuda, de modo que cuidou dele»²⁸⁵. O samaritano assume «uma demonstração dispendiosa de amor inesperado»²⁸⁶.

²⁸⁴ Cf. Hernandez Dias Lopes, *Lucas: Jesus, o homem perfeito*, 342-343.

²⁸⁵ Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento, I*, 276.

²⁸⁶ Kenneth E. Bailey, *Poesia e o Camponês, Uma Análise Literária-Cultural das Parábolas de Lucas*, 102. Portanto, o amor para com o próximo nos proporciona herdar a vida eterna. Mas este amor requer uma ação em concreto, uma atitude. Nesta linha, partilho a curiosidade duma sabedoria popular que é a beleza da matemática, se toda a comunicação se utiliza só uma língua, neste caso o inglês e se a cada letra do alfabeto for representado por um número e por fim somar todas, seria:

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z
14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26

Então: H-A-R-D-W-O-R-K (Trabalho Duro)
 $8+1+18+4+23+15+18+11 = 98\%$
 K-N-O-W-L-E-D-G-E (Conhecimento)
 $11+14+15+23+12+5+4+7+5 = 96\%$

Mas:

A-T-T-I-T-U-D-E (Atitude)
 $1+20+20+9+20+21+4+5 = 100\%$

Logo reparamos quão longe o amor de Deus pode nos conduzir

L-O-V-E-O-F-G-O-D (AMOR DE DEUS)
 $12+15+22+5+15+6+7+15+4 = 101\%$

Assim, podemos concluir que para herdar a vida eterna: enquanto que o trabalho duro e o conhecimento nos colocam muito perto, a atitude nos leva até lá, porém só o amor de Deus nos conduz e coloca no topo.

2. Um caminho em aberto

Enquanto discorreremos acerca do culto, no texto de Lc 10, 27-35, abre-se o caminho para uma outra realidade que ouvimos quase diariamente: sou cristão praticante e sou uma pessoa de fé. Mas o que significa esta afirmação? Na maioria das vezes, esta afirmação refere-se apenas à participação no culto, pondo de lado a atitude da misericórdia. Isto significa que o problema não está no culto em si, antes na pessoa que se desvincula de todo o resto, em função do culto.

O texto que até agora estudámos não apresenta nem sugere a negação do culto, nem questiona a fé. Sugere, antes, que toda a fé que se traduz no culto deve estar em função de uma prática viva, nas palavras e nas obras.

Entre fé e palavra, o nosso texto é representado precisamente pelo doutor da lei e o sacerdote, pois eles têm uma fé autêntica para que esta possa se traduzir em palavras e anunciar aos outros o Deus que eles adoram e acreditam, como afirma São Paulo: «animados do mesmo espírito de fé, conforme o que está escrito: acreditei e por isso falei, também nós acreditamos e, por isso, falamos» (cf. 2 Cor 4,13; Rm 10,8).

Por outro lado, a fé não fica só nas palavras, necessita de se pôr em prática também nas obras, porque «é muito fácil dizer “creio”; mas as nossas obras devem ser a prova irrefutável da nossa fé»²⁸⁷, o que pode verificar-se na epistola de São Tiago: «que proveito há, se alguém disser que tem fé, mas não tem obras?» (Tg 2, 14). Fé e obras estão no mesmo patamar, a caminhar lado a lado, pois uma necessita de outra. Fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta (cf. Tg 2, 17).

A exigência mútua entre a fé e as obras leva-nos a ter em conta que vivemos numa comunidade ou numa sociedade e não podemos fechar os olhos à realidade que nos rodeia,

²⁸⁷ Leo John Trese, *A Fé Explicada* (São Paulo: Quadrante, 2011), 173.

o que significa que não podemos ser “cegos” para com as necessidades do próximo. Nas palavras do Papa Francisco, «não à cultura da indiferença»²⁸⁸.

²⁸⁸ Papa Francisco, *Não à cultura da indiferença* (Terça-feira, 8 de janeiro de 2019). Disponível na https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2019/documents/papa-francesco-cotidie_20190108_nao-cultura-indiferenciada.html. [consultado 2022-01-03 12:03:11].

BILIOGRAFIA

1. Fontes

A Bíblia, Tradução Ecuménica. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

Bíblia de Jerusalém. S. Paulo: Paulus, 1995.

Bíblia Sagrada. Fátima: Difusora Bíblica, 2014.

Bíblia Sagrada em Português Corrente. Lisboa: Difusora Bíblica, 1999.

Comissão da Tradução da Bíblia (CEP). *Bíblia. Os Quatro Evangelhos e os Salmos*.
Lisboa: edição SNEC, 2019.

E. Nestle - K. Aland. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft,
1995.

2. Magistério

Ioannis Pauli PP. II. *Epistula Apostolica «Salvifici Doloris»*. In AAS 76 (1984): 201-
250.

Ioannis Pauli PP. II. *Litterae Encyclicae «Dives in Misericordia» (30 Novembris 1980)*.
In AAS 72 (Decembris 1980): 1177-1232.

Benedictus PP. XVI. *Occasione XXI Mundialis Infirmorum Diei, «Va'e anche tu fa'lo
stesso» (Lc10, 37)*. In AAS 105, (2013), 178-181.

Benedictus PP. XVI. *Litterae Encyclicae «Deus caritas Est» (25 Decembris 2005)*. In
AAS 98 (Martii 2006): 217-252.

Francesco. Lettera Enciclica «Fratelli Tutti» (03 ottobre 2020). In
[http://www.vatican.va/content/francesco/it/encyclicals/documents/papa-
francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html](http://www.vatican.va/content/francesco/it/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html).

3. Livros, Dicionários e Teses

- Adorno, Danilo Rasera. *O Culto Espiritual em Rm 12,1-2: um estudo exegético e teológico*. Dissertação Final de Mestrado Integrado em Teologia. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2018.
- Alday, Salvador Carrillo. *El Evangelio según Lucas*. Estella: Verbo Divino, 2009.
- Armellini, Fernando. *O Banquete da Palavra*. Prior Velho: Paulinas, 2006.
- Bailey, Kenneth E. *Poesia e o Camponês, Uma Análise Literária-Cultural das Parábolas de Lucas*. São Paulo: Vida Nova, 1985.
- Bento XVI. *Jesus de Nazaré*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007.
- Borges, Paulo. *Quem é o meu próximo?* S/c: Mahatma, 2014.
- Bovon, François. *El evangelio segun san Lucas I: Lc 1-9*. Salamanca: Sígueme, 1995.
- Bovon, François. *El evangelio segun san Lucas II: Lc 9,51-14,35*. Salamanca: Sígueme, 2002.
- Brown, Raymond E. *Introducción al Nuevo Testamento I*. Madrid: Trotta, 2002.
- Caldwell, Taylor. *Medico de Homens e de Almas*. Rio de Janeiro: Record, s/a.
- Carmona, Antonio Rodríguez. «La obra de Lucas (Lc-Hch)». Em Rafael Aguirre Monasterio - Antonio Rodríguez Carmona, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*. Estella: Verbo Divino, 1992.
- Carreira das Neves, Joaquim. *A Bíblia, o Livro dos Livros, Comentários ao Novo Testamento*. Braga: Editorial Franciscana, 2007.
- Carreira das Neves, Joaquim. *Evangelhos Sinópticos*. Lisboa: Universidade Católica, 2018.
- Carvalho, Tiago Samuel Lopes de. *A misericórdia que ultrapassa fronteiras: uma leitura sociológica da parábola do bom samaritano - Lucas 10.25-37*. Dissertação de Mestrado em Teologia. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2013.

- Champlin, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo, II: Lucas e João*. São Paulo: Hagnos, 2002.
- Childers, Charles L. «O Evangelho Segundo Lucas». Em Ralph Earle, Avery Elwood Sanner; Charles L. Childers. *Comentário Bíblico Beacon, Mateus a Lucas, vol 6*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- Coelho, Geraldo. «Culto». Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura VI*. (Lisboa: Verbo, 1967): 574-475.
- Coenen, Lothar e Bietenhard, Erich Beyreuther Hans. *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento I*. Salamanca: Sígueme, 1990.
- Coenen, Lothar e Bietenhard, Erich Beyreuther Hans. *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento II*. Salamanca: Sígueme, 1990.
- Coenen, Lothar e Bietenhard, Erich Beyreuther Hans. *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento IV*. Salamanca: Sígueme, 1994.
- Correia, João Alberto Sousa. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*. Lisboa: Universidade Católica, 2014.
- Darder, Francesc Ramis. *Lucas, evangelista da ternura de Deus: dez catequeses para descobrir o Deus da Misericórdia*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, S/a.
- Fitzmyer, Joseph Augustine. *El Evangelio según Lucas I: Introducción generalidad*. Madrid: Cristiandad, 1986.
- Fitzmyer, Joseph Augustine. *El Evangelio según Lucas II: Traducción y Comentario, Capítulos 1- 8,21* Madrid: Cristiandad, 1987.
- Fitzmyer, Joseph Augustine. *El Evangelio según Lucas III: Traducción y Comentario, Capítulos 8,22-18,14*. Madrid: Cristiandad, 1987.
- Fuentes, Miguel Ángel. *Comentario al Evangelio de San Lucas*. San Rafael: Apostolado Bíblico, 2015.

- George, Augustin. *Para ler o Evangelho de Lucas*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1979.
- Gonçalves, José. *Lucas o Evangelho de Jesus, o Homem Perfeito*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- Hendriksen, William. *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Lucas I*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- Hendriksen, William. *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Lucas II*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- Jeremias, Joachim. *Las Parabras De Jesus*. Estella: Verbo Divino, 1974.
- Jeremias, Joachim. *Jerusalen en Tienpos de Jesus*. Madrid: Cristiandad, 1980.
- Junior, Maurino M. N. *Exigências indispensáveis para ser discípulo de Jesus - Um estudo exegetico-teológico de Lc 14, 25-33*. Dissertação de Mestrado em Teologia Bíblica. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2017.
- Karris, Robert J. «O Evangelho Segundo Lucas». Em Brown, Raymond E.; Fitzmyer, Joseph A.; Murphy, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2011.
- Léon-Dufour, Xavier. *Vocabulario de Teología Bíblica*. Barcelona: Herder, 1965.
- Lohfink, Gerhard. *Las cuarenta parábolas de Jesus*. Estella: Verbo Divino, 2020.
- Lopes, Hernandes Dias. *Lucas: Jesus, o homem perfeito*. São Paulo: Hagnos, 2017.
- Lourenço, João Duarte. *O Mundo Judaico Em Que Viveu Jesus*. Lisboa: Universidade católica, 2005.
- MacArthur, John. *Lucas - Estudos bíblicos de John MacArthur*. Cambuci: Cultura Cristã, 2011.
- Marques, José António da Silva. «Culto». Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura VI* (Lisboa: Editorial Verbo, 1967): 572-473.

- Mesters, Carlos; Orofino, Francisco. *Crescer em Amizade: Uma Chave de Leitura Para o Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 2019.
- Morris, Leon Lamb. *O Evangelho de Lucas, Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- Neale, David A. *Novo Comentário Bíblico Beacon: Lucas 9-24*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2015.
- Neto, João B. Nunes Pereira. «Hospitalidade». Em *Enciclopedia Luso-brasileira de Cultura X* (Lisboa: Verbo, 1970): 527-527.
- Pereira, Isidro. *O Dicionário Português-Grego/Grego Português*. Braga: Apostolado da Imprensa, 1990.
- Radmacher, Earl; Allen, Ronald B.; House, H.Wayne. *O novo comentário bíblico NT, com recursos adicionais - A Palavra de Deus ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010.
- Reid, Daniel G. *Dicionário teológico do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- Reis, Martins dos. «Culto». Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura VI* (Lisboa: Verbo, 1967), 575-578.
- Robertson, Archibald Thomas. *Comentário de Lucas à Luz do Novo Testamento Grego*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.
- Ryle, John Charles. *Meditações no Evangelho de Lucas*. São José dos Campos: Fiel, 2002.
- Saulnier, Christiane; Rolland, Bernard. *A Palestina no tempo de Jesus [Cadernos Bíblicos 27]*. São Paulo: Paulus, 1983.
- Schmid, Josef. *El Evangelio según San Lucas*. Barcelona: Herder, 1968.
- Snodgrass, Klyne. *Compreendendo Todas As parábolas de Jesus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

- Stöger, Alois. *Evangelio Segun San Lucas I*. Barcelona: Herder, 1979.
- Tolentino Mendonça, José. *Elogio da Sede*. Lisboa: Quetzal, 2018.
- Tosatti, Marco. *Dicionário do papa Ratzinger – guia para o pontificado*. Lisboa: Paulus, 2010.
- Trese, Leo John. *A Fé Explicada*. São Paulo: Quadrante, 2011.
- Unger, Merrill F.; White Jr., Willian, «Dicionário Expositivo do Antigo Testamento». Em William Edwy Vine, Merril Frederick Unger, Willian White Jr. *Dicionário Vine - O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- Veigas, Inácio de. *Colóquios Bíblicos*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1966.
- Vine, William Edwy. «Dicionário Expositivo de Palavras do Novo Testamento». Em Willian Edwy Vine; Merril Frederick Unger; William White Jr. *Dicionário Vine - O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- Wiersbe, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento I*. Santo André: Geográfica, 2006.

4. Artigos

- Alonso, Marta López. «Jesús, Buen Samaritano». *Labor Hospitalaria*, no. 305, vol. XLV (Enero-Abril, 3013): 34-41.
- Andrade, Aíla Luzia Pinheiro de; Moraes, Augusto Lívio Nogueira de. «Viu, sentiu compaixão e cuidou dele (Lc 10,33-34)». *Encontros Teológicos*, no. 3, vol. 34 (set. - dez. 2019): 421-432.
- Casalegno, Alberto. «Pobreza e riqueza no evangelho de Lucas». *Perspectiva Teológica*, no. 50, vol. 20 (1988): 09-33.

- Equipe do Centro Bíblico Verbo. «Caminho aberto para o próximo: introdução ao evangelho de Lucas». *Vida Pastoral*, no. 292 (setembro-outubro de 2013): 3-10.
- Färber, Sonia Sirtoli. «Paroikos: genética e evolução do conceito de migrante». *Anais do Congresso Internacional da Faculdades da Escola superior da Teologia*, vol. 2 (2014): 523-536.
- Frizzo, António Carlos. «Parábola: uma catequese de atitude. O exemplo do bom samaritano (Lc 10,25-37)». *Vida Pastoral*, no. 332, ano 61 (março-abril de 2020): 12-19.
- Grenzer, Matthias. «Pastoreio e hospitalidade do Senhor Exegese do Salmo 23». *Atualidade Teológica*, no. 41, ano XVI (maio a agosto/2012): 301-321.
- Junges, Márcia; Montanlon, Alain. «A difícil e necessária dádiva da reciprocidade». *Instituto Humanitas Unisinos*, no. 499 (dezembro de 2016): 34-39.
- Kunz, Claiton André. «Reflexões sobre a parábola do bom samaritano». *Revista Teológica*, no. 10 (jan. 2016): 59-73.
- Lourenço, João Duarte. «Os Samaritanos: Um enigma na História Bíblica». *Didaskalia*, XV (1985): 49-72.
- Marques, Maria Antônia. «As parábolas em Lucas». *Vida Pastoral*, no. 292 (setembro-outubro de 2013): 29-36.
- Monzón, Antonia. «La parábola del Buen Samaritano: Sus Palabras, Sus Verbos». *Labor Hospitalaria*, no. 305, vol. XLV (enero-abril, 3013): 50-59.
- Paganotto, Diones Rafael. «A teologia bíblica da misericórdia: análise teológica do conceito de misericórdia na Sagrada Escritura». *Contemplação - Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da Faculdade João Paulo II*, no. 14 (2016): 168-190.

Pereira, Ney Brasil. «Misericórdia, amor, bondade: a misericórdia que Deus quer».

Encontros Teológicos, no. 71, vol. 30 (2015): 125-138.

Perondi, Ildo; Catenassi, Fabrizio Zandonadi. «Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto

de Deus no Evangelho de Lucas». *Cadernos Teologia Pública*, no. 118, vol. 13, ano XIII (2016): 03-27.

Perondi, Ildo. «Lucas: o evangelho da misericórdia». *Brasileira de Diálogo Ecumênico e*

Inter-religioso, no. 7, ano 5 (jan./dez. 2017): 72-81.

Rabuske, Irineu J. «O “bom” samaritano (Lc 10,29-37) Reflexões hermenêuticas a

propósito de Igrejas Samaritanas». *Teocomunicação*, no. 161, vol. 38 (set./dez. 2008): 327-337.

Rodrigues, Luís Miguel Figueiredo. «Fixar o olhar na Misericórdia, ser sinal eficaz do

agir do Pai». *Pastoral Catequética*, no. 34-35 (2016): 107-117.

Ulloa, Boris Agustín Nef. «Presença dos samaritanos na obra lucana (Lc-At) - Uma

análise de sua importância teológica na reconstituição de Israel realizada pelo Messias Jesus, o filho de Jacó». *Atualidade Teológica*, no. 41, ano XVI (maio a agosto de 2012): 359-370.

5. Netgrafia

Hospitalidade, Em: Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora,

2003-2021. Disponível na: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/hospitalidade>. [consultado 2021-12-21 23:54:58].

Greek Word Study Tool. Disponível na: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph>.

Novum Testamentum Graece (NA 28). Disponível na: [https://www.academic-](https://www.academic-bible.com/en/online-bibles/novum-testamentum-graece-na-28/read-the-bible-text/)

[bible.com/en/online-bibles/novum-testamentum-graece-na-28/read-the-bible-text/](https://www.academic-bible.com/en/online-bibles/novum-testamentum-graece-na-28/read-the-bible-text/).

Papa Francisco. «Não à cultura da indiferença» (Terça-feira, 8 de janeiro de 2019).

Meditações matutinas na santa Missa celebrada na Capela da casa Santa Marta.

Disponível na:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2019/documents/papa-francesco-cotidie_20190108_nao-cultura-indiferenciada.html. [consultado 2022-01-03 12:03:11].